

Universidade de Lisboa
Instituto de Educação



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

PROMOÇÃO DE AUTONOMIA EM CRIANÇAS
INSTITUCIONALIZADAS

Mariana da Silva Oliveira

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
Área de Especialização Desenvolvimento Social e Cultural

Relatório de Estágio Orientado pelas Professoras Doutoradas Carolina
Carvalho e Catarina Sobral

2018

Agradecimentos

Ao longo da vida apercebemo-nos que não estamos sozinhos no nosso percurso, existem sempre pessoas dispostas a percorrer o caminho connosco por mais longo que seja.

Agradeço aos meus queridos Pais por todos o amor, disponibilidade, carinho e atenção. Por me terem ensinado valores imprescindíveis para o meu sucesso e conquista. Por todas as palavras de força e persistência. Sem os meus pilares nada disto teria sido possível. Um muito obrigada pela força e apoio.

Agradeço ao meu namorado por caminhar ao meu lado sempre com um sorriso no rosto. Por todo o amor, afeto, paciência e dedicação. Por ter pedido tempo do seu dia para me ajudar em todas as questões que me atormentavam. Por estar ao meu lado nesta fase e por fazer parte das minhas vitórias consecutivamente.

Agradeço à minha Tia Paula e Avó, que mesmo distantes olharam por mim e me deram força. As minhas duas estrelas que iluminam todos os meus dias.

Agradeço às minhas crianças, por me terem deixado fazer parte da vida delas e quererem fazer parte da minha. Por me terem ensinado que a amizade não tem idade e por me terem ajudado na realização deste projeto.

Agradeço às colaboradoras do CAT por toda a disponibilidade, atenção e confiança.

Por fim, agradeço às minhas orientadoras, às professoras Catarina Sobral e Carolina Carvalho pela orientação dada e por me ajudarem a construir este percurso enriquecedor.

Todas as crianças com mais de cinco anos têm direito a desabafar.

Todas as crianças até aos onze ou doze anos têm direito a andar grátis no Carrocel quando estão de férias.

Todas as crianças têm direito a ver o mar verdadeiro, especialmente em dia de maré vazia.

Todas as crianças têm direito a, pelo menos uma vez na vida, escolher um chocolate que lhes apeteça.

Todas as crianças têm direito a terem orgulho na sua existência.

Todas as crianças têm direito a pensar e a sentir como lhes manda o coração, até serem velhas, aí com uns vinte anos.

Todas as crianças têm direito a terem em casa o Pai e a Mãe, os irmãos, se houver, e comida. Se o Pai e Mãe não conseguirem viver juntos têm direito a que cada um deles respeite o outro.

(...)

Todas as crianças têm direito a deitarem-se no chão para ver as nuvens passar, imaginando formas de todos os bichos do Mundo combinadas com as coisas que quiserem (por exemplo, um cão a andar de patins ou uma girafa de orelhas compridas).

(...)

Todas as crianças têm direito a dormir numa cama sua, sentindo o cheiro da roupa lavada, e a terem um espaço próprio na casa, pelo menos a partir do ano de idade.

Todas as crianças têm direito a passear na rua tentando pisar apenas o empedrado branco (ou só o preto); em opção, têm direito a fazer uma viagem contando quantos carros vermelhos passam na faixa contrária.

(...)

Todas as crianças têm direito a nascer iguais em direitos.

(...)

Todas as crianças têm direito a viver felizes e a ter paz nos seus pensamentos e sentimentos.

Pedro Stretch, 2016

Resumo

O Relatório de Estágio tem como tema a Promoção de Autonomia em Crianças Institucionalizadas, considerando-se uma problemática pertinente para o sucesso das crianças.

O estágio foi realizado numa zona periférica de Lisboa, num Centro de Acolhimento Temporário, privilegiando-se o trabalho com nove crianças em risco e perigo, com idades compreendidas entre os dois e os doze anos. O processo de institucionalização e o funcionamento dos Centros de Acolhimento Temporário são explorados ao longo do relatório.

O projeto desenvolvido teve como objetivo promover a autonomia, focando quatro tópicos gerais: a higiene pessoal, a alimentação, a autorregulação do comportamento e as relações interpessoais. Este projeto procurou ajudar as crianças a adquirirem hábitos de vida e a autoconhecerem-se enquanto pessoas.

Palavras-chave: Crianças em Risco e Perigo; Centro de Acolhimento Temporário; Autonomia; Higiene Pessoal; Alimentação; Autorregulação; Relações Interpessoais

Abstract

The subject of this report is the Promotion of Autonomy among Institutionalized Children. It is considered that this soft skill is essential for children's success and must be stimulated.

The project was developed during an internship that took place at a state-owned temporary shelter, in the suburbs of Lisbon, for neglected, abused or abandoned children. There were nine children, between two and twelve years old, living in this house. In this report, all the process that leads to the institutionalization of a child, such as the daily routine of the shelter, are characterized and explained.

The main goal of the project was to promote autonomy in four key aspects: personal hygiene, alimentation, self-control and interpersonal relationships. This will lead children to acquire healthier habits and deeper knowledge about themselves.

Keywords: Children at Risk or in Danger; Temporary Shelter for Children; Autonomy; Personal Hygiene; Alimentation; Self Control; Interpersonal Relationships

Lista de siglas utilizadas

CAFAP – Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental

CAT – Centro de Acolhimento Temporário

CDC – Convenção dos Direitos da Criança

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

CNPDPCJ – Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens

LIJ – Lar de Infância e Juventude

OMS – Organização Mundial de Saúde

PEI – Plano Educativo Individual

PPP – Processo 1 de Promoção e Proteção

SNS – Serviço Nacional de Saúde

Índice de Figuras

Figura 1 - Esquema simplificado da intervenção das CPCJ no sistema de promoção e proteção

Figura 2 - Pirâmide das necessidades de Maslow

Figura 3 – Organograma dos Técnicos da Instituição “A nossa Casa”

Índice de Tabelas

Tabela A – Rotinas e Dinâmicas Semanais

Índice

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Lista de siglas utilizadas

Índice de Figuras

Índice de Tabelas

Introdução 1

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo I – Institucionalização de Crianças e Jovens

1. Crianças Institucionalizadas 3

1.1. Crianças e Jovens em Risco e Perigo 3

1.2. Promoção e Proteção de Crianças e Jovens 5

1.3. Processos de Institucionalização 7

Capítulo II – Promoção de Competências Pessoais e Sociais

2. Promoção de Autonomia 10

2.1. A Autonomia 10

2.2. Relações Interpessoais 12

2.3. Autorregulação do Comportamento 13

2.4. Alimentação e Higiene 15

Parte II – Estágio “A Nossa Casa” Capítulo III – Contexto do Estágio

1. Caracterização da Instituição 18

1.1. Caracterização dos Técnicos 19

1.2. Caracterização das Crianças 21

1.3. Plano Educativo Individual 22

1.4. Rotina e Dinâmicas Semanais	24
--	----

Capítulo IV – Projeto de Estágio “Promoção de Autonomia em Crianças
Institucionalizadas”

1. Levantamento de Necessidades	27
2. Planificação das Atividades Desenvolvidas	27
3. Descrição e Reflexão das Atividades	30
Considerações Finais	57
Referências Bibliográficas	60

Índice de Anexos

Documentos Consultados da Instituição

Anexo A – Plano Educativo Individual	66
Anexo B – Visitas	72
Anexo C – Mapa de Visitas	73
Anexo D - Avaliação da Saída do CAT	74
Anexo E – Termo de Responsabilidade	75
Anexo F – Registo Diário do Comportamento	76

Materiais de Apoio às Atividades

Atividades Alimentação	77
Atividade Emoções	78
Atividade Empatia	79

Notas de Campo	85
----------------------	----

Introdução

Quando se fala em crianças institucionalizadas dirigimo-nos a problemáticas associadas ao abandono, à negligencia, aos maus-tratos e carências. Caracterizam-se como vítimas marcadas pela instabilidade que a vida lhes proporcionou. A falta de autoestima, de competências, de disciplina, de autonomia são pontos que devem ser vinculados e fulcrais para o seu desenvolvimento positivo.

Face a este grupo de crianças e realidade que estas portam, é necessário que se aja com as mesmas e que se criem condições capazes de lhes promover tudo o que lhes foi possivelmente negado. É neste ponto que se centra o trabalho, na procura de soluções para se promover e desenvolver a capacidade destas crianças, de modo a conseguirem adquirir competências no âmbito pessoal e social, tornando-as autónomas e solidárias com o futuro.

De modo a alcançar resultados positivos, foi imprescindível perceber as necessidades e os problemas reais que as crianças precisavam que fossem desmistificados e resolvidos. Deste modo, surgiram questões que precisam de ser respondidas:

1. Quais os motivos para a institucionalização destas crianças?
2. Quais as competências mais estimuladas e as menos estimuladas na Instituição?
3. Que estratégias podem ser adaptadas para a promoção de autonomia?

Após estas questões, defini como objetivos, conhecer o percurso destas crianças na sua institucionalização e perceber quais as competências que precisam de ser mais estimuladas para promover a autonomia das crianças e as inserir na sociedade.

O presente relatório foi realizado numa Casa de Acolhimento Temporário, numa zona periférica de Lisboa. O objetivo de fazer o estágio nesta Instituição foi perceber como uma Instituição desta natureza funcionava, puder auxiliar e criar laços com as crianças e pensar com elas quais os problemas que podiam ser resolvidos no seu dia-a-dia.

Este projeto iniciou-se em Setembro de 2017 até Maio de 2018, onde acompanhava este grupo de crianças em vários momentos ao longo da sua rotina diária. Com o intuito de

puder conhecer toda a sua rotina estes horários eram intercalados, pois existiam dias em que conseguia estar com um maior número de crianças.

O presente trabalho é constituído por duas partes, uma relativa ao enquadramento teórico e outra apresenta o projeto realizado na Casa de Acolhimento Temporário. Uma primeira parte divide-se em dois capítulos, o primeiro desenvolve a temática da institucionalização de crianças e jovens onde aborda três tópicos, crianças e jovens em risco, promoção e proteção de crianças e jovens e os processos de institucionalização. O segundo capítulo vai de encontro à promoção de autonomia onde se aborda tópicos relativos à autonomia, às relações interpessoais, gestão do próprio comportamento e alimentação e higiene. Na segunda parte do presente relatório esta divide-se por dois pontos, em que o primeiro capítulo remete-se para a caracterização da Casa de Acolhimento Temporário, a caracterização do público-alvo, dos técnicos, o projeto educativo individual e as dinâmicas e rotinas semanais. No segundo capítulo consta o levantamento de necessidades e as atividades descritas e a reflexão das mesmas. Por fim, apresenta-se as referências bibliográficas e os anexos.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo I – Institucionalização de Crianças e Jovens

1. Crianças Institucionalizadas

1.1 Crianças e Jovens em Risco

Em 20 de Novembro de 1989, as Nações Unidas adotaram por unanimidade a Convenção sobre os Direitos da Criança e foi validado por Portugal a 21 de Setembro de 1990. A criação dos Direitos da Criança recaiu sobre quatro tópicos: não discriminação; sobrevivência e desenvolvimento; respeito pela opinião da criança e interesse superior da mesma.

A não discriminação foca-se na ideia de que todos os direitos se aplicam em todas as crianças independentemente da “raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra da criança, de seus pais ou representantes legais ou da sua origem nacional, étnica ou social, fortuna, incapacidade, nascimento ou de qualquer outra situação.”

(Convenção dos Direitos da Criança, 2004, p. 6)

A sobrevivência e desenvolvimento diz-nos que todas as crianças têm o direito à vida e que o seu desenvolvimento passa pela saúde física, desenvolvimento mental, emocional, cognitivo, social e cultural de cada criança (Convenção dos Direitos da Criança, 2004).

O respeito pela opinião da criança clarifica que a sua opinião deve ser livre e tomada em consideração, “de acordo com a sua idade e maturidade” (Convenção dos Direitos da Criança, 2004, p. 10), assegurando à criança a liberdade e oportunidade de ser ouvida no decorrer dos processos judiciais e administrativos.

O interesse superior da criança explica que todas as resoluções que exponham a criança, desde decisões tomadas por instituições públicas ou privadas de proteção social, tribunais ou órgãos legislativos, têm de ter primeiramente em conta o interesse superior da criança (Convenção dos Direitos da Criança, 2004).

Tornando-se um desafio para a sociedade, a assinatura de 191 países foi importante para que a mudança fosse notória. Assistiu-se a uma gradual perceção dos Direitos da Criança, olhando para esta como um ser autónomo.

Inerente à Convenção dos Direitos da Criança, aparecem os conceitos de mau trato, perigo e risco. Estes conceitos começaram a ganhar destaque no final do séc. XIX nos Estados Unidos e intensificaram-se após a primeira Guerra Mundial, onde se

começa a olhar e desenvolver a ideia de proteção da criança (Giovannoni, 1989; Zigler & Hall, 1989).

O conceito de mau trato apresenta-se como um tema complexo e multifacetado. Segundo Alberto (2006) “os maus-tratos infantis apresentam-se como uma forma muito peculiar de violência, não sendo um conceito claro e partilhado por todos da mesma forma, devido a fatores socioculturais e aos referenciais pessoais” (p. 4).

Segundo Calheiros, Garrido & Santos (2012) existem várias tipologias do mau trato que podem ser definidas por abuso, negligência, abuso sexual, exploração, dano físico e/ou mental. As autoras procuram distinguir e esclarecer o que entendem por negligência e mau trato. Deste modo, elas diferenciam o mau trato como os atos praticados e a negligência como a omissão dos atos, em que ambos os conceitos suportam diferentes repercussões sejam elas psicológicas e físicas.

Por sua vez, o Serviço Nacional de Saúde (SNS), explora o conceito de negligência e mau trato dividindo o mau trato em dois eixos, o físico e psicológico/emocional. Indo de encontro aos autores acima referidos, a negligência caracteriza-se pela incapacidade de proporcionar à criança ou jovem a satisfação das necessidades básicas como a higiene, alimentação, educação, afeto e saúde para o crescimento e desenvolvimento do mesmo. O mau trato físico caracteriza-se por uma ação não acidental, isolada ou repetida, infligida pelos pais ou representantes legais que provoque ou possa provocar dano físico. O mau trato psicológico/emocional caracteriza-se pela privação de um ambiente tranquilo e de bem-estar afetivo fundamental ao crescimento, desenvolvimento e comportamento equilibrado da criança/jovem (Serviço Nacional de Saúde).

Articulando com o mau trato e a negligência, aparece os conceitos de risco e perigo como sendo conceitos difíceis de dissociar. Para a Comissão de Proteção e Promoção das Crianças e Jovens, o conceito de risco implica a exposição a uma situação potencialmente perigosa, isto é, que comprometa os Direitos da Criança. Para estas situações, a intervenção tem como objetivo a prevenção de situações de perigo. A manutenção e intensificação dos fatores de risco podem levar a uma situação de perigo concreto para a criança sendo que, quando o conceito de perigo surge é necessária a proteção e intervenção para remover o estado de perigo em que a criança se encontra. Segundo a Lei 147/99, caracteriza-se perigo para a criança ou jovem quando esta:

“está abandonada ou vive entregue a si própria; sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais; não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal; está aos cuidados de terceiros, durante o período de tempo em que se observou o estabelecimento com estes de forte relação de vinculação e em simultâneo com o não exercício pelos pais das suas funções parentais; é obrigada a atividade ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento; está sujeita, de forma direta ou indireta a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional; assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação.” (Lei 147/99, art.º 3)

Devido a este conjunto de situações de risco e, essencialmente, perigo criou-se a necessidade de construir um órgão governamental que assegure a proteção destas crianças.

1.2 Medidas de Promoção e Proteção

O modelo de promoção e proteção de crianças em risco, em vigor desde Janeiro de 2001, incentiva à cooperação ativa entre a comunidade e o Estado de modo a estimular o desenvolvimento social. É neste âmbito que surgem as Comissões de Proteção da Criança e do Jovem que se apresentam como “instituições oficiais não judiciárias com autonomia funcional que visam promover os direitos da criança e do jovem e reverter ou pôr termo a situações suscetíveis de afetar a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento integral.” (Comissão Proteção Crianças e Jovens)

A legitimidade destas intervenções é conferida pelo Art.º 3 da Lei 147/99. Segundo este artigo, a intervenção “tem lugar quando os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto ponham em perigo a sua segurança, saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulte da acção ou omissão de terceiros ou da própria criança ou jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo.” (Lei 147/99, Art.º 3)

De acordo com o Diário da República, 1ª série do Artigo n.º4 de 2015 estas intervenções têm de obedecer a determinados princípios:

“interesse superior da criança e do jovem, em que tem de se respeitar o interesse e direito da criança; privacidade, onde se deve respeitar a intimidade e o direito à vida privada da criança; intervenção precoce, identificar logo o perigo para a intervenção ser realizada; intervenção mínima, deve apenas atuar e participar as entidades e instituições indispensáveis à intervenção; proporcionalidade e atualidade, a intervenção tem de ser necessária e adequada à situação de perigo; responsabilidade parental, a família tem de ser responsável e assumir os seus deveres; prevalência da família, dar a prioridade às medidas de integração da criança na sua família e quando isto não for possível a sua adoção; obrigatoriedade da informação, todos os envolvidos no processo de intervenção devem de ser informados dos seus direitos e dos principais motivos para a mesma; audição obrigatória e participação, a criança e todos os envolvidos têm o direito de ser ouvidos e participar nos atos e na definição da medida de promoção dos direitos e de proteção; subsidiariedade, a intervenção deve ser efetuada sucessivamente pelas entidades com competência em matéria da infância e juventude, pelas comissões de proteção de crianças e jovens e, em última instância, pelos tribunais.”

(Comissão de Proteção Crianças e Jovens)

Segundo o Artigo n.º 35, as medidas de promoção e proteção repartem-se em medidas aplicadas em meio natural de vida que visam o apoio junto dos pais, apoio junto de outro familiar, confiança a pessoa idónea, e de apoio para autonomia de vida. Caso esta medida não se torne eficaz existe outra alternativa de colocação que passa pelo acolhimento familiar, acolhimento residencial ou adoção da criança (Lei 147/99).

De modo a promover os direitos e a retirar as crianças em perigo existem seis tipos de respostas sociais que lhes são apresentados, sendo estas:

Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental (CAFAP), colabora junto das famílias e destina-se à prevenção e reparação de situações de risco psicossocial através do desenvolvimento de competências parentais. (Segurança Social, 2016)

Equipa de Rua de Apoio a Crianças e Jovens, destina-se ao apoio das crianças em perigo que estejam desintegradas da família e que apresentem comportamentos desviantes. Esta resposta apenas é dada quando não existe qualquer apoio institucional. (Segurança Social, 2016)

Acolhimento Familiar, proporcionam às crianças e jovens apoio em meio familiar respondendo às suas necessidades para que haja um desenvolvimento integral. Este processo passa pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens ou Tribunal. Destinam-se a crianças e jovens até aos 18 anos. (Segurança Social, 2016)

Centro de Acolhimento Temporário (CAT) e o Lar de Infância e Juventude (LIJ), centram-se na institucionalização da criança de modo a afastar o perigo em que a criança se encontra. Este processo passa pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens ou Tribunal. Destinam-se a crianças e jovens até aos 18 anos. (Segurança Social, 2016)

Apartamento de Autonomização, são apartamentos criados para jovens responsáveis capazes de mobilizar recursos de modo a capacitá-los progressivamente para a autonomia de vida. Destinam-se a jovens com idades compreendidas entre os 15 e 21 anos. (Segurança Social, 2016)

Saliento que o tribunal apenas atua quando a intervenção das comissões de proteção não tem o consentimento dos pais, representante legal ou de quem tenha a guarda de facto.

1.3 Processos de Institucionalização

O processo de institucionalização principia-se quando se identifica uma criança em perigo no seio da sua família. O ponto principal é elaborar um diagnóstico para averiguar o perigo a que a criança poderá estar sujeita. Caso haja intervenção dos técnicos com a família de modo a minorar o perigo na criança, esta não fica institucionalizada. (Pires, 2001)

A execução e a aplicação de medidas de promoção e proteção são exclusivamente dadas pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens ou pelos Tribunais. Estas medidas acima referidas, podem ser praticadas em meio natural de vida ou em regime de colocação, ou seja, na inclusão da criança numa Instituição. No Artigo n.º 57 da Lei de Promoção de Crianças e Jovens em Perigo (LPCJP) observamos as suas diferenças:

A medida em meio natural de vida tem de incluir os cuidados de alimentação, higiene, saúde e conforto a prestar; a identificação do responsável pela criança; o plano de escolaridade, formação profissional, trabalho e ocupação de tempos livres; apoio económico a prestar, sua modalidade, duração e entidade responsável pela atribuição. O regime de colocação inclui a modalidade de acolhimento e o tipo de família ou de lar; os direitos e deveres dos intervenientes; a periodicidade das visitas; os gastos necessários com a criança e jovem; a periodicidade e o conteúdo das informações a prestar às entidades administrativas e às autoridades judiciais, bem como a identificação da pessoa ou entidade responsável por reunir esta informação.

Este processo está patente na Fig. 1

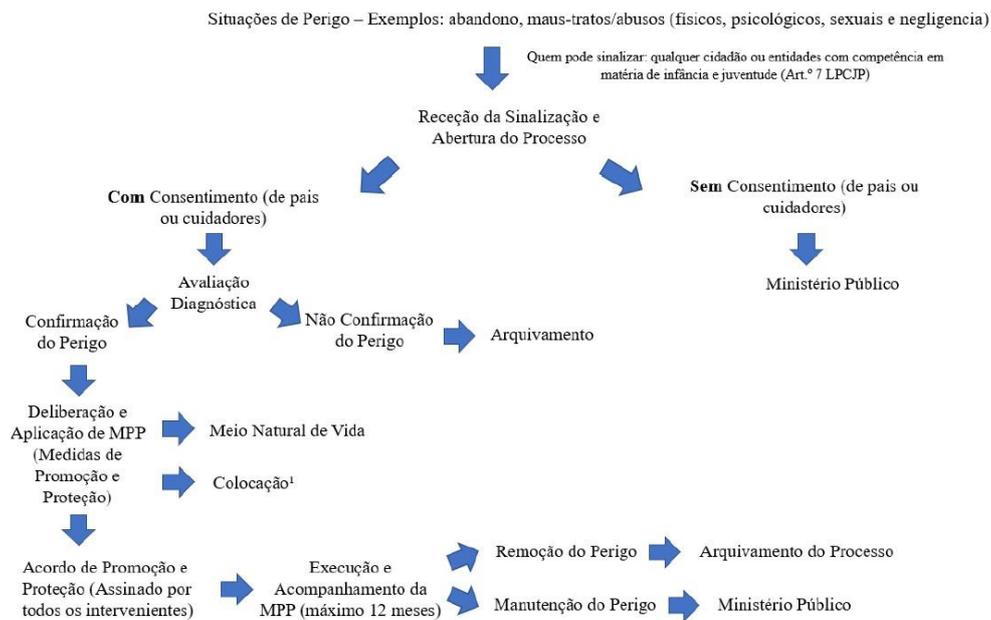


Figura 1: Esquema simplificado da intervenção das CPCJ no sistema de promoção e proteção

Fonte: Adaptado site CPCJ

Os critérios para a colocação passam por: se existe disponibilidade de vaga no CAT; a área geográfica de proveniência das crianças; as problemáticas das crianças; o

seu historial de colocações anteriores; a idade das crianças; o género das mesmas.

(Segurança Social, 2016)

O processo de promoção e proteção (PPP) é individual. Segundo o Artigo n.º 78 este processo é distribuído a um técnico da Comissão de Proteção ou a entidades designadas pelo Tribunal.

O processo inicia-se com a admissão da criança, seguidamente pede-se toda a documentação e informação relacionada à saúde e escola, acompanha-se na Instituição a crianças nos primeiros dias observando a sua interação de modo a responder a necessidades criando um projeto de vida enquanto a mesma esteja institucionalizada. Após a Institucionalização cria-se um projeto de vida que consiste numa recriação do sujeito que envolve vários agentes, segundo Velho (1994) ele compara um projeto de vida a uma metamorfose, para ele “projeto de vida é a antecipação do futuro dessa trajetória e biografia, no sentido em que se procura, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais poderão ser atingidos (...) o projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, noutras palavras, à própria identidade” (p. 101). Assim, a relação entre projeto de vida e a criação da própria identidade é ter a capacidade de criar uma trajetória com o passado e o presente de modo a preparar o futuro, fornecendo as ferramentas necessárias para que consiga a criança ou jovem consiga expressar interesses, aspirações e objetivos.

Por fim, após a criação do projeto de vida e a sua implementação é realizada uma análise com a família, de modo a verificar se existem condições de segurança para a criança voltar para o seio familiar. Caso haja condições existe um acompanhamento para a criança e para a família.

Se a integração com a família não for possível, esta é encaminhada para o acolhimento prolongado num Lar de Infância e Juventude onde é acompanhada e avaliada de modo a regressar à sua família. Caso não seja possível nenhuma das duas condições acima referidas, a criança deve ser adotada ou integrada na sua família alargada (Pires, 2011).

Capítulo II – Promoção de Competências Pessoais e Sociais

2. Promoção de Autonomia

2.1 A Autonomia

A autonomia advém da origem grega cujo significado se relaciona com a ideia de independência, liberdade e autossuficiência. Para a Filosofia, esta é caracterizada pela liberdade do indivíduo em conseguir gerir a sua vida racionalmente e de acordo com as suas próprias escolhas. Para a educação o conceito autonomia é interpretado como um processo de construção do ser. (Avila & Jesus, s.d.)

Remetendo o meu discurso para a área da Educação, Freire (1996) explica que “a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.” (p. 41) Deste modo, este conceito é demonstrado como um conceito a longo prazo, que se constrói durante todo o ciclo da vida. É necessário que seja estimulado e ensinado de modo a que no futuro exista liberdade e respeito tanto por si como pelo outro.

Sendo a autonomia um processo de aprendizagem e de consciência individual, Freire (1983) aponta à ideia de que “no processo de aprendizagem só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido apreendido a situações existências concretas” (p. 16). Freire explica ainda, que é necessário haver uma interação com diferentes meios, de modo a estimular o autodesenvolvimento, a autoaprendizagem e a autorregulação de cada indivíduo.

Segundo a pirâmide de necessidades de Maslow (citado por Alves 2007), esta tem o intuito de clarificar as necessidades e distinguir a dependência entre elas. Esta pirâmide tem por base as necessidades primárias como as necessidades fisiológicas e de segurança e de seguida as necessidades secundárias como as necessidades sociais e de afeto, autoestima e autorrealização. Como podemos ver na figura 3:



Figura 2: Pirâmide das necessidades de Maslow

Fonte: Alves (2007, p. 168)

Segundo Ramos (2008) as teorias de Emmanuel Kant e Jonh Stuart Mill influenciaram o conceito de autonomia. Para Kant, a autonomia aparece no reconhecimento, no sentido em que todas as pessoas têm de ser valorizadas e ter a capacidade para decidir. Mill defende a autonomia como o individualismo determinante na vida das pessoas desde que esta não interfira na liberdade dos outros. Por outro lado, Reichert e Wagner (2007) explicitam que a autonomia e a independência devem ser dissociadas. É neste ponto que entra a importância da família para esta construção ativa. Para Bronfenbrenner (2002) a relação da família torna-se importante para abordar a relação acima descrita, devido à sua ideologia de que o desenvolvimento passa por um processo de participação, integração e reestruturação. Ou seja, este desenvolvimento surge de diversos contextos e sistemas ecológicos: o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema.

Segundo a Teoria Ecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner, o microsistema assenta nos contextos onde os indivíduos participam ativamente e onde estabelecem interações cara-a-cara (escola, família, amigos); o mesossistema recai nas inter-relações entre os contextos onde o indivíduo participa ativamente; o exossistema aponta para os contextos onde ocorrem situações que afetam ou são afetadas pelo ambiente imediato onde o sujeito se desenvolve; e por fim, o macrosistema diz respeito aos padrões de cultura que afetam os outros subsistemas como as crenças e os valores.

Noom (1999) por sua vez, define a autonomia como a habilidade de conduzir a sua própria vida através de metas, capacitando-os a desenvolver sentimentos de competência e habilidades de modo a regular as suas próprias ações. Dickinson (1995) descreve a autonomia como uma atitude, ou seja, à capacidade de a criança aprender de forma independente.

Em suma, a promoção de autonomia com crianças e jovens institucionalizados deve de assentar na própria condição dos jovens, no conhecimento do passado e em ajudar estas crianças de modo a não existir um desequilíbrio na vida delas, habilitando-as a vários níveis para o futuro. É assim, um processo na construção individual que se estimula diariamente. (Avila & Jesus, s.d.)

3.2. Relações Interpessoais

As relações interpessoais assumem um papel fulcral no que toca ao desenvolvimento e à aprendizagem humana. Estas relações apresentam-se cada vez mais complexas e precisas nos dias de hoje para que se consiga lidar com os desafios apresentados pela sociedade, deste modo, “o ponto de partida dessa busca está no próprio homem. Mas, como não há homem sem mundo, o ponto de partida da busca se encontra no homem-mundo, isto é, no homem em suas relações com o mundo e com os outros.” (Freire, 1997, p. 12)

Quando falamos em relações interpessoais apercebemo-nos que estas estão presentes em todos os segmentos sociais, pois ocorrem dentro de uma sociedade e de uma cultura (Garcia, Pereira & Oliveira, 2013). É através da ligação de vários contextos e das relações interpessoais que as crianças vão adquirindo competências bem como ter a noção da sua importância.

“Os vínculos afetivos começam a ser construídos a partir da confiança que a criança estabelece com seus pares (criança/criança; criança/adulto; adulto/criança)”. (Oliveira & Cruz, s.d.) Deste modo, quando se fala de crianças institucionalizadas temos a percepção de que alguns dos vínculos afetivos foram fracassados, como tal esta área precisa de ser estimulada, estabelecida e fortificada para que se obtenha o sucesso destas crianças nas relações interpessoais.

Para Caballo (1996, citado por Bolsoni-Silva & Marturano, 2002) as relações interpessoais caracterizam-se como comportamentos socialmente habilidosos, ou seja, a capacidade de expressar através de atitudes, sejam eles positivos ou negativos, opiniões, desejos sendo capaz de respeitar a si próprio e aos outros. Se o indivíduo adquirir este tipo de comportamento existe uma resolução de problemas imediata e uma prevenção de problemas no futuro, promovendo e determinando as relações interpessoais.

Caballo (1996, citado por Bolsoni-Silva & Marturano, 2002) reforça a ideia da importância dos comportamentos socialmente habilidosos através das seguintes capacidades “iniciação e manutenção de conversações; falar em grupo; expressar amor, afeto e agrado; defender os próprios direitos; solicitar favores; recusar pedidos; fazer e aceitar cumprimentos; expressar justificadamente quando se sentir molestado, enfadado, desagradado; saber se desculpar ou admitir falta de conhecimento; pedir mudança de comportamento no outro e saber enfrentar as críticas recebidas”.

Para Leite (2010), as relações interpessoais são vistas como um “processo de interação constante, em que vemos através dos outros, e em que vemos os outros através de nós mesmos” (p.319).

Importa referir que as relações interpessoais determinam também a própria aprendizagem da criança, pois “ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas a partir de uma relação vincular, portanto, é através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e apropria-se ou constrói relações sociais que influem na relação do indivíduo com os objetos, lugares e situações.” (Tassoni, 2000, citado por Alencar, s.d.)

Em suma, as relações interpessoais têm como pressuposto a presença de pelo menos duas pessoas, dando a oportunidade de diferentes contactos e aprendizagens, promovendo experiências e interações capazes de adequar comportamentos e atitudes de modo a tornar-nos mais humanos para responder às exigências que o presente e o futuro nos apresentam.

2.3 Autorregulação do Comportamento

O conceito de comportamento segundo o dicionário da Porto Editora, significa uma resposta de um indivíduo a uma situação, ou seja, a capacidade que uma pessoa

tem para agir ou reagir em determinado momento da sua vida. Batomé (2013), caracteriza o comportamento como um conceito mais amplo, para ele, este tem de se interligar com outros conceitos como “estímulo”, “resposta”, “relação”, “interação”, “contingências” entre outros.

Indo de encontro à capacidade de a criança gerir o próprio comportamento aparece um conceito de autorregulação. Para Linhares & Martins (2015) autorregulação define-se como a capacidade do indivíduo, perante estímulos positivos ou negativos, controlar as emoções e comportamentos. Por sua vez, Cordeiro (2015) o conceito de autocontrole define-se como o ato de a criança ser capaz de refletir antes de agir perante uma situação.

Para Rosário (2004, citado por Conde, 2017, p. 37) a autorregulação é “entendida como um processo ativo em que os sujeitos estabelecem os objetivos que norteiam a sua aprendizagem, tentando monitorizar, regular e controlar as suas cognições, motivação e comportamento com o intuito de os alcançar”.

Para Zimmerman (1989, citado por Conde, 2017)) a autorregulação define-se “por um sistema dinâmico e aberto que envolve ativamente a participação dos intervenientes na sua aprendizagem”. O autor caracteriza o processo de autorregulação por três fases: a fase prévia, a fase do controlo volitivo e a fase da autorreflexão. A fase prévia diz respeito ao momento em que nos preparamos para a ação, ou seja, é neste ponto de partida que se toma a decisão sobre a maneira como vamos agir e responder definindo objetivos e estratégias. A fase do controlo volitivo vai de encontro à concretização dos objetivos pré-definidos. Nesta etapa sobressaltam dois aspetos, o autocontrole e automonitorização. A última fase, a autorreflexão implica uma avaliação, capacitando a criança a selecionar a melhor estratégia para conseguir os seus objetivos (Conde, 2017).

O desenvolvimento da autorregulação tem ainda implicações a nível das emoções. Brazelton & Sparrow (2013) referem que para a criança ser capaz de respeitar o outro, tem de conhecer e compreender inicialmente as suas próprias emoções. Ou seja, após a fase inicial do autoconhecimento, as crianças têm de conseguir refletir, expressar, envolver, criando empatia com os outros.

A autorregulação tem de se apresentar como um conceito ativo e autónomo na aprendizagem ao longo da vida. Rosário & Almeida (2005) explicam que “a aprendizagem deve, acima de tudo, significar a construção de destrezas cognitivas e conhecimento, significando a apropriação de mecanismos de busca e seleção de

informação, assim como de processos de análise e resolução de problemas, que viabilizem a autonomia progressiva do aluno no aprender e no realizar, os quais se prolongam por toda a vida” (p. 144).

Por outro lado, se a criança apresentar dificuldades no desenvolvimento da autorregulação, pode desencadear problemas nas competências sociais e problemas na sua aprendizagem (Eisenberg, 2005).

Para além destes conceitos, Alberti e Emmons (1978) remetem três dimensões do comportamento com o outro: assertivo, não assertivo e agressivo. A assertividade caracteriza-se pela capacidade de um indivíduo conseguir exprimir sentimentos e pensamentos de forma correta, isto é, ter a capacidade de falar corretamente, ouvir para responder. A não-assertividade sucede quando o indivíduo não exprime os sentimentos e pensamentos, levando o expor a sua relação com o outro. Deste modo, pode levar à sua auto desvalorização e à incapacidade de alcançar objetivos com o outro. Por sua vez, a agressividade atinge objetivos desejados capaz de desvalorizar e magoar o outro facilitando repercussões futuras.

Em jeito de conclusão, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que os serviços de saúde tenham em conta as “habilidades de vida”, ou seja, incentiva e promove habilidades sociais, sendo elas a empatia, comunicação, a emoção e stresse, solução de problemas e tomada de decisão. (Del Prette & Zilda, 2017)

2.4 Alimentação e Higiene

Segundo uma conferência da Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1988 em Ottawa, a promoção da saúde é um processo que tem como objetivo capacitar os indivíduos e a comunidade para controlarem e melhorarem a saúde de forma a atingir um bem-estar físico, mental e social. Para que se cumpra e garanta estas condições básicas é necessário advogar, capacitar, mediar e construir políticas saudáveis, de modo a criar ambientes favoráveis, a reforçar a ação comunitária, a desenvolver competências pessoais reorientando os serviços de saúde em direção ao futuro.

Salleras Sanmarti (1985) define saúde como o nível mais elevado de bem-estar físico, mental e social dentro dos fatores sociais onde estão inseridos os indivíduos e as comunidades.

Dejours (1995, citado por Santos, Parente, Ribeiro & Pontes, 2015) define a saúde como a capacidade individual de lutar e criar um projeto de vida visando o bem-estar. De certa forma, estamos perante um processo centrado nos indivíduos interligado com contexto em que estão inseridos.

Remetendo para a aquisição de práticas alimentares saudáveis, esta é importante ser ensinada e praticada na criança para se notar resultados enquanto adultos. Segundo a Direção Geral de Saúde (OMS) a alimentação “assegura a sobrevivência do ser humano; fornece energia e nutrientes necessários ao bom funcionamento do organismo; contribui para a manutenção do nosso estado de saúde físico e mental; desempenha um papel fundamental na prevenção de certas doenças (...) e contribui para o adequado crescimento e desenvolvimento das crianças e adolescentes”. Em razão disso e inerentes a todos os problemas físicos, as crianças que não obtêm uma alimentação saudável podem apresentar ainda limitações a nível intelectual.

Os conhecimentos e as práticas alimentares que a criança tem no seu quotidiano nem sempre são as melhores para o seu desenvolvimento. A aquisição de práticas saudáveis vai ocorrendo ao longo do seu crescimento e após ser adquirida esta prática, a criança toma consciência sobre a sua própria alimentação conseguindo identificar os alimentos que deve ou não comer, bem como a sua frequência (Rodrigues, Camargo, Barim & Dias, 2011).

Para além das práticas da alimentação, a higiene pessoal é essencial para uma melhor qualidade de vida.

Segundo Freitas (2014), a higiene advém da palavra origem grega “hygieinós” que significa limpeza e asseio. Citando Ribeiro (2010) a “higiene é a ciência que visa à preservação da saúde e à prevenção de doença”. A higiene segundo Ribeiro (2010) centra-se em dois aspetos, a higiene mental e física. A mental relaciona-se com o bem-estar da mente salientando a importância do passear, brincar na rua e descansar. A física recai no bem-estar do corpo dando importância a cuidados como escovar dentes, pentear cabelo, lavar as mãos e tomar banho.

Estas práticas devem de ser inculcadas nas crianças desde cedo mostrando a importância dos hábitos saudáveis. Como tal, é imprescindível que esta temática seja estimulada na infância de modo a evitar doenças e falta de hábitos higiénicos. Faria e Monlevade (2008, citado por Freitas, 2014, p. 21) “(...) uma coisa é ensinar a higiene e saúde.

Outra coisa é agir no sentido de que nossos alunos adquiram, reforcem ou melhorem hábitos, atitudes e conhecimentos relacionados com higiene e saúde.”

Dewey, (1954) refere a higiene como um hábito automático adquirido pela repetição e pelo reforço, “a) automatismo adquirido, isto é, reação sempre igual, porém involuntária, acompanhada ou não de consciência. Ex.: aprendemos a levar o copo com água à boca, sem prestar atenção, mas sem entornar a água. b) repetição ou exercício, isto é, reprodução da “situação estimuladora de modo a produzir os mesmos movimentos úteis e inibir os inúteis”. c) presteza e eficiência, isto é, rapidez e adaptação e adequação da resposta. Esta é uma das características mais mensuráveis porque pode facilmente ser apreciada pela “curva de rendimento””. (p. 48)

A higiene é vista como cultura do indivíduo, e não basta ensinar é preciso que a criança inconscientemente faça, segundo Fontenelle, (1930, citado por Metelski, s.d.) “por hábito, sem pensar, que proceda o indivíduo, em todos os actos, de modo a beneficiar a saúde: é o que se consegue a educação hygiênica, particularmente importante nas primeiras idade da vida.”

Em suma, alimentação e higiene são hábitos que devem ser inculcados nas crianças desde cedo de modo a que as mesmas consigam aprender hábitos saudáveis visando uma vida de equilíbrio, consciencializando a criança a um estilo de vida mais saudável, tendo como propósito o bem-estar e a sua autorrealização.

Parte II – Estágio “A Nossa Casa”

Capítulo III – Contexto do Estágio

Neste ponto pretendo falar sobre a caracterização da Instituição, das crianças e dos funcionários. Toda a informação foi retirada de documentos internos da instituição, de observações e notas de campo que contém conversas informais relevantes para a caracterização.

Por forma a manter o anonimato relativo à Instituição, os nomes da Instituição, das crianças e das funcionárias não são mencionados, respeitando os mesmos. Deste modo, o nome “A nossa Casa” é fictício e em todas as notas de campo, as crianças e funcionárias são nomeados através de letras.

1. Caracterização da Instituição

O Centro de Acolhimento Temporário “A nossa Casa”, encontra-se localizado numa área periférica de Lisboa. As suas instalações foram oferecidas por uma Câmara Municipal, nos finais dos anos 80. Esta é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que presta serviços e promove o bem-estar e qualidade de vida de crianças e jovens em risco/perigo.

“A Nossa Casa” tem como missão promover e divulgar os Direitos da Criança e Jovens, acolhendo vítimas de negligência física, emocional e educacional. Esta entra em acordo com a criança e a família, produzindo uma intervenção que vá de encontro ao projeto de vida e a promoção de autonomia. A sua visão passa por garantir que todas as crianças e jovens sejam reconhecidos e os seus Direitos assegurados. E os valores: promover e proteger os Direitos das Crianças e Jovens; prevalecer o Interesse Superior da Criança; prevalecer a Parentalidade Positiva; respeitar o tempo útil da criança e jovem; garantir qualidade no acolhimento; promover soluções inovadoras e criativas a favor das crianças e jovens; transparência na atuação; promover autonomia e inserção comunitária dos mesmos; promover a abertura à comunidade e contribuir para o desenvolvimento social.

A instituição acolhe doze crianças de ambos os sexos, com idades entre os primeiros dias/meses/semanas de vida e os doze anos, que se encontrem em perigo. Deste modo,

tem como objetivos promover, organizar e dinamizar serviços comunitários de apoio à criança, ao jovem e à sociedade familiar; e, dinamizar formação especializada nas áreas de proteção, acolhimento e acompanhamento, a técnicos ligados à problemática das crianças e jovens em risco.

A instituição situa-se num prédio, tendo todo o piso do rés do chão à sua disposição. Esta tem, uma enorme sala que se divide numa parte de lazer e outra para fazerem as refeições, nas paredes da sala existem ainda armários embutidos que têm material escolar e roupas. Tem uma cozinha e duas despensas, uma que tem tudo relacionado com alimentação e a outra com produtos de higiene. Existem três gabinetes, um para a Diretora, outro para a Psicóloga e as duas Educadoras Sociais e outro para as crianças estudarem individualmente ou com voluntárias que lhes dão explicações. A instituição tem cinco quartos, um com berçário que tem uma casa-de-banho uma estrutura para as mudas de fraldas, e para o banho com os bebés; os outros quartos dividem-se em meninas e meninos. Tem ainda, três casas-de-banho, uma para os adultos e as duas restantes dividem-se por género, uma para as meninas e outra para os meninos.

1.1 Caracterização dos Técnicos

Neste ponto será feita a caracterização dos recursos humanos que trabalham na Instituição, tendo elaborado um organograma representativo da estrutura hierárquica da Instituição onde estagiei, construído com base no organograma geral da associação, e apresentado também uma breve referência/descrição das funções exercidas pelos diferentes técnicos que aí trabalham.



Figura 3: Organograma dos técnicos da Instituição “A Nossa Casa”

Fonte: Adaptado a parte do site da Instituição

As funções dos técnicos, de acordo com os documentos analisados e disponibilizados pela instituição, são muito diversificadas, embora existam algumas tarefas em que as equipas técnica e educativa cooperam entre si.

A Diretora Técnica que por sua vez é também a Assistente Social, tem funções relacionadas com a gestão dos recursos humanos, dos donativos, da contabilidade, das encomendas mensais e ementas. Esta tem ainda funções de acompanhamento social com as crianças, família e organização processual individual, tem reuniões com as crianças quinzenalmente sobre o processo das mesmas garantido o seu interesse superior. Para além destas funções, esta, entra em contacto com a CPCJ e vai a tribunal sempre que necessário.

A Psicóloga assegura uma permanente Análise de Perigos e Controlo de Pontos Críticos, designada de Hazard Analysis and Critical Control Point (HACCP). Tem a função de criar um Plano Educativo Individual de acordo com as necessidades de cada criança, bem como o relatório de acompanhamento. Exerce funções de psicologia embora grande parte das crianças seja seguida por um psicólogo num centro clínico.

As Educadoras Sociais têm um vasto leque de funções, são elas que tratam dos donativos e vão buscar diariamente a supermercados ou outras entidades, fazem a marcação de consultas de rotina, vacinação, atualização e prestam acompanhamento nessas consultas. São elas que criam atividades pedagógicas, procuram e gerem atividades exteriores como os centros de estudo, as atividades extracurriculares (desporto) e planificam os fins-de-semana e férias das crianças. Por fim, organizam o dossiê de avaliação das crianças na escola e são as tutoras das mesmas.

As Auxiliares de Ação Educativa são distribuídas por turnos tendo de existir sempre duas por manhã, tarde e noite. São elas que acompanham as crianças nas atividades de fim-de-semana (caso não seja com a família). Têm ainda a função de limpar o Centro de Acolhimento, bem como as viaturas que o Centro disponibiliza. Gerem a supervisão de limpeza, organização e manutenção material, desde a roupas, quartos, casas-de-banho e sala.

Por fim, a Cozinha encarrega-se de fazer as refeições para as crianças e, juntamente com um voluntário faz a manutenção das máquinas.

1.2 Caracterização das Crianças

No Centro de Acolhimento Temporário existem nove crianças com idades compreendidas entre os dois e os onze anos.

Na faixa etária dos dois aos quatro anos existem três crianças; dos cinco aos seis anos existem duas crianças; dos sete aos oito anos existe uma; dos nove aos onze existem três. No que diz respeito ao género, três são raparigas e seis são rapazes.

No que toca ao número de irmãos institucionalizados, cinco são irmão germanos, ou seja, são irmãos que têm a mesma mãe e o mesmo pai; dois são irmãos sanguíneos, ou seja, filhos da mesma mãe e de pais diferentes. Estas crianças são todas de nacionalidade portuguesa, sete são caucasianos e dois são de cor negra.

Os motivos para a institucionalização destas crianças, que se encontram assinalados nas fichas dos seus dossiers individuais, passam por: maus tratos físicos, maus tratos psicológicos, atraso no desenvolvimento, ausência de cuidados de saúde, dificuldades económicas e violência doméstica.

Centrando-me no agregado familiar, todas as crianças possuem mãe e pai. Através de conversas informais e de observações pude constatar que, todas estas crianças (exceto uma) recebem pelo menos duas a três vezes por semana uma chamada dos familiares nas horas propostas pela instituição. Para além das chamadas existem também as visitas. Estas visitas são feitas durante os dias da semana, exceto o caso de três crianças que vão aos fins-de-semana de quinze em quinze dias para casa da mãe, do pai ou da avó. No entanto e por ser mais recente, no caso dos cinco irmãos as visitas são feitas aos dias de semana em que um dia está destinado à mãe e outro ao pai. Uma das crianças não é visitada por qualquer familiar.

A participação da família é notória para sete crianças, em que os pais seguem o regulamento proposto pela instituição e mostram interesse em recuperar os filhos. Os dois casos que não existe intervenção com a família, uma das crianças encontra-se para adoção e a outra criança está num processo de apadrinhamento (embora o pai ligue regularmente). Segundo a Segurança Social, o processo do apadrinhamento civil é uma

relação jurídica do tipo familiar, entre uma pessoa singular ou familiar com uma criança ou jovem menor de 18 anos, e consiste em atribuir responsabilidades parentais perante estas crianças. Neste processo os pais ou família biológica têm o direito de visitar e manter contacto com a criança, bem como acompanhar o seu desenvolvimento.

1.3 Plano Educativo Individual

Para a elaboração do Plano Educativo Individual, existem parâmetros que têm de ser cumpridos, estes têm o intuito de que a criança se desenvolva de forma tranquila e equilibrada. O sucesso deste plano advém da procura de ambiente que estimule o desenvolvimento individual.

Este plano desenvolve com a criança aspetos que passam pelo apuramento e desenvolvimento: intelectual e cognitivo (competências intelectuais básicas e linguísticas), afetivo, emotivo e motivacional; social e instrumental (competências de autonomia ou cuidado pessoal e competências sociais); e físico e da saúde.

Como mencionado em cima, o plano tem em conta várias dinâmicas que promovem o sucesso das crianças. Estas dinâmicas são avaliadas mensalmente, pela psicóloga e educadoras sociais, numa escala ordinal de um a cinco. O primeiro nível centra-se no nunca; o segundo nível no esporadicamente; o terceiro nível é de modo irregular; o quarto nível é frequentemente; o quinto nível é o sempre.

A avaliação mensal retrata quatro pontos específicos, o contexto familiar, o contexto do CAT, o contexto comunitário e o contexto escolar. O contexto familiar divide-se em, nas relações entre a criança/jovem e a família, na cooperação familiar, nos objetivos de trabalho com as famílias (se aplicável). O contexto do CAT remete para os objetivos de autonomia pessoal, na autonomia em obrigações e cuidados pessoais, na alimentação, nas tarefas escolares, no manuseamento de recursos e independência; e objetivos de adaptação ao contexto residencial, integração social na residência e disposição para a aprendizagem e participação. O contexto comunitário retrata tópicos da criança com o contexto inserido, sendo estas crianças institucionalizadas deve-se de olhar para o seu tempo livre e estimular a criança a participar em atividades e a socializar com outras pessoas para além das pessoas da casa. Por fim, o contexto escolar é feito através de uma escala de observação para o professor. (Anexo A – Plano Educativo Individual)

No que diz respeito às visitas familiares, sempre que estas ocorrem é necessário haver um acompanhamento por parte da equipa educativa e/ou técnica (educadora social, psicóloga, assistente social). Esta dinâmica é registada em dois documentos. O documento “Visitas” é onde se procura responder aos dias do mês que a criança teve visitas, a pessoa que visitou, a hora de entrada e de saída e por fim a assinatura do mesmo (Anexo B – Visitas). Enquanto a visita decorre, uma das técnicas presente faz um registo da mesma, escrevendo quem é a pessoa que visitou, notas sobre a interação da criança com o visitante, notas sobre o conteúdo das conversas, das atitudes e das emoções expressas por todos os envolvidos diretamente na situação (Anexo C – Mapa de Visitas).

No caso das crianças onde se procura a reintegração junto com a família, estas podem sair aos fins-de-semanas estipulados e passá-los com os seus familiares. Para isso, o documento “Avaliação da saída do CAT” serve para registar e avaliar como a criança saiu da Instituição e o mesmo se regista como a criança regressou e a sua respetiva avaliação de modo a procurar perceber como esta se sente. (Anexo D – Avaliação da Saída do CAT). Ainda sobre as saídas durante o fim-de-semana das crianças do CAT, existe um documento designado por “Termo de Responsabilidade” em que este tem de ser preenchido com os dados da pessoa e, tem de estar mencionada a criança bem como as horas que esta sai e entra de modo a proteger a criança e a Instituição (Anexo E – Termo de Responsabilidade).

Existe também um documento nomeado de “Registo diário de comportamento” que é feito diariamente pela psicóloga, educadoras sociais e auxiliares de ação educativa a qualquer momento em que se sinta a necessidade de escrever algo, seja em questões de comportamento positivo a negativo. Escreve-se notas sobre vários momentos do dia das crianças. As emoções que a criança teve ao longo do dia, se se comportou corretamente, se conseguiu ser autónoma em diferentes tarefas propostas. No caso de a criança estar doente, este documento serve para escrever as horas em que se deu medicação e a que horas têm de tomar o medicamento novamente, se teve reações aos medicamentos durante o dia, como esteve a criança em casa no decorrer do dia e o que sentiu. (Anexo F – Registo Diário de Comportamento)

1.4 Rotina e Dinâmicas Semanais

Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
8H	H; M	H	H; M	H; M	H; M
9H	D; G; I; J				
10H	F	F E	F E	F	F
11H	E	M E	E	E	E
12H					
13H					
13H30	J			J	J
14H					
14H30					
15H	J			J	J
15H30	G; I; D	G; D	G; I	G; D	G; D; I
16H	D		J	D	
16H30			D		
17H		I; J		I	
17H30	F; H; M	F; H	E; F; H; M	F; H; M	F; H; M
18H			E		
18H15	E	E		E	E
19H30	D; E; F; G; H; I; J; L; M	D; E; F; G; H; I; J; L; M	D; E; F; G; H; I; J; L; M	D; E; F; G; H; I; J; L; M	D; E; F; G; H; I; J; L; M
21H30	D; E; F; G; H; I; J; L; M	D; E; F; G; H; I; J; L; M	D; E; F; G; H; I; J; L; M	D; E; F; G; H; I; J; L; M	D; E; F; G; H; I; J; L; M

Legenda:

Entrada Escola

Saída Escola

Consulta Psicologia

Jantar

Apoio ao Estudo

Dormir

Tabela A: Rotinas e Dinâmicas Semanais

De acordo com o documento “Quotidiano Educativo”, disponibilizado pela Instituição, as rotinas apresentam-se por seis momentos.

O primeiro momento trata-se do acordar e do início do dia, em que a educadora deve de acompanhar as crianças neste momento criando uma relação afetiva que permita à criança estabilidade emocional. Neste tópico, explica que consoante a rotina da criança estas devem ter atenção ao pequeno-almoço, ao horário de entrada para a escola, olhar para as malas dos mesmos garantido que têm todo o material necessário e dar recomendações, avisos e recados.

O segundo momento é o almoço. Durante os dias da semana as crianças almoçam nas escolas ou jardins-de-infância, apenas os bebés até aos dois anos de idade é que passam por esta rotina diariamente.

O terceiro momento apresenta o regresso da escola, onde este se caracteriza como o melhor período para a educadora desenvolver a sua ação pedagógica. Nesta parte do dia, devem aproximar-se das crianças promovendo um diálogo sobre o que fizeram na escola, quais os recados que trouxeram para casa, tranquilizar as angústias, ajudar nos trabalhos de casa, saber ouvir e responder adequadamente a questões.

O quarto foca-se na higiene e o arranjo pessoal, é neste ponto que a educadora ou as auxiliares de ação educativa devem de acompanhar e orientar individualmente a criança a aproveitar os seus momentos de privacidade para a ajudar a formar a sua autoestima. Têm-se em conta a higiene pessoal, como o tomar banho (dependendo da idade auxilia-se ou não), a lavagem dos dentes, o corte de unhas e cabelo. Devem ainda orientar o vestuário e calçado adequado.

O quinto momento é sobre o jantar, onde explicam que deve ser calmo e partilhado, sempre na presença de um adulto sentado à mesa orientando-as para o modo correto de estar, ou seja, neste passo deve de se caracterizar por um momento agradável de convívio e saudável.

O sexto momento é o deitar, para os dias de aulas existe um horário rigoroso e durante as férias torna-se um mais liberal. Neste passo é importante que se deseje uma boa noite e que se conte uma história, de modo a não esquecer que estas crianças beneficiam de uma atenção especial.

Capítulo IV – Projeto de Estágio “Promoção de Autonomia em Crianças Institucionalizadas”

1. Levantamento de Necessidades

Este projeto nasceu no âmbito de responder às necessidades que estas crianças abraçam, de modo serem mais autónomas e capazes de realizar várias tarefas e decisões do dia-a-dia.

Em qualquer Instituição por mais esforço que haja para chegar a todas as crianças, existem pormenores que ficam submersos. Como tal, após as visitas frequentes, registos, observações e conversas informais com as colaboradoras do CAT, criou-se a necessidade de que este projeto fosse maioritariamente vocacionado para o trabalho individual, de modo a respeitar o ritmo de aprendizagem e as necessidades reais. No entanto, elaboraram-se também atividades com o grupo.

Para a realização do projeto, foi crucial a minha ativa participação no quotidiano da Instituição, quer dentro quer fora daquela, incluindo a minha integração nas rotinas diária e semanal, e também o meu acompanhamento a consultas médicas. Através das observações registadas nas notas de campo, reuniões de equipa em que pude assistir e participar, conversas informais com as colaboradoras e das interações diárias com as crianças surgiram quatro grandes áreas que mereciam destaque sendo estas a higiene pessoal, alimentação, autorregulação do comportamento e relações interpessoais. Estas quatro áreas conduziram a um vasto leque de objetivos e estratégias adaptadas à faixa etária e necessidades das crianças que participaram neste projeto.

2. Planificação das Atividades Desenvolvidas

1. Higiene Pessoal

Objetivos	Estratégias	Crianças
Tomar Banho	Estimular e proporcionar um banho tranquilo, através de música e imagens fixadas na parede com todas as áreas do nosso corpo que têm de ser limpas.	F; H; L

Escovar os Dentes	Estimular a criança a compreender a necessidade de escovar os dentes após as refeições através da imitação de modo a conseguir interiorizar os processos necessários para uma boa limpeza.	D; E; F; G; H; I; J; L; M
Atar os Sapatos	Estimular a criança a saber apertar os atacadores, através de um sapato de madeira.	D; G; M
Adequar Roupas	Estimular a criança a ter noção do que deve vestir consoante o tempo, através da visualização de sites de meteorologia.	D; I; J

2. Alimentação

Objetivos	Estratégias	Crianças
Comer Sozinho	Estimular a criança a comer sozinha e saber utilizar os utensílios necessários, através do diálogo e imitação.	H; L
Postura Correta	Estimular a criança a adquirir uma postura correta enquanto está à mesa, através do diálogo e chamada de atenção.	E; G; I; L; M
Regras Sociais para estar à Mesa	Estimular a criança a saber e aplicar as regras à mesa, através do jogo inversão de papéis e na criação de uma folha com as regras que para eles são as mais importantes.	D; E; G; M
Identificar os Alimentos Saudáveis	Estimular a criança a identificar alimentos saudáveis, através de um jogo sobre compras.	D; E; G; I; J; M

3. Autorregulação do Comportamento

Objetivos	Estratégias	Crianças
Identificar e Refletir sobre Emoções	Estimular a criança a identificar e refletir sobre as emoções, através de um jogo lúdico e do diálogo.	D; E; G; I; J; M
Autoestima e Autoconfiança	Estimular a criança a ser capaz de se valorizar, aperfeiçoar, empenhar e orgulhar, através do elogio e reforço positivo.	D; E; F; G; H; I; J; M
Refletir sobre Atitudes	Estimular a criança a refletir sobre determinadas atitudes e incentivar a encontrar soluções.	D; E; F; G; H; I; J; M

4. Relações Interpessoais

Objetivos	Estratégias	Crianças
Saber Ouvir	Estimular a criança a saber ouvir seja uma chamada de atenção, uma opinião ou um sentimento, através do diálogo, jogo das emoções, momentos do quotidiano.	D; E; F; G; H; I; J; M
Compreender e Aceitar as Diferenças	Estimular a criança a compreender e aceitar as diferenças, através da visualização de um filme e do diálogo.	D; E; F; G; H; I; J; M
Resolver Conflitos	Estimular a criança a procurar resolver os conflitos com os pares, autonomamente ou com a ajuda de um adulto, através do diálogo e de exemplos passados por crianças na casa ou na escola.	D; E; F; G; H; I; J; M
Desenvolver Empatia	Estimular a criança a desenvolver empatia, através do jogo da inversão de papéis e da imitação.	D; E; F; G; H; I; J; M
Saber Respeitar	Estimular a criança a saber respeitar as pessoas dentro de casa e as pessoas que as rodeiam, através do diálogo e da compreensão.	G; I; M

3. Descrição e Reflexão das Atividades

Neste ponto são apresentadas todas as atividades realizadas com as crianças durante o Estágio. Algumas das descrições são feitas com base nas notas de campo e reflexões elaboradas, tendo em atenção vários aspetos, tais como: o prévio conhecimento das crianças (pela observação e interação com as mesmas); os conteúdos das reuniões com a equipa e as constantes conversas informais sobretudo com a coordenadora. Existem outras atividades que realizei com as crianças no âmbito do Estágio, mas serão mencionadas nas considerações finais.

1. Higiene Pessoal

1.1. Tomar Banho

Foi dada particular atenção a este momento da rotina diária, pois a maioria das crianças resistia, quer porque não estavam habituadas a fazê-lo em casa dos progenitores quer por terem receio da água. Era importante desmistificar os medos e receios das crianças, proporcionando-lhes um momento de tranquilidade e prazer.

O Banho	
Momento da Rotina Diária	Final da Tarde
Número de Crianças:	Três
Faixa Etária:	Dois, três e quatro
Objetivos Específicos:	Estimular e proporcionar à criança um banho tranquilo; estimular a criança a ser autónoma neste momento
Materiais:	Banheira, produtos de higiene, folhas com imagens sobre as partes do corpo, música

Descrição da Atividade:

Esta era uma atividade mais intimista, no sentido de ser um momento reservado e de respeito pelas crianças, levando-as a perceber a necessidade de se respeitarem a si próprias e ao seu corpo, cuidando deste.

Recorrendo às notas de campo, apresentam-se alguns desses momentos:

“Fomos os dois para o quarto, despimos a roupa, pu-lo na banheira e pedi-lhe que me ajudasse no banho porque sabia que ele gostava de ser autónomo neste processo. No decorrer do banho pusemos música, dizia qual a parte do corpo que ele devia de lavar e ficava a observá-lo. (...)

Durante o processo do banho eu dizia barriguinha, nariz, orelhas, pés e ele lavava tudo com muito cuidado e demorado.” (NC37, “As escolhas”, 15/02/2018)

“Durante o banho, pusemos uma música com passarinhos a dar, ele gosta muito de passarinhos e fica muito atento ao barulho que eles fazem. Olhava para as imagens que estavam coladas na parede para perceber as partes do corpo que tinha de lavar, olhava para mim e dizia:

- “Assim?”

- “Muito bem H, o que nos falta lavar?”

- “Pés!” – respondeu-me.” (NC39, “A viagem de Arlo”, 28/02/2018)

Reflexão da Atividade: Como salientado no capítulo teórico, a higiene – que significa limpeza e asseio (Freitas, 2014) - é essencial para uma melhor qualidade de vida. Desde cedo que devem ser inculcados nas crianças hábitos saudáveis de higiene pessoal física, ou seja, de bem-estar do corpo (Ribeiro, 2010). A higiene é um hábito que se adquire por meio da repetição e do reforço (Dewey, 1954).

Tendo estes aspetos em consideração e o conhecimento prévio de cada criança, procurei incentivá-las a adquirir o hábito de tomarem conta do seu próprio corpo. Durante as atividades do banho feitas com as crianças elas mostravam-se interessadas em serem capazes de tomarem banho sozinhas, queriam sempre ser elas a lavarem-se, como podemos observar nos momentos acima descritos. Inicialmente, havia uma criança que chorava muito no banho porque não gostava de água e não estava habituada a ter um processo de higiene diário, mas com o decorrer do tempo começou a manifestar interesse nesta prática porque se divertia, levava brinquedos para a banheira e ao mesmo tempo conseguia desfrutar o seu banho ficando calmo.

Esta atividade fez com que as crianças relaxassem e a música que escolhíamos em conjunto foi um bom ponto de partida, pois naquele momento observava-se paz e a diversão no rosto das mesmas fazendo-as querer dispensar mais tempo do seu dia nesta dinâmica.

Ao longo do tempo, assistiu-se uma evolução no processo do banho, notava-se que as crianças procuravam lavar bem todos os pontos do seu corpo e muito calmamente. Procuravam ainda saber se tinham lavado todas as partes do seu corpo e perguntavam se faltava alguma. Quando finalizávamos o banho pediam uma pequena massagem com creme e era um momento de risos pelas técnicas que aplicava na mesma.

1.2. Escovagem dos Dentes

Esta atividade foi pensada na sequência de problemas inerentes à higiene oral. Após consultas de dentista o assunto debatido eram cáries e falta de hábitos de escovagem após as refeições e ao deitar.

Vamos Escovar	
Momento da Rotina Diária:	Manhã
Número de Crianças:	Todas
Faixa Etária:	Dois, três, quatro, cinco, seis, oito, nove, dez e onze
Objetivos Específicos:	Aprender a escovar bem os dentes e estimular a escovagem dos dentes após refeições
Materiais:	Escova de dentes, pasta dentífrica e copo de água

Descrição da Atividade:

“Fomos para a casa-de-banho das meninas, empoleirou-se no banco e eu expliquei-lhe todos os passos de como lavar os dentes. Primeiro púnhamos água no copo, depois passávamos a escova por água e púnhamos a pasta, após esse processo lavávamos os dentes. Enquanto ela tinha a escova na boca eu ensinava-lhe como lavar, dizia para abrir a boca, para fazer caretas para lavar os dentes da frente, dizia para ela não se esquecer dos dentes de trás e ela ria enquanto lavava. Quando chegou a hora de bochechar, ela engolia sempre a pasta. Então agarrei num copo, pus água na boca e mandei fora e pedi-lhe que fizesse exatamente o que tinha feito.” (NC12, “O dia não”, 20/11/2017)

Reflexão da Atividade: Remetendo a reflexão de acordo com o enquadramento teórico, não basta ensinar a ter hábitos de higiene é necessário que a criança o faça inconscientemente, ou seja, “por hábito, sem pensar, que proceda o individuo, em todos os actos, de modo a beneficiar a saúde (...) particularmente importante nas primeiras idades da vida.” (Fontenelle, 1930, citado por Metelski, s.d.)

A repetição diária desta atividade foi notória para que as crianças não esquecessem de como se devia de lavar os dentes e da sua frequência.

Inicialmente notou-se dois aspetos que precisavam de ser estimulados: as crianças eram distraídas na escovagem, pois “lavam a parte da frente e esquecem-se de lavar a parte de trás” (NC26, “Início do Projeto”, 16/01/2018); o segundo aspeto era relativo ao tempo que dispensavam enquanto escovavam os dentes “é demasiado rápido a escovagem” (NC26, “O início do Projeto”, 16/01/2018).

Após perceber estes dois aspetos, explicava às crianças que era importante escovarmos todos os pontos da nossa boca, pois os nossos molares fazem “com que consigamos mastigar as coisas” (NC28, “Escovar os dentes a dois”, 19/02/2018) e ao adotar uma postura de desleixe iríamos ter dores e problemas no futuro com os nossos dentes. No que toca ao aspeto do tempo de escovagem foram utilizadas escovas de dentes com luzes intermitentes que duravam cerca de um minuto de modo a estimular as crianças para um processo mais lento e minucioso.

Para os mais novos existia uma dificuldade no manuseamento da escova e no bochechar, através do processo de imitação pedia-lhes que agarrassem na escova da mesma maneira que fazia e exemplificava como se bochechava. “C.O: Senti que era um bocado difícil e sempre que ela fazia o mesmo movimento que lhe tinha ensinado eu

dizia “boa”. Ao fazer isto, captei que ela tinha interesse em fazer mais uma e outra vez” (NC12, “O dia não”, 20/11/2017)

Numa visão geral, a atividade foi produtiva visto que as crianças procuravam, por iniciativa própria, escovar os dentes após cada refeição.

1.3. Atar os sapatos

Algumas das crianças queriam deixar de usar ténis de velcro e outras queriam jogar à bola sem que os ténis se desapertassem, deste modo criou-se a necessidade de ensinar a atar os sapatos e fazer um segundo nó.

Atar os Sapatos	
Momento da Rotina Diária:	Manhã e tarde
Número de Crianças:	Três
Faixa Etária:	Cinco, seis e oito
Objetivos Específicos:	Aprender a apertar os sapatos
Materiais:	Molde de madeira de ténis e ténis da criança

Descrição da Atividade:

“Comecei por exemplificar no sapato de madeira como se apertavam os atacadores, explicando-lhe que inicialmente se juntavam e depois que devíamos de fazer as duas orelhas para elas se entrelaçarem e conseguirmos atar bem os sapatos.

Inicialmente ele esquecia-se de dar o primeiro passo entrelaçando-os e assim cometia erros. Expliquei-lhe que sem aquele primeiro passo as coisas para a frente não corriam bem, ao qual me respondeu:

- Mas porquê? É mais rápido assim.

- De facto pode ser mais rápido, mas vais ter muito mais trabalho porque os vais ter de apertar durante várias vezes ao dia. E quando estiveres a jogar à bola vais cair muitas vezes.”

(...)

Ao fazermos várias vezes este processo ele disse-me: “- Podemos fazer um teste como na escola?”

- “Podemos!”

- “Eu vou fazer sozinho e tu vais-me dizer se estou a fazer bem. Tenho três tentativas pode ser?”

- “Claro que sim.”

A primeira tentativa correu bem, mas esqueceu-se de dar dois nós. Pediu-me que aquela não contasse, começamos a rir e disse-lhe:

- “Vá a primeira foi uma experiência, ainda tens mais duas. Tenho a certeza que vais conseguir fazer bem na segunda vez.”

E conseguiu.” (NC37, “As escolhas”, 15/02/2018)

Reflexão da Atividade: Esta atividade teve impacto entre as crianças, pois elas queriam aprender a atar os sapatos porque não queriam usar mais os sapatos que tinham velcro. Deste modo, as crianças estimuladas a fazer esta prática aprendiam rapidamente. Pediam-me que as ajudasse a atar os sapatos sempre que os viam desapertados e com as repetições diárias tornou-se mais fácil. Como foi possível observar, “Ele ficou muito atento e tentou durante cinco vezes.” (NC26, “Início do Projeto, 16/02/2018)

Para algumas das crianças esta atividade era mais fácil do que para outras, mas na sua totalidade todas procuravam ter sucesso a cada tentativa.

“C.O: Inicialmente eram muito rápidos porque queriam mostrar que sabiam fazer e acabavam por não conseguir, mas quando ganharam prática e confiança começaram a ser mais perspicazes.” (NC40, “Os atacadores”, 05/03/2018) Apenas uma criança apresentou mais dificuldades e manteve-se com ténis de velcro.

1.4. Adequar a roupa

Em conversa com uma criança, esta explicou que gostava de ser ela própria a escolher a sua roupa para o dia a seguir. Deste modo, falei com mais duas crianças perguntando se teriam interesse em realizar esta atividade. Havendo interesse, esta complementou-se com a necessidade de adequar a roupa à meteorologia.

O que vamos vestir?	
Momento da Rotina Diária:	Final da tarde
Número de Crianças:	Três
Faixa Etária:	Oito, nove e onze
Objetivos Específicos:	Aprender a escolher a roupa consoante o tempo ou ocasião
Materiais:	Telemóvel ou computador com página web sobre a meteorologia e roupas

Descrição da Atividade:

“Primeiro fomos à internet ver a meteorologia para o dia a seguir, ao identificarmos o tempo fomos procurar roupa para usar. (...) Ao olharmos para o roupeiro ele quis calças de fato de treino e duas camisolas de manga comprida. Perguntou-me no fim se podia ser fato de treino e eu disse-lhe que sim. Explicou-me que se sente mais à vontade para correr e jogar à bola.” (NC27, “A escolha das roupas”, 18/02/2018)

“Quando chegamos ao roupeiro, ela começou a olhar para a roupa e sentou-se no chão de pernas cruzadas a dizer que não tinha roupa suficiente ou roupa que gostasse. Ao vê-la desanimada, comecei a agarrar em calças e a elogiá-las. Ela ria-se e dizia que não. Desistimos da ideia das calças e passamos para as camisolas, mas muito rápido a ideia das calças voltou a surgir na cabeça dela. Tirámos todas as roupas do armário, sentamo-nos no chão e ficamos a decidir o que conjugava bem. Ela dizia-me que eu tinha muito jeito para conjugar roupas e eu explicava que ela também tinha. (...) Após quase uma

hora a escolhermos as roupas, ela finalmente se decidiu.” (NC27, “A escolha das roupas”, 18/02/2018)

“Quando começamos a ver, ia chover e estava frio. Perguntei-lhe o que ele achava que 12º grau significava, e ele respondeu que era muito, muito, muito frio. Fomos ao corredor, pois estão situados lá os armários e o D começou a escolher a sua roupa. Agarrou numas calças de ganga mais uma camisola interior e numa sweat.” (NC37, “As escolhas”, 15/02/2018)

Reflexão da Atividade: Esta atividade foi feita apenas com três crianças mais velhas. Na sua idade existe um certo gosto em começar a escolher a roupa que devem de usar. Como é possível observar através dos comentários feitos: “C.O: A J tem noção do que deve usar consoante a estação, tem apenas falta de imaginação para conjugar as suas roupas porque quando usa x camisa tem de usar x camisola e deste modo fica difícil conjugar roupas.

Senti que esta atividade foi apreciada por ambos, embora um fosse mais rápido que o outro, eles gostaram de conjugar as suas roupas. Apesar da J já o fazer sozinha, ela preferiu ter a minha ajuda a fazer sozinha. E pediram-me que voltasse a fazer com eles.” (NC27, “A escolha das roupas”, 18/02/2018)

Este foi um momento em que as crianças se sentiam bem por escolherem a sua própria roupa para o dia a seguir. Notei que os rapazes procuravam roupas mais práticas para durante os intervalos da escola se sentirem mais leves e confortáveis a brincar. Por outro lado, a rapariga procurava conjugar cores e vestir coisas diferentes ao longo da semana, usando sempre uma bijutaria para finalizar.

2. Alimentação

2.1. Comer sozinho

Durante a refeição, a criança não conseguia manusear os utensílios deixando a comida cair regularmente.

Como Sozinho

Momento da Rotina Diária:	Manhã e tarde
Número de Crianças:	Uma
Faixa Etária:	Dois
Objetivos Específicos:	Aprender a utilizar autonomamente os utensílios necessários para a refeição
Materiais:	Colher, garfo, prato, guardanapos e copo

Descrição da Atividade:

Na hora da refeição, “Olhei para a L e pedi-lhe que agarrasse na colher pelo meio de modo a conseguir ter equilíbrio na mão, pois deixava cair os alimentos quando estava a chegar a boca.

Ela olhava para mim, agarrava na colher e dizia:

“- Assim?” (NC16, “O passeio com L”, 29/11/2017)

Reflexão da Atividade: Esta atividade foi realizada apenas com uma criança de modo a ser capaz de comer sozinha utilizando os utensílios corretos para cada parte da refeição. Inicialmente a sua maior dificuldade era no manuseamento dos utensílios, agarrava demasiado em cima ou em baixo deixando cair a comida para o babeto e chão. A cada refeição que presenciava pedia-lhe que agarrasse no meio da colher para que existisse equilíbrio. Numa fase mais avançada “C.O: Captei que a L já consegue pegar na colher bem, mas às vezes entorta um bocado o que leva que a comida caia para cima dela.” (NC22, “Os donativos”, 13/12/2017) Com o tempo esta criança passou a estar mais atenta enquanto almoçava, focando-se mais no seu prato do que naquilo que a rodeava, observando-se “(...) ela começa a fazer as coisas que uma forma mais prática e quando lhe digo para ela ter cuidado com a colher que vai cair a comida ela dá um jeito e faz as coisas bem.” (NC22, “Os donativos”, 13/12/2017)

2.2. Postura Correta

Enquanto estavam à mesa as crianças não conseguiam sentar-se de maneira correta, mandavam bocados de comida uns para os outros, levantavam-se do sítio e iam para

outro lugar sem terminarem a refeição, deste modo tentou-se combater estes hábitos e inculcar novos.

Postura Correta	
Momento da Rotina Diária:	Manhã e tarde
Número de Crianças:	Cinco
Faixa Etária:	Cinco, seis, oito, nove e onze
Objetivos Específicos:	Aprender a estar e sentar corretamente
Materiais:	Mesas e cadeiras

Descrição da Atividade:

“Enquanto comiam tive de chamar a atenção o M, porque se sentava com as pernas em cima da cadeira, porque estava desatento ao prato da papa, porque atirava com objetos às outras crianças.” (NC28, “Escovar os dentes a dois”, 19/02/2018)

“Sentei-me ao lado dele, sentei-o direito e pedi-lhe que se não falasse e fizesse o que lhe tinha pedido. Ele ria e voltava à postura incorreta. Deitava-se na mesa enquanto comia, agarrava brinquedos do chão e começava a mandá-los para as outras crianças.” (NC30, “A postura”, 24/02/2018)

Reflexão da Atividade: Esta atividade foi um pouco difícil, as crianças já têm alguns hábitos adquiridos. O importante é chamar a atenção sempre que haja uma má postura de modo a conseguirem melhorá-la e a perceberem como devemos de estar, não só na hora da refeição, mas também no próprio dia-a-dia.

Ao longo do tempo eles próprios se corrigiam uns aos outros, dizendo que não era assim que se devia de estar à mesa.

2.3. Regras Sociais à Mesa

No seguimento das razões para a atividade acima descrita, surgiu a necessidade de aprofundar este tema com a criação de regras.

As regras-chave	
Momento da Rotina Diária:	Tarde
Número de Crianças:	Quatro
Faixa Etária:	Cinco, seis, oito, nove
Objetivos Específicos:	Aprender e memorizar quais são as regras fundamentais de como estar à hora da refeição
Materiais:	Folha de papel e caneta

Descrição da Atividade:

“Após terminada a atividade, convidei a criança a fazer uma outra atividade que consistia em dizer uma regra que ele achasse importante para quando estamos sentados à mesa, de modo a afixar as regras no quadro de cortiça ao pé da mesa de jantar.”
(NC38, “As crianças novas e atividades”, 20/02/2018)

Reflexão da Atividade: Esta atividade foi colocada no quadro de cortiça da mesa de jantar após as crianças terem ditado as suas próprias regras, “C.O.: Um facto engraçado desta atividade das regras à mesa é que as crianças têm a noção das coisas que fazem. Por exemplo, quando comecei a fazer esta atividade com as crianças reparei que as regras que eles impunham, eram as regras que eles desrespeitavam e eram chamados à atenção.” (NC38, “As crianças novas e atividades”, 20/02/2018)

2.4. Identificar os Alimentos Saudáveis

Na altura do almoço as crianças não queriam comer sopa nem verduras e no lanche queriam comer bolos. Deste modo, foi necessário realizar uma atividade que os ajudasse a perceber a roda dos alimentos, a sua importância e a aplicação no dia-a-dia.

O que devemos comer? Onde é que sentimos o sabor?	
Momento da Rotina Diária:	Tarde
Número de Crianças:	Seis
Faixa Etária:	Cinco, seis, oito, nove e onze
Objetivos Específicos:	Aprender quais são os alimentos caracterizados saudáveis; Aprender qual a parte da língua responsável pelo sabor que sentimos
Materiais:	Carro de compras em papel plastificado, variados alimentos em papel plastificado, língua em papel plastificado

Descrição da Atividade:

“Inicialmente levei uma língua muito grande que tinha imprimido e plastificado, e perguntei-lhe se ele sabia em que parte da língua nós sentíamos o doce. Ele acenou-me com a cabeça que não. Deste modo, agarrei na língua e expliquei-lhe os três pontos da nossa língua em que sentimos o sabor. Pedi-lhe que repetisse e ele fazia confusão o ácido com o amargo. No fim de tantas vezes a repetir ele acabou por interiorizar. Apontava para a minha língua quais eram os pontos que devia sentir os sabores, ele ria e dizia.” (NC31, “A alimentação”, 25/01/2018)

“Após esta atividade, existia uma outra que consistia em ter carrinhos de compra recortados e vários alimentos, uns eram saudáveis outros não. O objetivo é que ele identificasse os alimentos saudáveis e os que não eram. Teve algumas dúvidas, mas fizemos em conjunto. No fim, falamos sobre a importância de ter uma alimentação equilibrada e ainda recapitulamos os sabores e as partes que a nossa língua sentia.” (NC31, “A alimentação”, 25/01/2018)

Reflexão da Atividade: Segundo a Direção Geral de Saúde, a alimentação “assegura a sobrevivência do ser humano; fornece energia e nutrientes necessários para o bom funcionamento do organismo; contribui para a manutenção do nosso estado de saúde físico e mental (...) e contribui para o adequado crescimento e desenvolvimento das crianças e adolescentes.” Se não existir uma consciencialização de práticas de alimentação saudável, inerentes a problemas físicos pode existir limitações a nível intelectual.

Na primeira parte da atividade, “C.O: Senti que ela tinha gostado da atividade da língua. Punha a língua para fora, pedia-me que pusesse a língua para fora e dizia os sítios corretos e ria muito.” (NC31, “A alimentação”, 25/01/2018)

“C.O: Gostei do empenho, esteve atento à atividade e esforçou-se para fazer as coisas corretamente. No fim da atividade individualmente, quis reter os conceitos e repetia-os em baixinho como se os quisesse memorizar. Ia a caminho da sala e chamava-me perguntando-me: “Estou a dizer bem, não estou?” (NC31, “A alimentação”, 25/01/2018)

“C.O: Gostei do facto de ele se interessar em querer experimentar alimentos para comprovar se ele sentia os sabores nos sítios indicados.” (NC31, “A alimentação”, 25/01/2018) Ou seja, esta criança foi curiosa na atividade, pediu que fosse com ele para a cozinha e que lhe desse vários alimentos para comprovar que o que tínhamos aprendido. Claro que se arrependeu de algumas escolhas que fez fazendo caretas para o amargo e o ácido, mas foi interessante ver a sua iniciativa.

Na segunda parte da atividade, as crianças incorporaram o jogo como se fossem elas próprias a estar nas compras “C.O: Quando estava a pôr os alimentos no carro fazia como se fosse ele às compras, e ria porque sabia que não estava a fazer o que era correto. Mas quando voltou a fazer essa primeira atividade fê-la bem.” (NC31, “A alimentação”, 25/01/2018) Na realização desta atividade algumas das crianças estavam curiosas sobre quais os alimentos que iriam escolher, na cabeça deles os doces faziam mal, mas caracterizavam-nos como alimentos saudáveis. “Eu sei que os doces fazem mal aos dentes e à barriga, mas eu como na mesma. É bom.” (NC31, “A alimentação”, 25/01/2018) Por outro lado, havia crianças que tinham estudado a roda dos alimentos e sabiam colocar os alimentos nos carrinhos certos. Quando estavam na dúvida, perguntavam-me se achava que era bom ou mau.

3. Autorregulação do Comportamento

3.1. Identificar e Refletir sobre as Emoções

Para que uma criança saiba gerir melhor o seu comportamento é importante saber identificar e refletir sobre as suas emoções bem como as dos outros. Esta atividade, embora simples, permite associar um comportamento a uma emoção.

O que sentimos?	
Momento da Rotina Diária:	Tarde
Número de Crianças:	Seis
Faixa Etária:	Cinco, seis, sete, oito, nove e onze
Objetivos Específicos:	Aprender a identificar e refletir sobre as emoções
Materiais:	Folha de papel, canetas, lápis de cor

Descrição da Atividade:

“Esta atividade foi feita em papel, por quatro momentos. Numa primeira fase existia uma folha onde se ligava as caras de bonecos às palavras das emoções que estavam escritas, existiam caras a rir, a chorar, pensativas. Na segunda fase, era uma sopa de letras para as crianças procurarem as palavras das emoções e a pintarem de cores diferentes. Na terceira fase existia uma frase que despertava uma emoção ex: “Quando estou a brincar fico...” e elas tinham de reagir desenhando dentro de um círculo como se sentiam após ler a frase. Para completar, era pedido uma legenda do desenho com a respetiva emoção. Na quarta fase escrevia-se uma frase utilizando cada palavra das emoções, de modo a contextualizá-la.” (NC33, “As emoções”, 06/02/2018)

“Sentamo-nos em frente à mesa e começamos por falar do que eram as emoções.

Ele respondeu-me:

- “É quando estou a rir e a chorar!”

- “Boa M! Para além dessas, sabes que mais emoções pudemos sentir?”

- “Deixa-me pensar”

C.O: Andou pela sala de estudo com o lápis na mão como se fosse um pequeno homenzinho que pensava sobre uma nova proposta que lhe tinham dado para assinar naquele exato momento.

- “Quando faço xixi nas cuecas!” Rimo-nos e perguntei-lhe:

- “Essa é boa. Como te sentes quando isso acontece?”

- “Não quero que ninguém saiba”

- “Então ficas com vergonha?”

- “Sim, porque depois ralham comigo. E muito!” – apontava o dedo.” (NC33, “As emoções”, 06/02/2018)

Reflexão da Atividade: Remetendo para o enquadramento teórico, Linhares & Martins (2015) referem a autorregulação como a capacidade do indivíduo, perante estímulos positivos ou negativos, controlar as emoções e comportamentos.

Na primeira atividade as crianças mostraram interesse para a fazerem corretamente e faziam-me perguntas de como me sentia se fosse eu. Algumas das respostas sobre o quarto momento da atividade foram: “Eu estou feliz quando está de dia.”; “Eu dou gargalhadas quando brinco com a vassoura de brincar.”; “Eu choro quando alguém me bate.”; “Eu tenho medo quando está muito escuro e quando está o monstro a fingir.”; “Eu tenho dúvidas quando me fazem perguntas difíceis.” (NC33, “As emoções”, 06/02/2018)

“Quando escrevemos o choro e dúvida, ele explicou que tinha várias coisas que o incomodavam. O choro de às vezes acordar e não ver os pais e as dúvidas que voltassem a estar todos juntos. De facto, ele falou sobre essas emoções que ele sentia, mas não as quis escrever. Uma coisa era falar comigo sobre o que sentia, outra era escrever num papel as reais conclusões que ele retirou. Por fim, acabou por escrever que “chorava quando ralhavam com ele” e “tinha dúvidas a matemática”. (NC34, Continuação das emoções”, 07/02/2018)

Na segunda parte da atividade, “C.O: Percebi que com a realização desta atividade, existem várias emoções que vem à flor da pele para estas crianças. Por um lado, o M mostrou o quão se sentia desconfortável e envergonhado quando fazia xixi nas calças e

por outro a G quis salientar a importância do pai na vida dela e que sente saudades dele.” (NC33, “As emoções”, 06/02/2018)

3.2. Autoestima e Autoconfiança

Dado o contexto frágil em que estas crianças se encontram, é natural que os seus níveis de confiança sejam facilmente afetados.

Eu sou capaz	
Momento da Rotina Diária:	Manhã e tarde
Número de Crianças:	Todas
Faixa Etária:	Dois, três, quatro, cinco, seis, oito, nove, dez e onze
Objetivos Específicos:	Aprender a valorizar-se, empenhar-se, aperfeiçoar-se e orgulhar-se
Materiais:	Não existe

Descrição da Atividade:

No dia anterior M tinha-se portado mal, ao sair da Instituição pedi-lhe que repensasse na sua atitude. Quando cheguei à Instituição M veio pedir-me desculpa sobre o sucedido.

“Passado um tempo, perguntei-lhe se queria ir comigo ao parque. Estava um dia muito bonito e achei que podíamos ir passear, como o género de uma recompensa por me ter pedido desculpas e por ter percebido que tinha errado.

Expliquei-lhe que ainda estava um bocado triste com ele, mas que tinha valorizado o facto de ele se ter apercebido e me ter pedido desculpas por a sua atitude. Ele esboçou um sorriso enorme de orelha a orelha e disse-me que queria muito ir.” (NC13, “O dia de M”, 21/11/2018)

“Passado um pouco fomos fazer um desenho, enquanto o fazíamos havia alguns lápis que estavam sem bico, fui buscar uma afiadeira e afiava para ela puder pintar. Ela achou

piada ao que eu fazia e começou a imitar-me, agarrando na afiadeira e no lápis fazendo os mesmos movimentos que eu, mas faltava-lhe a força. De modo a perceber que estava a fazer bem, elogiava-a sempre e ela ria.” (NC19, “A manhã divertida com L”, 6/12/2017)

“C.O: (...) A L já consegue lavar os dentes muito bem e no final, mostra-me sempre os dentes e eu elogio-a para que faça sempre bem a sua higiene.” (NC28, “Escovar os dentes a dois”, 19/02/2018)

Reflexão da Atividade: Esta atividade tinha impactos positivos nas crianças, o elogiar e incentivar a fazer melhor fazia sentia as crianças bem consigo próprias. Muitas vezes as crianças perguntavam-me se estavam a fazer bem, quando sabiam que estavam, apenas para conseguirem um elogio.

3.3. Refletir sobre Atitudes

Por vezes, as crianças tinham certas atitudes negativas sobre as quais não mostravam arrependimento e, para além disso, não percebiam o motivo pelo qual eram repreendidas.

Porque agimos assim?	
Momento da Rotina Diária:	Manhã e tarde
Número de Crianças:	Todas
Faixa Etária:	Dois, três, quatro, cinco, seis, oito, nove, dez e onze
Objetivos Específicos:	Aprender a refletir sobre atitudes que tomamos no dia-a-dia
Materiais:	Não existe

Descrição da Atividade:

“- Portei-me mal. Ando a bater nos meninos.

- Porque é que andas a bater nos meninos? – sussurrei.

- Porque me apetece – respondeu encolhendo os ombros” (NC12, “O dia não”, 20/11/2017)

“Disse que às vezes mentia, para não levar castigos, mas que mesmo que ele não fizesse asneiras, às vezes, levava com a culpa dos irmãos” (NC8, “A conversa interessante com I”, 25/10/2017)

“- Eu desculpo, mas tens de aprender que quando as pessoas dizem para não fazeres, tu tens de perceber que não podes fazer.

- Mas porquê?

- Imagina que estás a desenhar com um lápis e vem um menino e agarra numa borracha e começa a apagar todo o teu desenho, como é que vais ficar?

- Não me importo.

- E se te importasses, se fosse um desenho que gostavas muito. O que fazias?

- Olha, dizia para parar.

- Estás a ver, é o mesmo que acontece aqui. E se o menino não parasse e continuasse a apagar o teu desenho?

- Eu batia-lhe. – respondeu-me com o dedo no ar.

- Achas que te devia bater?

- Porquê?

- Porque é o que me estás a dizer para te fazer.

- Eu batia nos outros, mas tu não podes bater em mim.

- E tu não podes bater em ninguém. Tens de pedir ao menino para parar e se não o fizer, chamas uma adulta.

- Mas às vezes eu não consigo.

- Eu sei que às vezes se torna difícil para ti, mas tens de te controlar para não estares de castigo e para teres amigos. (NC12, “O dia não”, 21/11/2017)

Reflexão da Atividade: De acordo com o enquadramento teórico, Conde (2007) explica que para que haja uma autorreflexão é sempre necessário existir uma avaliação, onde esta possibilita a criança escolher a melhor estratégia para conseguir os seus objetivos.

As crianças têm noção das coisas que fazem, embora precisem de ser reforçadas para que da próxima vez consigam agir de uma melhor maneira. Nas transcrições acima, observa-se algumas das conclusões. Na primeira parte a criança conseguiu perceber que batia nas crianças e sabia que não era a melhor atitude, mas não era capaz de admitir o seu erro. Na segunda parte observa-se uma reflexão mais aprofundada em que tinha a noção de que às vezes levava com a culpa dos irmãos para que estes não fossem castigados. Na terceira parte é visível a noção da criança de que não pode bater nos outros meninos, admitindo que às vezes não é capaz de se controlar.

4. Relações Interpessoais

4.1. Saber ouvir

Em vários episódios criança/criança, criança/adulto era notório a falta de comunicação. Este problema existia, pois, a escuta ativa não era praticada por parte das crianças.

Ouvir o Outro	
Momento da Rotina Diária:	Manhã e tarde
Número de Crianças:	Todas
Faixa Etária:	Dois, três, quatro, cinco, seis, oito, nove, dez e onze
Objetivos Específicos:	Aprender a saber ouvir

Materiais:	Não existe
------------	------------

Descrição da Atividade:

“Olha, sabias que eu tenho medo de gatos? Não é medo, não gosto deles. Sabes que na altura dos faraós eles tinham gatos que eram os seus melhores amigos? Até que um dia, eles conheceram os cães e preferiram os cães aos gatos. Já viste que os desenhos deles, aparecem com cabeças de gatos e com cães ao lado? E também às vezes aparecem pássaros nas cabeças deles. Os pássaros eram os mensageiros.” (NC8, “A conversa interessante com I”, 25/10/2017)

“Olha... Eu acho que a J não gosta de mim! (...) Sabes, às vezes peço-lhe para brincar comigo e ela não quer. Mas quando ela quer brincar comigo, eu tenho de brincar. Ela faz chantagem comigo por eu ter um problema. Sabes que eu tenho um problema? Faço xixi e coco nas calças às vezes. Desde que a minha mãe e o meu pai começaram a discutir eu fiquei assim.” (NC8, “A conversa interessante com I”, 25/10/2017)

Reflexão da Atividade: Em ambos os momentos, quis mostrar às crianças que as gostava de ouvir e que era importante para mim ouvi-las. Em várias alturas elas pediam-me conselhos, que as ouvisse a falar dos seus problemas e pediam ajuda. Ao fazer este exercício com eles era notório o seu desempenho a ouvir atenciosamente o que as crianças e as educadoras lhes tinham para dizer.

4.2. Compreender e aceitar as diferenças

Esta atividade surgiu num âmbito mais lúdico, mas com uma componente moral bastante importante. Estas crianças poderão sentir-se elas próprias diferentes em algumas situações nas suas vidas.

Aceitar o Diferente	
Momento da Rotina Diária:	Tarde

Número de Crianças:	Nove
Faixa Etária:	Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e onze
Objetivos Específicos:	Aprender a compreender e a aceitar as diferenças dos outros
Materiais:	Televisão e filme

Descrição da Atividade:

“O filme que íamos ver chamava-se “A viagem de Arlo”, falava sobre um dinossauro que era diferente dos irmãos, pois era medroso e pequenino em relação à sua família. O facto de ser medroso, deixava este dinossauro inseguro e com problemas de autoestima. Num certo dia perdeu-se da família e o seu pai faleceu. Conheceu um humano muito pequeno e julgava-o pela morte do pai. Durante a sua viagem de regresso a casa, fez amizade com ele e com outros animais, onde passou por várias aventuras que o enriqueceram vários níveis. Quando regressou a casa ele já não se sentia inferior, sentia que era capaz de fazer todas as coisas e estava muito feliz por ter regressado à família e os irmãos, que gozavam com ele por ele ser pequeno e não ter força, arranjam soluções para ele trabalhar fazendo instrumentos que o ajudavam a carregar alimento para o Inverno.” (NC39, “A viagem de Arlo”, 28/02/2018)

Reflexão da Atividade: Quando o filme acabou, pedi-lhes que permanecessem sentados no sofá e que me dissessem o que tinham sentido com a visualização do filme às quais obtive as seguintes respostas, “Temos de respeitar os pais; Não há mal em ser diferente o que interessa é viver; Gostar de todos os que são diferentes; Ajudar os amigos; Proteger os amigos; Ouvir os mais velhos; Respeitar toda a gente; Ser bonzinho e não ficar triste por ser diferente; Os amigos é o melhor que temos.” (NC39, “A viagem de Arlo”, 28/02/2018). Deste modo, é notório o que as crianças se conseguiram por no papel de Arlo (mais uma vez estamos perante a empatia) e aprender algumas coisas com a sua viagem. Nas suas reflexões é falado o tema do ser diferente dos outros, onde eles

dizem que não precisamos de estar tristes, mas que nunca podemos perder a noção de sermos bons quando a diferença nos toca. Eles explicam ainda que devemos de gostar de todas pessoas que são diferentes e que o importante é viver com as diferenças. Para além das diferenças, esta atividade responde a outras competências que quis explorar com as crianças, como o respeito e a capacidade de ouvir o que nos têm para dizer.

4.3. Resolver Conflitos

Em vários momentos do dia, as crianças discutiam sobre as mais variadas coisas e recorriam frequentemente às educadoras. Para que estas consigam desenvolver a sua autonomia é importante que saibam lidar com várias situações do dia-a-dia, pois nem sempre se sai a ganhar ou a perder de um momento.

Como se resolvem conflitos?	
Momento da Rotina Diária:	Manha e tarde
Número de Crianças:	Todas
Faixa Etária:	Dois, três, quatro, cinco, seis, oito, nove, dez e onze
Objetivos Específicos:	Aprender a resolver conflitos
Materiais:	Não existe

Descrição da Atividade:

“Enquanto estávamos a jogar eles faziam birra porque queriam ser eles a encaixar as peças. Não queriam fazer à vez. Neste momento falei-lhes do respeitar a vez do outro e que só assim é que íamos conseguir jogar. No fim de me ouvirem, as coisas começaram a correr melhor e já davam a peça ao outro para ele por no sítio, elogiei o comportamento deles e ao ver a atitude percebi que eles tinham captado a ideia.”

(NC28, “Escovar os dentes a dois, 19/02/2018)

Reflexão da Atividade: Remetendo para o enquadramento teórico, aprender a resolver conflitos vai de encontro a comportamentos socialmente habilidosos, ou seja, “saber se

desculpar ou admitir a falta de conhecimento; pedir mudança de comportamento no outro e saber enfrentar críticas recebidas.” (Caballo, 1996, citado por Bolsini-Silva & Marturano, 2002)

Esta atividade realizou-se em vários momentos enquanto estive presente na Instituição. Sendo crianças existem sempre vários problemas e conflitos que precisam de ser esclarecidos. O mais importante desta atividade é que ambas as partes possam sair vitoriosas quando existem problemas como no primeiro momento referido. O principal que estas crianças retiraram é que sempre que existe um problema entre elas que não consegue ser esclarecido devem procurar alguém que as ajuda na resolução.

4.4. Desenvolver Empatia

Em certos momentos, as crianças reagem de forma negativa com outras crianças ou adultos pelo facto de não refletirem sobre a posição do outro. Neste sentido, estas atividades surgiram como um exercício de reflexão sobre o comportamento dos outros.

A empatia	
Momento da Rotina Diária:	Tarde
Número de Crianças:	Todas
Faixa Etária:	Dois, três, quatro, cinco, seis, oito, nove, dez e onze
Objetivos Específicos:	Aprender a desenvolver capacidades objetivas e racionais
Materiais:	Folha de papel, texto e perguntas

Descrição da Atividade:

“A atividade consistia num jogo chamado “Inversão de papéis” expliquei-lhes que iríamos fazer uma brincadeira onde algumas crianças faziam de adultos e outras

crianças continuavam a fazer de crianças. Mas, que podíamos fazer as vezes que quiséssemos porque todos tinham o direito de ser adulto nesta brincadeira. Disse-lhes que as adultas iriam desempenhar o papel de crianças para lhes dificultar a tarefa. Inicialmente exaltaram-se para fazerem de adultos, mas após o primeiro grupo ter feito, estas deixaram de querer ter esta tarefa difícil.

Durante a atividade existia muito barulho, muita desorganização e muita correria pela casa. Os que faziam de adultos punham as mãos na cabeça e diziam “Vai-te ser a ler um livro”, “Não há brinquedos à mesa”, “Viradas para a parede”, “Sem pés na cadeira”, “Senta-te aqui quieto”, “Parou”, metiam as tanto as crianças como os adultos de castigo e estes saiam do castigo e voltavam a correr pela casa e a reclamar porque queriam comer bolachas, porque queria dois iogurtes, porque um tinha batido no outro.” (NC38, “A empatia”, 20/02/2018)

“Comecei a ler o texto que estava na atividade:

“Imagina que estás na escola a brincar com os teus colegas a um novo jogo que inventaram. De repente, aproxima-se um rapaz e pede para brincar com vocês. Um dos teus colegas responde: - Não. Tu não sabes brincar a este jogo por isso ficas de fora!”

Pedi-me que repetisse, li-lhe novamente e pedi-lhe que me respondesse a três perguntas:

1. Achas que este rapaz se sentiu triste e mal? Porquê?
2. Se fizesse isto contigo, como te sentias?
3. O que podias ter feito para arranjar uma solução para esta situação?” (NC38, “As crianças novas e atividades”, 20/02/2018)

- “Alguma vez levaste um estalo sem roupa?”

- “Já... Quando tinha a tua idade e me portava mal, às vezes o meu pai dava-me desses estalos.”

- “A sério? Eu também já levei muitas vezes desses estalos. Da próxima vez que te quiserem dar desses estalos tu contas-me porque eu protejo-te!” (NC38, “As crianças novas e atividades”, 20/02/2018)

Reflexão da Atividade: Numa primeira reflexão sobre a atividade era perceptível o que as crianças tinham sentido ao realizar o seu papel de adultas. Tinha sido mais difícil do que eles pensavam, mas conseguiram compreender os sentimentos e emoções pelo qual as adultas passavam quando existia desordem em casa, principalmente à hora de refeição “Quando a atividade acabou, pedi que todos se sentassem na sala para falarmos sobre o que tinham achado de ser adultos. As respostas foram: “Não quero ser adulto”; “Ser adulto é chato e dá trabalho”, “Senti-me mal”, “Havia tanto barulho que não sabia o que fazer”, “Doí-me a cabeça”, “Acho que vou ficar rouca”. (NC38, “A empatia”, 26/02/2018)

Numa segunda reflexão mais calma e pensada, por parte das crianças, notou-se a capacidade delas para se colocarem no papel das adultas, desenvolvendo empatia e procurando soluções para melhorar os seus comportamentos. “Por fim, pedi-lhes que me explicassem o que tinham aprendido com esta atividade, às quais me responderam: “Ajudar as adultas para nos portarmos bem”, “Não fazer queixinhas dos outros”, “Não sentar mal à mesa”, “Quando as adultas mandam nós temos de fazer”, “Ter atenção à mesa”, “Respeitar todos”.” (NC38, “A empatia”, 26/02/2018)

Na segunda parte, “Quando acabou a atividade perguntei-lhe se ele já sabia o que significava empatia.

- É ficar triste com o menino porque não nos deixaram brincar.

-Tu ficavas triste por ele? – perguntei-lhe surpreendida com a sua resposta.

- Sim, se gostasse muito dele.” (NC38, “As crianças novas e atividades”, 20/02/2018)

Para além desta criança, várias respostas foram obtidas nesta atividade:

O I respondeu: “Se fizerem isto comigo eu sentia-me mal porque não tinha ninguém para brincar.” (NC38, “As crianças novas e atividades”, 20/02/2018)

O D respondeu: “Eu dizia vou dizer à professora e ensina ele a jogar” (NC38, “As crianças novas e atividades”, 20/02/2018)

A I respondeu: “Saia de perto dos meus colegas e inventava um jogo com ele.” (NC38, “As crianças novas e atividades”, 20/02/2018)

4.5. Saber Respeitar

O respeito pela ideia do outro nem sempre é levado a sério. O intuito desta atividade é fazer com que as crianças percebam que é importante respeitar ideias e atitudes do outro, de modo a viverem em harmonia.

A Importância do Respeito	
Momento da Rotina Diária:	Manhã e tarde
Número de Crianças:	Todas
Faixa Etária:	Dois, três, quatro, cinco, seis, oito, nove, dez e onze
Objetivos Específicos:	Aprender a respeitar as opiniões e ideias dos outros
Materiais:	Não existe

Descrição da Atividade:

Estava com D na sala e começamos uma conversa sobre as cores preferidas onde ele explicava que cor-de-rosa era cor de menina.

“- “Eu também gosto de vermelho. Cor-de-rosa é de menina!” – explicou-me.

- “As meninas gostam mais de cor-de-rosa, mas tu também podes gostar.”

- “Sim, mas não posso dizer aos meninos senão eles gozam.”

- “Aposto que existem muitos meninos que gostam de cor-de-rosa e não têm vergonha de o dizer.”

- “Quem?”

- “Tenho um amigo meu que gosta muito de cor-de-rosa e ninguém goza com ele”

(NC11, “O novo menino”, 07/11/2018)

Estava com a Dra. A e tínhamos falado sobre uma atitude de M em relação a um comportamento recente dele. Aprendeu no outro CAT a mexer no corpo das meninas e quando estávamos os dois na cama para tentar adormece-lo ele mexeu no meu rabo, eu

olhei para ele perguntei-lhe o que estava a acontecer ao qual me respondeu: “-No meu outro CAT os meninos grandes faziam isso às meninas e elas gostavam!” – com ar de gozo.” (NC15, “O outro CAT”, 28/11/2018). Quando a Dra. A o enfrentou sobre o que tinha feito, gerou-se uma discussão, no qual a sua resposta final foi “Mando, mando! Tu é que não mandas nada, ouviste?” (NC15, “O outro CAT”, 28/11/2017)

Reflexão da Atividade: De acordo com o enquadramento teórico, Caballo (1996) menciona as relações interpessoais como comportamentos socialmente habilidosos, ou seja, a capacidade de nos expressarmos através de atitudes, sentimentos sejam eles positivos ou negativos, opiniões, desejos respeitando a si próprio e o outro. Esta atividade apela as crianças a desenvolverem um sentimento positivo em relação às adversidades que encontram todos os dias. O respeito é um dos valores mais importantes do ser humano e ao ser estimulado impede que as crianças sejam más e depreciativas em relação a outras ideias, opiniões e interesses. Por exemplo, no 1º momento a criança estava recetiva e gozava porque cor-de-rosa era cor de menina, mas ao dar-lhe um exemplo de que conhecia um menino que gostava de cor-de-rosa e que ninguém gozava com ele por isso, esta criança descobriu que talvez não devesse rir-se da situação.

Considerações Finais

Concluída a Licenciatura em Ciências da Educação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, senti a necessidade de tirar Mestrado na área de Desenvolvimento Social e Cultural, com o intuito aprofundar conhecimentos na área da educação e formação. Um dos interesses para a elaboração deste relatório passa pelo diagnóstico de problemas, necessidades e oportunidades de intervenção educativa concebendo um projeto de raiz.

A modalidade escolhida foi o Relatório de Estágio, pois revelou-se uma oportunidade para aplicar conhecimentos obtidos na Licenciatura e no Mestrado de modo a vivenciar uma real experiência educativa.

Inicialmente estava indecisa entre centros prisionais, centros educativos e casas de acolhimento temporário. Após uma reflexão profunda, decidi optar por um centro de acolhimento temporário com o intuito de conhecer as suas dinâmicas e aprofundar o conhecimento na temática de crianças e jovens em risco e perigo.

A procura por uma Instituição deste cariz foi longa e complicada, ficando indecisa entre duas Instituições. A primeira Instituição complicou o processo, sendo necessário muitos dados que não me foram facultados. A segunda Instituição foi mais recetiva à minha candidatura e mostrou desde cedo um interesse pela minha passagem na mesma. Mais tarde, no início de Setembro, consegui a minha primeira entrevista na Instituição, falamos durante imenso tempo sobre os meus objetivos para o curso bem como os meus objetivos para o futuro. Após a reunião fui apresentada a todas as colaboradoras da Instituição que se mostraram muito interessadas com a minha presença e ajuda e conheci toda a dinâmica da e o espaço físico da mesma.

No dia 9 de Outubro dei início ao meu percurso na Instituição. Desde cedo foi pedida a minha participação nas reuniões mensais e na rotina diária das crianças.

Inicialmente com as conversas informais que tive com as colaboradoras e a diretora constatei que estas crianças precisavam de atenção e cuidados especiais, pois tinham sido retirados.

Durante dois/três meses estive a conhecer as crianças e a tentar entender qual seria a minha missão na Instituição de modo a conseguir ser uma mais valia para as mesmas. Com o decorrer do tempo que estive na Instituição participava na rotina das crianças. Ia a consultas de psicologia e consultas de rotina, levava as crianças à escola e ia buscá-

las, ia com as crianças dar passeios e brincava com elas. Com os mais novos, estimulava o desfralde e a fala através de jogos e de momentos diários onde lhes pedia auxílio na troca de fralda pedindo que elas repetissem as palavras comigo. Com as auxiliares ia buscar donativos de alimentos, de brinquedos e de roupas. Fazia ainda a seleção de roupas que dariam para as crianças e arrumava donativos nos respetivos sítios.

Mais tarde quando comecei a elaborar um projeto, pedi às colaboradoras uma reunião de modo a ir ao encontro do trabalho delas com o meu. Iniciando assim um projeto que fosse de encontro com as necessidades reais das crianças, promover a autonomia das mesmas. Aprovaram o meu projeto e deram-me dicas de como estimular certos pontos, mostrando-se sempre muito recetivas ao trabalho que tinha em mente.

Sendo um centro de acolhimento temporário, a permanência das crianças na Instituição era instável, por isso existiram atividades que tiveram de ser reformuladas de modo a conseguir chegar a todas as crianças da mesma forma.

Por volta do início do ano iniciei o projeto, embora muitas das competências que tinha decido estimular já tivessem iniciado antes. Foi um projeto que me deu imenso gosto realizar porque eram crianças fantásticas e abertas a tudo o que lhes fosse pedido.

Fazendo uma apreciação geral da Instituição existiram pontos positivos. Era notório o gosto das colaboradoras pelas crianças e pelo seu bem-estar. Estimulavam as crianças a fazer desporto fora do horário escolar, inscreviam as crianças em explicações caso fosse necessário e procuravam voluntárias para ajudar as crianças na realização dos trabalhos de casa. Sempre que havia algum problema com as crianças de doença mostravam-se dispostas a ir com as crianças imediatamente ao hospital e na procura de soluções para que estas estivessem bem.

As instalações da Instituição são impecáveis, existe sempre todos os produtos necessários para as crianças usufruírem, roupas lavadas, aquecimento, comida a qualquer altura. As condições da casa são muito boas fazendo desta Instituição muito acolhedora e o ambiente estimulante.

Só houve uma questão negativa durante o meu percurso a falta de comunicação entre as colaboradoras, às vezes, o que criava um clima constrangedor.

As atividades realizadas em contexto de Estágio foram utilizadas pelas colaboradoras, onde me explicaram o interesse de as manter em prática. Deste modo, disponibilizei todos os materiais para a Instituição.

Relativamente ao balanço global do estágio, foi uma etapa muito enriquecedora e estimulante para mim enquanto futura profissional. Aprendi a lidar com crianças fragilizadas e com os seus problemas procurando soluções para cada desabafo ou questão. Tive a oportunidade de conhecer um ambiente educativo diferente, conhecendo diferentes práticas e conceitos que serão uma mais valia para o futuro. Destaco a importância que estas crianças tiveram na minha vida, todas as aprendizagens que me deram e a relação de amizade que criamos em conjunto de uma forma natural. Senti que fui importante na vida delas, por todo o carinho que me deram. E por toda a atenção, amor e disponibilidade que lhes dei.

Referências Bibliográficas

Alberti, R. E., & Emmons, M. L. (1978). *Comportamento assertivo: um guia de auto-expressão*. Belo Horizonte: Interlivros

Alencar, E. S. (s.d.). *As relações interpessoais e o desenvolvimento afetivo e intelectual da criança*. Tese Doutorado, Universidade Federal do Piauí, Brasil.

Alves, S. (2007). *Filhos da Madrugada: percursos de jovens em lares de infância e juventude*. Lisboa: ISCSP.

Avila, A. J., & Jesus, A. O. (s.d.). *Autonomia no processo de ensino-aprendizagem*.

Botomé, S. P. (2013). O conceito de comportamento operante como problema. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 19-46.

Bolsini-Silva, A. T. & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 227-235.

Brazelton, T. & Sparrow, J. (2003) *O Modelo de Desenvolvimento Touchpoint*.

Bronfenbrenner, U. (2002). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Porto Alegre.

Carvalho, M. J. L., (2013). Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens. *Programa de Desenvolvimento Humano*. Fundação Calouste Gulbenkian. Retirado em Setembro, 12, 2018: <http://makebraga.pt/wp-content/uploads/2017/03/CARVALHO-MJL-Acolhimento-2013.pdf>

Calheiros, M., Monteiro, M. B. (2000). *Mau trato e negligência parental*. Contributos para a definição social dos conceitos. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 145-176.

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens (s.d.). *Conceito de Risco e Perigo*. Retirado em Maio, 6, 2018
<https://www.cnpdpcj.gov.pt/materiais-diversos/a-crianca-em-risco/conceito-de-riscoperigo.aspx>

Comportamento in Artigos de Apoio Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2018.
(Consultado em Julho, 15, 2018)

Conde, M. C. T. (2017). *A autorregulação das aprendizagens das crianças*. Tese de Doutoramento, Instituto Politécnico de Santarém, Santarém, Portugal.

Cordeiro, M. (2015). *O Grande livro dos Medos e das Birras*. Lisboa. Lisboa: A Esfera do Livros.

Del Prette, A., Zilda, A. (2017). *Psicologia das habilidades sociais: Teoria e prática*. Brasil: Editora Vozes.

Diário da República, I série A, n.º 204 de 1-9-1999 – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo – Lei n.º 147/99, de 1 de Setembro. Retirado em Agosto, 5, 2018:
<https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/1999/09/204A00/61156132.PDF>

Dickinson, L. (1995). Autonomy and motivation: a literature review. *System*, 23(2), 1-114

Eisenberg, N. (2005). *Temperamental effortful control (self-regulation)*. *Encyclopedia on Early Childhood Development*. Quebec: Centre of Excellence for Early Childhood Development. Retirado em Julho, 25, 2018:
<http://www.childencyclopedia.com/documents/EisenbergANGxp.pdf>.

Freire, P. (1983). *Extensão ou comunicação?*. Brasil: Paz e Terra.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática Educativa*. Brasil: Paz e Terra.

Freire, P. (1997). O papel da Educação na Humanização. in *Uma Educação para a liberdade*. Brasil, 7-21.

Freitas, F., E., C., (2014) *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*. Brasil.

Garcia, A., Pereira, F. N., Oliveira. (2013). *Relações interpessoais e sociedade*. Vitória: UFES

Giovannoni, J. (1989). Substantiated and unsubstantiated reports of child mal treatment. *Child and Youth Services Review*, 11, 299-318.

Metelski, M., (s.d.). O alvo da boa higiene escolar é a criança: a plasticidade infantil como princípio básico dos bons hábitos. *Formação de professores: contextos, sentido e práticas*. Educere.

Segurança Social., (2016). *Crianças e Jovens em situação de perigo*. Retirado em Agosto, 7, 2018: http://www.seg-social.pt/criancas-e-jovens-em-situacao-de-perigo?p_p_id=56_INSTANCE_B4yIcuSe4H7z&p_p_lifecycle=1&p_p_state=exclusiv e&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=1&_56_INSTANCE_B4yIcuSe4H7z_struts_action=%2Fjournal_content%2Fexport_article&_56_INSTANCE_B4yIcuSe4H7z_groupId=10152&_56_INSTANCE_B4yIcuSe4H7z_articleId=14753033&_56_INSTANCE_B4yIcuSe4H7z_targetExtension=pdf

Serviço Nacional de Saúde (s.d.). Acção de Saúde para Crianças e Jovens em Risco. Direção Geral da Saúde. Retirado em Agosto, 7, 2018: <http://www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas-e-jovens-em-risco/maus-tratos-em-criancas-e-jovens/tipologia.aspx>

Leandro, A. (2008). As Comissões de Protecção de Crianças e Jovens na sua modalidade alargada. *Contributos para uma reflexão*.

- Lei nº 147/99 de 1 de Setembro. *Diário da República* nº 204/99-I Série A.
- Leite, D., M., (2010). Educação e relações interpessoais. In: Patto, Maria Helena Souza. *Introdução à psicologia escolar*. 4. Ed – São Paulo.
- Linhares, M., & Martins, C. (2015). *O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças*. Estudos de Psicologia. Brasil, 32(2)
- Noom, M., Dekovic, M. & Meeus, W. (1999). Autonomy, attachment and psychosocial adjustment during adolescence: a double-edged sword? *Journal of Adolescence*, 22, 771-783.
- Oliveira, K., & Cruz, S., M., O., (s.d.). *Relações interpessoais na educação infantil*. Fóruns Permanentes, Unicamp.
- Pires, S., A., C., (2011). *A promoção da Autonomia em Jovens Institucionalizados*. Tese de Mestrado, Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal.
- Ramos, T. (2008). *A intervenção na criança/jovem em risco – Um percurso a construir*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto Faculdade de Medicina, Porto, Portugal.
- Ramião, A. T. (2017). *Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo anotada e comentada, e legislação conexa*. Lisboa: Quid Juris.
- Reichert, C. B. & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e a sua relação com os estilos parentais. *Revista Psico*, 38, (3), 292-293
- Ribeiro, C., R. (2014). *A importância da higiene como melhoria na qualidade de vida das crianças*.
- Rodrigues, L., Camargo, I., Barim, E., Dias, L., (2011). Construindo conceitos sobre alimentação saudável com escolares da rede municipal de ensino. *Simbio-Logias*, 4(6), 144-154.
- Salleras Sanmarti, L. (1985). *Educación Sanitaria: principios, métodos y aplicaciones*.

Madrid: Ediciones Diaz de Santos.

Santos, L., Parente, C., Ribeiro, J., Pontes, A., (2015). *Promoção da saúde: da investigação à prática*. Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde, 1, Lisboa, LDA.

UNICEF. (2004). A Convenção sobre os Direitos da Criança. Retirado em Setembro, 11, 2018 https://www.unicef.pt/media/1206/0-convencao_direitos_crianca2004.pdf

Velho, G. (1994). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Brasil: Jorge Zahar.

Zigler, E., e Hall, W.N. (1989), “Physical child abuse in America: past, presente and future”, em Dante Cicchetti e Vicki Carlson (orgs.), *Child Maltreatment: Theory and Research on the Causes and Consequences of Child Abuse and Neglect*, Cambridge University

Organização Mundial de Saúde. (1986). A promoção da saúde a carta de Ottawa. In 1.ª *Conferência Internacional sobre a Promoção da Saúde Ottawa*.

World Health Organization. (2005). European strategy for child and adolescent health and development. Copenhagen WHO Regional Office for Europe. Retirado em Julho, 27, 2018 <http://www.euro.who.int/Documents/E87710.pdf>.

ANEXOS

Documentos Consultados da Instituição

Anexo A – Plano Educativo Individual

AVALIAÇÃO MENSAL DE OBJECTIVOS

I. CONTEXTO FAMILIAR

I.1. Relações entre a criança/o jovem e a família

QUESTÕES	OCT	NOV	DEZ	JAN	FEB	MAR	ABR	MAI	JUN
1.- Sai aos fins-de-semana com a família									
2.- Sai nas férias com a família									
3.- Os contactos com a família produzem reacções positivas nela nele									
4.- Mostra interesse por estar com a sua família									
5.- Manifesta afecto para com a família									
6.- Expressa o seu sentir-se querido pela família									

Especificar se as saídas não são com o pai, mãe ou outro familiar

I.2.- Cooperação familiar

QUESTÕES	OCT	NOV	DEZ	JAN	FEB	MAR	ABR	MAI	JUN
7.- A família contacta com o CAT (por iniciativa própria)									
8.- A família interessa-se pela educação do seu filho no CAT									
9.- Nas saídas, a família mantém as regras educativas estabelecidas no CAT									
10.- A mãe mantém-se em estreito contacto com o pessoal educativo									
11.- O pai mantém-se em estreito contacto com o pessoal educativo									
12.- Nas saídas para o domicílio a família cuida adequadamente da criança									
13.- A família informa do que se passa durante as saídas									
14.- A família desloca-se para o centro-lar quando é convidada (reuniões, festas, etc.)									

OBSERVAÇÕES

1.3. Objectivos de trabalho com as famílias (se aplicável)

QUESTÕES	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
15.- Os pais acompanham-na/o ao médico quando é necessário									
16.- Os pais visitam o responsável escolar ao menos uma vez por trimestre									
17.- Os pais apresentam-se aos serviços sociais quando são orientados a fazê-lo									
18.- Os pais acompanham-na/o nas diligências ou nas compras									
19.- Os pais mantêm normas de disciplina claras para os filhos									
20.- Os pais fazem cumprir estas normas com sanções equilibradas									
21.- A relação e a comunicação afectiva da mãe com o filho/a são adequadas									
22.- A relação e a comunicação afectiva do pai com o filho/a são adequadas									

OBSERVAÇÕES

2.1.4. Manejamento de recursos e independência

QUESTÕES	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEB	MAR	ABR	MAY	JUN
21.- A criança conhece a problemática familiar									
22.- Sabe o tipo de loja em que deve comprar diferentes produtos									
23.- Conhece os recursos de serviço, recreio, etc.									
24.- Controla os seus horários e tempos									
25.- Planeja e cumpre as suas obrigações									
26.- Utiliza autonomamente transportes diversos									
27.- Utiliza de modo autónomo serviços como bancos, organismos oficiais, etc.									
28.- Sabe administrar o seu dinheiro									

2.2. Adaptação ao contexto residencial

2.2.1. Integração social na residência

QUESTÕES	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEB	MAR	ABR	MAY	JUN
1.- O seu comportamento adaptou-se às normas da residência									
2.- Assume as responsabilidades que lhe são confiadas									
3.- Colabora nas tarefas quotidianas									
4.- É confiado com as instalações									
5.- Mantém boas relações com os companheiros									
6.- Responde equilibradamente às ofensas e agressões dos companheiros									
7.- Mantém boas relações com os educadores e com o pessoal									
8.- Nas discussões com os educadores, controla-se									
9.- Integra-se nas actividades e jogos do grupo									
10.- É aceite pelo grupo									
11.- Sente-se aceite pelo grupo									
12.- Manifesta estar na residência de boa vontade									
13.- Exterioriza os seus sentimentos									
14.- Expõe as suas queixas mais pessoais ao educador									
15.- Estabelece laços afectivos com os seus educadores									
16.- Estabelece laços afectivos com alguns companheiros									
17.- Manifesta solidariedade e apoio aos companheiros que têm problemas									

3. CONTEXTO COMUNITÁRIO

QUESTÕES	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEB	MAR	ABR	MAI	JUN
1.- Sai no bairro ou comunidade nos seus tempos livres									
2.- Vai à casa de algum amigo									
3.- Tem amigos na comunidade									
4.- Os amigos telefonam-lhe ou escrevem-lhe									
5.- Tem um grupo estável de amigos									
6.- As actividades que realizam com os seus amigos são positivas									
7.- Costuma trazer amigos para a residência									
8.- É convidado a aniversários de amigos									
9.- Interessa-se pelas actividades que realiza na comunidade									
10.- Participa em actividades desportivas, artísticas ou formativas na comunidade									

OBSERVAÇÕES

4. CONTEXTO ESCOLAR

ESCALA DE OBSERVAÇÃO PARA O PROFESSOR (Para acumular observações)

QUESTÕES	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE
1.- Mostra-se respeitoso com os professores e com o pessoal			
2.- Comporta-se correctamente em aula			
3.- Comporta-se correctamente nos recreios			
4.- Participa em jogos e actividades com os colegas			
5.- Evita discussões e afrontamentos com os colegas			
6.- Responde equilibradamente as ofensas ou às agressões dos colegas			
7.- É aceite pelos colegas em geral			
8.- Respeita as propriedades dos colegas			
9.- Respeita os materiais e os equipamentos do centro			
10.- Cuida dos seus próprios materiais			
11.- Traz todos os materiais necessários			
12.- Assiste às aulas salvo justificação			
13.- É pontual na chegada ao centro escolar			
14.- Está com atenção nas aulas			
15.- Mostra inter-se pela aprendizagem			
16.- Segue as instruções do professor			
17.- Agrada-lhe mostrar o que sabe			

OBSERVAÇÕES

Anexo B – Visitas

CENTRO DE ACOLHIMENTO

VISITAS

Mês: _____/201

Menor: _____

DIA	QUEM VISITOU	HORA DE ENTRADA	HORA DE SAÍDA	ASSINATURA
1				
2				
3				
4				
5				
6				
7				
8				
9				
10				
11				
12				
13				
14				
15				
16				
17				
18				
19				
20				
21				
22				
23				
24				
25				
26				
27				
28				
29				
30				
31				

Anexo C – Mapa de Visitas

Mapa de Visitas

Nome:

Data:

Hora chegada	Hora saída	Quem visitou	Interação com a criança	Observações

Anexo D - Avaliação da Saída do CAT

Avaliação de saída do CAT

Criança	
Data	
Horário	
Com quem saiu	
Avaliação/ Registo de comportamentos/ Registo Fotográfico	

Data

____/____/____

Rubrica

Anexo E – Termo de Responsabilidade

Termo de Responsabilidade

Eu, _____
voluntário no Centro de Acolhimento Temporário _____ declaro
assumir a responsabilidade e zelar pela segurança do (s) menor (es) _____,
confiado(s) à Associação Portuguesa para o Direito dos Menores e da Família, durante o
período compreendido entre as _____ h do dia _____ e as _____ h do dia
_____. Por se considerar que tal facto será benéfico para o(s) menor(es) e por não
existir outro tipo de constrangimentos, sendo que tal será devidamente avaliado para
determinar o interesse da continuidade desta acção.

Data: _____ de _____ de _____

Nome completo: _____

BI: _____ Arquivo de Identificação _____

Emitido em ____ / ____ / ____

Rubrica do Voluntário

Rubrica do Educador

Anexo F – Registo Diário do Comportamento

Centro de Acolhimento

Registo Diário de Comportamento

Criança _____

Mês _____ Ano _____

Turno /Dia _____

Turno /Dia _____

Turno /Dia _____

Turno /Dia _____

Turno /Dia _____

Materiais de Apoio às Atividades

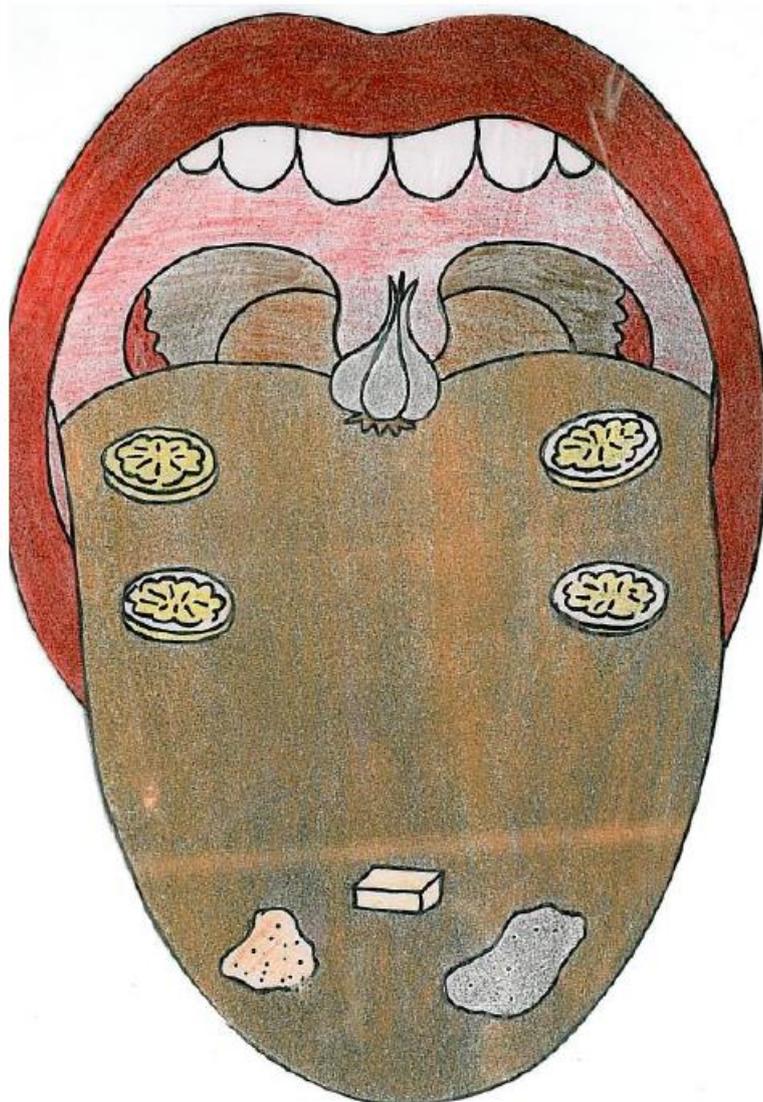
Atividades Alimentação

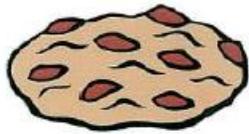
- **Regras Sociais à Mesa**

Regras Sociais à Mesa

Identificar os Alimentos Saudáveis

- Onde sentimos o sabor?





Autorregulação do Comportamento

- Identificar e refletir sobre Emoções

Liga as palavras às emoções



Medo



Alegria



Choro



Surpresa



Tristeza



Gargalhada



Raiva



Dúvida

Sopa de palavras das emoções

Encontra na sopa de palavras oito emoções e pinta de cores diferentes:

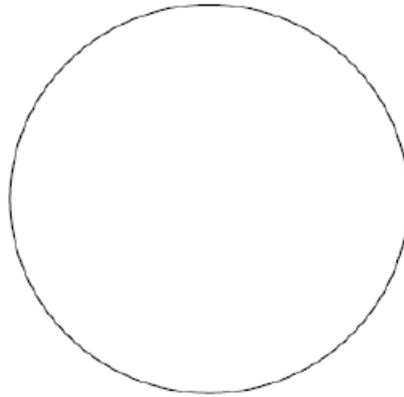
F	T	E	R	Y	J	A	D	B	G
D	Z	A	C	D	U	V	I	D	A
X	S	B	W	P	L	Q	W	K	R
C	H	O	R	O	T	L	T	R	G
M	N	R	A	L	E	G	R	I	A
E	Y	X	I	Z	V	M	I	K	L
D	F	T	V	H	N	R	S	Q	H
O	S	J	A	B	W	Z	T	Ç	A
Ç	V	Q	T	I	A	U	E	O	D
Y	R	F	A	C	X	R	Z	P	A
S	U	R	P	R	E	S	A	K	R

Desenha expressões

Desenha nos círculos as expressões faciais que completam as frases.

Depois no quadrado escreve a emoção que desenhaste.

Quando eu estou a brincar fico:



Vamos fazer frases com as emoções:

Feliz

Gargalhadas

Medo

Choro

Dúvida

Relações Interpessoais

- A empatia

Empatia

Imagina que estás na escola a brincar com os teus colegas a um novo jogo que inventaram. De repente, aproxima-se um rapaz e pede para brincar com vocês. Um dos teus colegas responde:

- "Não. Tu não sabes brincar a este jogo por isso ficas de fora!"

Responde a três perguntas:

- 1. Achas que este rapaz se sentiu triste e mal? Porquê?*
- 2. Se fizessem isto contigo, como é que te sentias?*
- 3. O que podias ter feito para arranjar uma solução para esta situação?*

Notas de Campo

Nota de Campo n.º 1 (NC1)

Data: 9 de Outubro de 2017

Horário: 10h – 13h

Título: Primeira visita à Instituição

Cheguei de manhã a uma zona na periferia de Lisboa. Este seria o meu primeiro dia.

C. O.: Após a reunião realizada no dia 18 de Setembro com a Dra. B, foi a vez de ir à Instituição conhecer os cantos à casa e todos as colaboradoras da mesma.

Era um prédio, com uma porta castanha envidraçada. Toquei à campainha passados uns segundos abriram-me a porta. Era a Dra. B. Sorriu-me e pediu-me para entrar. Nas escadas estavam brinquedos amontoados, quase que tinha de andar em bicos de pés para conseguir passar. Antes de entrar na casa em si, a primeira porta era o gabinete da Dra. B. Sentei-me num dos sofás e reparei que a casa estava vazia, não existiam lá crianças, por ser uma segunda-feira de manhã, pois elas tinham ido para a escola. Instantes depois chegou a Dra. A e esta apresentou-se como uma minha orientadora. Percebi assim que tinha duas orientadoras. Ficamos em conversa sobre quando começar o estágio e quais eram os objetivos de estágio a concretizar na Instituição. Estes passavam por integrar-me na Instituição, conhecer todo o meio envolvente fazendo notas de campo, encontrar necessidades e analisá-las, conceber um projeto, monitorizá-lo e avaliá-lo.

Foi uma conversa breve, na qual ainda me pediram todas as informações do meu Curso, pois seria a primeira vez que trabalhariam com uma pessoa do Instituto de Educação. Deste modo, fiz um documento em que falava sobre o curso em geral, aprofundando mais a área de especialização.

Ficou combinado que eu iniciaria o meu estágio académico no dia seguinte. Onde me iriam explicar todas as rotinas e me iriam disponibilizar toda a informação necessária para a realização do trabalho, desde os processos das crianças, o plano de atividades feitas, os horários das aulas e atividades, a caracterização da Instituição, entre outros aspetos.

Antes de me apresentarem a casa, conheci algumas das colaboradoras.

De seguida, apresentaram-me a casa, onde me mostraram a sala de estar juntamente com a sala de jantar, onde esta tinha três sofás grandes, estantes cheias de brinquedos, uma televisão na parede. Esta sala era dividida com estantes onde no outro lado tinha uma enorme mesa para comerem, tanto as trabalhadoras como as crianças. Tinha uma janela que dava à cozinha, onde Dona E fazia passar a comida. De seguida havia uma porta envidraçada que nos levava a um grande corredor. A partir desse corredor estava a casa em si, a cozinha cheia de alimentos, a lavandaria onde era a sala de se por as malas e casacos das funcionárias em que tinha uma parede cheia de fotografias com momentos importantes para elas na Instituição, crianças que tinham passado por lá e seguido as suas vidas, fotografias em locais bonitos de passeios que davam com as mesmas. Voltei ao corredor onde nos levava à casa de banho, explicaram-me que haviam três. Uma para nós, outra para as meninas e outra para os meninos. Fui levada até aos quartos, existem cinco, um primeiro tinha dois beliches e dormiam lá os meninos A, C, D e E (por cima ou de lado da cama estava um quadro com os seus nomes) as camas estavam feitas e o quarto arrumadinho. O segundo quarto era um quarto de estudo, onde também tinha uma cama, como estava vazio aproveitavam para quando voluntárias iam lá dar explicações às crianças, vagavam-nos. O terceiro quarto era um berçário, com quatro caminhas e uma banheira incutida na parede para os bebés puderem tomar banho. Cada cama tinha um brinquedo com música para os embalar, estava cheia de cremes e fraldas. Foi-me explicado que aquele quarto era só menino F, pois era o único pequenino que estava lá, que tem 2 anos. O quarto, era o quarto da B a única menina na casa. Era em tons de cor-de-rosa, cheio de brinquedos onde tinha dois beliches. O quinto quarto, estava vazio de crianças. Tinha novamente dos beliches, brinquedos e as janelas fechadas.

Existia uma outra sala, essa era a sala da psicóloga e da minha orientadora, cheia de livros, com duas enormes secretárias onde me explicaram que tudo o que precisava desde processos, informações de funcionamento, livros, relatórios estavam ali.

No decorrer do corredor existiam inúmeras portas que tinham escritas os nomes das crianças. Era aí que estavam as roupas de cada um. Onde de manhã eles escolhiam o seu vestuário.

C.O: A casa pareceu-me muito acolhedora. Tinha um bom ambiente, estava bem mobilada e dividida. As colaboradoras que me receberam neste primeiro dia pareciam contentes com a minha presença.

Nota de Campo n.º 2 (NC2)

***Conversa Informal**

Data: 10 de Outubro de 2017

Horário: 10h -14h

Título: O primeiro dia

Começou assim o meu primeiro dia de estágio. Cheguei às 10h da manhã e foi-me apresentado algumas das outras colaboradoras com quem iria passar o meu tempo, pois existem voluntárias, monitoras e técnicas que estão presentes na Instituição em dias alternados. As voluntárias por norma fazem trabalhos de casa com as crianças, vão de x em x vezes lá a casa; as monitoras levam-nos a passear juntamente com as técnicas. C.O.: *Todas elas se mostraram disponíveis para a minha adaptação Instituição e com um sorriso na cara, disseram-me que poderia contar com qualquer uma para me ajudar neste meu caminho.*

Uma estagiária da área de psicologia que tinha iniciado duas semanas antes de mim, explicou-me quais os documentos que teria de ler, pois estava um dia muito atarefado para as minhas orientadoras. Como tal, comecei por ler o Regulamento Interno da Instituição, de modo a perceber como funciona a mesma.

Mais tarde, chegou a Dra. A que quis fazer o meu horário em consonância com as saídas da escola das crianças, bem como das rotinas da manhã.

C.O: *Achei interessante, pois seria uma maneira de conseguir conhecer e perceber o que estes meninos fazem neste Centro de Acolhimento.*

Depois de algumas tentativas de marcar um horário, combinamos que os meus dias de estágio seriam às terças-feiras das 14h às 18; às quartas-feiras das 8h30 à 13h; às quintas-feiras das 14h às 18h.

Quando a Dra. A olhou para o relógio viu que se aproximava das horas de ir buscar uma das crianças, o A. O A saía ao meio-dia e a Dra. A, perguntou-me se queria ir com ela busca-lo (de modo a conhece-lo) e levá-lo a uma consulta de acompanhamento psicológico. Acenei com a cabeça que sim, e começou o meu primeiro contacto com uma das crianças desta Instituição.

C.O: *Achei que o meu primeiro contacto foi muito positivo, esta criança caracterizava-se como uma criança aberta a novas amizades e faladora.*

A Dra. A disse-lhe:

- “Quero-te apresentar a uma nova amiga, que podes falar, que podes pedir ajuda e que podes aprender.”

O A mostrou-se afetivo e depois de me saudar deu-me um grande abraço.

O A era um menino de cor, com 9 anos. Tinha um cabelo encaracolado, vestia uns calções cinzentos com uma camisola vermelha. Tinha um ar de atrevido e de rapaz com juízo. Brincava com o casaco, enrolava-o ao pescoço, punha na cintura, tirava e voltava a repetir o mesmo processo.

Começou assim o nosso caminho até ao Centro de Consultas. Perguntei-lhe como tinham corrido as aulas. Ele respondeu-me que tinham corrido bem.

C.O: Apercebendo-me que ele gostava.

Quando chegamos, esperamos na sala de espera que lhe dessa ordem para entrar e nesse bocadinho, os três jogamos jogos das palavras onde nos davam as letras e tínhamos de chegar à palavra pretendida.

Passado uns minutos, ele entrou para a consulta e eu e a Dra. A fomos para a rua e ficamos a falar. *

O A saiu da consulta e veio ter connosco. Mostrou-nos a folha que tinha abordado com o psicólogo e aquele dia tinha sido centrado para uma palavra importante, a confiança. E eu perguntei-lhe se ele confiava nas pessoas, à qual ele me respondeu:

- “Algumas. Mas confio mais em mim!”

Seguimos o percurso para a Instituição. Como a consulta foi demorada e estava na hora de saída a Dra. A deixou-me no metro para prosseguir o caminho até casa.

(Conversa Informal) *

Horário: 12h30-13h15

Enquanto esperávamos que o A saísse da consulta, veio um assunto de duas das crianças da Instituição que iria conhecer. O E e F (dois irmãos). A Dra. A falou-me um pouco sobre o motivo pelos quais estavam institucionalizados.

Deste modo, ela explicou-me um pouco do caso destes dois irmãos. O motivo para o qual estas duas crianças tinham ido para o Centro de Acolhimento, tinha sido a mãe. Era mãe solteira com poucos recursos e com algumas preocupações excessivas.

Contou-me que durante alguma parte da infância do E não tinha existido muito afeto e que a relação deles era basicamente por discussões e algumas ameaças. Enquanto isso, arranjou um namorado onde tinha engravidado do F e que o pai da criança os tinha

abandonado. Tornou-se assim uma muito protetora, que não aceitava nenhuma ajuda. Começou a faltar ao trabalho para estar 24h sob 24h com as crianças e sem trabalho não existia alimento nutritivo para estas crianças nem educação, pelo menos para o E que precisava de escola. Uma das suas preocupações excessivas era o cuidado pela pele e a sua higiene tanto dela como das crianças.

O tempo passou e mais tarde apercebeu-se que precisava de ajuda, recorreu à Santa Casa da Misericórdia, onde lhe arranjaram um quarto para mães solteiras. Estando sob vigilância dos trabalhadores tornou-se um caso complicado, pois conseguiam aperceber-se de que faltavam aspetos como alimentação, bem-estar, equilíbrio e respeito. Até que um dia, deu com uma colher de metal na cabeça de E fazendo-o passar uns dias no hospital. Nasceu assim um problema neste menino, o sangue coagulava. Apanhou um problema para o resto da vida do qual tinha de ser todos os dias medicado com umas saquetas para que o seu sangue corresse normal nas suas veias e não coagulasse. Assim, retiraram estas duas crianças da sua mãe.

C.O: Este processo, a meu ver e pelas ideias que a Dra. A me transmitiu, tornou-se complicado. Esta mãe queria os seus filhos, mas não conseguia adaptar-se à intervenção que tinha sido aplicada pelo Tribunal. Trata-se de uma mãe com uma cultura diferente, que não consegue acatar com ordens e que quer fazer todas as coisas exatamente como se as crianças morassem com ela. O problema deste caso é que esta mãe ao querer ser autónoma e não participar com a Instituição vai perdendo algumas das suas regalias como as visitas regulares e o tribunal vai demorando o processo e em vez de ela ajudar só está a prejudicar estas crianças que precisam dela. E o objetivo principal da intervenção não é regredir, mas sim, progredir.

A Dra. A disse-me que ela se recusa a ir a consultas que o tribunal impõe, que não cumpre com os horários estipulados para as visitas, que faz inúmeras queixas sobre o trabalho da Instituição, fazendo com que vá perdendo um pouco dos seus filhos e que hajam cada vez mais restrições sobre a sua presença na vida dos mesmos.

Nota de Campo n.º 3 (NC3)

Data: 11 de Outubro de 20017

Horário: 8h30 – 13h

Título: As rotinas e reuniões

Dei entrada às 8h30 da manhã, o objetivo era conseguir compreender as rotinas destas crianças. Desde pequenos almoços, a higiene diária até à ida da escola.

C.O: Neste dia, conheci todas as crianças.

A B irmã de C e A. Era de cor, com umas tranças pequeninas por toda a cabeça, com 10 anos. Vestia vários padrões e cores e apresentava um péssimo humor pela manhã. O C, de 7 anos, de cor, todo sorridente e bem-disposto com umas calças de ganga e uma camisola verde. E por fim, o D, um menino caucasiano, de 10 anos pequenino com um ar amoroso, com a roupa do avesso, mas sorridente.

Levei as crianças à escola ficando a faltar o E e F que entram mais tarde.

De seguida fui com a Dra. D a supermercados com o intuito de perceber como funcionava a recolha de alimentos que todos os dias os mesmos disponibilizavam.

Quando chegamos à Instituição levei o E e o F à escola. O F era irmão de E, ambos de cor. O E com 2 anos e o F com 8 anos. O E para a sua idade era grande, falava bem e corria pela casa toda de pijama às riscas e com o seu macaquinho. Mal acordou procurou por todas as pessoas de casa para lhes dizer bom dia. O F já estava vestido, com calças de ganga e uns ténis de jogar à bola.

C.O: Pelo que percebi destes dois meninos, o E era bastante falador para a idade dele, perspicaz e autónomo. O F adora jogar à bola, passa a vida a pensar nos treinos e marcar golos.

Às 10h da manhã deu-se início a reunião, estas reuniões são mensais, em que nesta se abordavam vários aspetos, passo a citar: leitura da ata anterior; situação processual das crianças; plano educativo individual (PEI) – avaliação mensal, objetivos e atividades individuais mensais; consultas; início do ano letivo (horários, atividades desportivas, visitas familiares) e novas dinâmicas; gala; estado da carrinha; informações e sugestões; marcação da próxima reunião.

C.O: Durante a reunião percebi que existem vários aspetos que nestas crianças precisam de ser trabalhados, como a motivação para a escola, organização, autoestima, companheirismo, partilha.

Na mesma, relatou-se vários episódios das crianças e dos pais onde consegui reter aspetos como, alguns dos pais querem as crianças de volta e cumprem com as medidas impostas pelo tribunal desde a horários certos da visita a horários certos dos telefonemas. Em contrapartida existe um casal que não mostra interesse em ter o seu filho de volta falando-se na possibilidade deste poder ser adotado ou apadrinhado.

C.O: Tratam-se assim de crianças que precisam de cuidados, atenção, brincadeiras e educação e disciplina. E embora fragilizadas pela situação em que a família as colocou, conseguem ultrapassar e sentir-se em casa quando chegam à Instituição.

Nota de Campo n.º 4 (NC4)

Data: 18 de Outubro de 2017

Horário: 8h30 – 13h

Título: A menina nova

Quando cheguei ao estágio, às 8h30, acordei as crianças e fiz a rotina normal das mesmas, desde os pequenos-almoços, à higiene, ao vestuário e escola.

Na sexta-feira entrou uma nova criança e tive o prazer a conhecer neste dia.

C.O: G, era uma criança que na minha perspetiva apresentava um olhar grande, vazio e ao mesmo tempo profundo. Era pouco faladora para os adultos. Suava muito, talvez faltasse alguma vitamina.

Quando a vi sentada no sofá ri-me para ela e pedi-lhe um beijinho, ela olhou esboçou um sorriso um pouco fechado. Estava com um pijama cor-de-rosa e uma coroa de princesa. Tentei meter-me com ela. Inicialmente não me deu muito conversa. Passado uns minutos o pequeno-almoço estava pronto e chamei-a para vir comer comigo. Pus-me a dar-lhe o pequeno almoço em tom de brincadeira fazendo os típicos aviões que as crianças adoram, até que, me sorriu. Quis falar com ela, saber se estava bem, mas continuava a sorrir-me mas não proferia nenhuma palavra.

C.O: Um aspeto engraçado que notei, foi da B (sendo ela das mais velhas da Instituição) ela apresentava ato maternal dela para com esta criança: “A G tem fome!” A G tinha sido institucionalizada por uma agressão feita pela mãe à mesma, segundo ela e um irmão quando na escola lhes perguntaram o que tinha acontecido ao olho da mesma. Mas com o passar dos dias começou a existir uma incoerência no discurso das crianças dizendo que a mãe não tinha feito nada e que ela tinha caído em cima de um camião de brincar. De facto, quando na Instituição se falou sobre o assunto, disseram que quando G tinha dado entrada na Instituição, não existia nenhuma marca saliente e visível no olho dela.

Ainda no decorrer dos pequenos-almoços o A acordou maldisposto e fez uma birra, onde a B se intrometeu novamente dizendo “Deixem-no estar, quando ele está assim é melhor não dizer nada!”

C.O: Estas duas atitudes a meu ver da B fizeram-me caracterizá-la como uma menina protetora desde o seu irmão com a sua birra matinal até a G, a menina nova que tinha chegado desamparada e sem ninguém. Após ver algumas atitudes destas crianças desde

o brincar ao falar, apercebi-me que existem algumas necessidades básicas que precisam de ser colmatadas. Por exemplo, a nível individual vejo que o E precisa de algumas indicações desde o vestir (que veste sempre tudo do avesso e nem repara) até o atar os atacadores que tem dificuldades. São aspetos importantes, embora sejam aspetos básicos.

Ainda a nível individual a B precisa de ganhar a ter gosto por ela. Não se arranja de forma adequada. Veste padrões com padrões, não penteia o cabelo, não leva a sua cara. Mas no que toca aos outros, ela é muito boa a dar ordens e a opinar. Fazendo as crianças pentear-se, lavarem os dentes, por creme e perfume e quando fazem as coisas mal ela reclama dizendo que não é assim que se faz.

Ou seja, captei com estas visitas que para além dos aspetos básicos é necessário elas serem estimuladas para a interajuda, respeito, companheirismo, partilha (embora a B o faça com os outros meninos).

Como estas crianças têm algumas conversas uns com os outros em que se desvalorizam, chamando nomes ou chamando à atenção de forma negativa, é imprescindível que estas crianças consigam perceber a palavra justiça, igualdade, tolerância, pois as vezes isto falha. Ex: Existem vezes em que chamam nomes uns aos outros, dizendo “estás gorda”; ou chamam a atenção dizendo “não sabes fazer”; “sou melhor que tu”.

De seguida fui pô-los à escola.

Quando voltei li todo o processo da G e dos irmãos conseguindo perceber e confirmar algumas ideias que tinha retirado após o primeiro contato com ela.

Nota de Campo n.º 5 (NC5)

Data: 19 de Outubro de 2017

Horário: 14h – 18h

Título: Leituras e acompanhamento

Dei entrada às 14 horas, dirigi-me ao gabinete da Dra. A (que o utilizo também) e li sobre o Manual de Procedimentos da Associação Portuguesa para os Direitos dos Menores e da Família, onde retirei informações muito importantes de modo a entender a sua finalidade, as vertentes que se apoiam, dando um apanhado sobre os princípios de orientação no que toca à parte individual e à parte socializadora. Li ainda, sobre o que se caracterizam por crianças em risco bem como os processos de acolhimento, desde o conhecimento da situação, a avaliação, os procedimentos para o plano de intervenção e os tipos de avaliação que estas crianças estão comprometidas.

De seguida, fui buscar o C à escola. Mal me viu correu na minha direção e abraçou-me. Levei-o até casa, mas teve de sair. Tinha uma consulta de psicologia e acabei por ler o processo do E e F.

Na leitura, apercebi-me sobre a primeira sinalização que foi feita ao Tribunal no ano 2006 até ao presente. No processo que ia lendo vi que existia por parte da mãe uma preferência pelo F (por ser mais pequeno) e o E descarregava no seu irmão. Comentei a situação que tinha lido com a Dra. C, em que ela me disse que essa situação estava muito melhor. Que agora já agiam como irmãos, embora às vezes o E cortasse um pouco a ligação com o F.

C.O: Acho-os miúdos frágeis que já passaram e viram muita coisa, que encobriram muita coisa para em casa não terem represálias. São duas crianças afetivas e com capacidades fortes.

Por volta das 17h00 chegou o pai do F (eles são irmãos uterinos) e acompanhei-o na visita, como tinha ficado acordado na reunião, ele visita o mesmo às terças e quintas-feiras. À quinta-feira é o dia em que dá banho ao F e lanche, e fiquei a observá-lo nestas duas atividades.

C.O: A meu ver caracteriza-se como um pai com muito potencial para conseguir ter esta criança, é carinhoso, bem-disposto, ouve e cumpre tudo o que lhe dizem e nunca vi uma criança tão bem lavada como esta depois do banho do pai.

O pai do F tem de sair às 18h, porque o F chega da escola e não gosta da presença dele. Acho que a mãe tem uma grande influência nesta decisão, fala dele como se fosse um homem mau e a criança fica com aversão dizendo “Esse quer levar o teu irmão de nós”; “Esse é mau!”. E deste modo quando o E chega e o apanha na Instituição trata-o por “esse” exatamente como ouve o que a mãe diz. Assim, para que tudo corra bem e o E não tenha atitudes negativas nem provocadoras a visita acaba às 18h de modo a conseguir também por um lado protegê-lo. Porque um dos objetivos principais desta casa é o bem-estar dos mesmos.

Nota de Campo n.º 6 (NC6)

Data: 20 de Outubro de 2017

Horário: 10h – 14h

Título: O reencontro dos irmãos

Entrei na Instituição às 10h00 da manhã. Este dia é diferente de todos os outros, para mim, pois os irmãos da G vão juntar-se a ela.

Foi comunicado no dia 19 ao fim da tarde por duas Assistentes Sociais, que iriam chegar os irmãos da G. O processo de separação foi feito de duas maneiras: a polícia foi a casa destes meninos buscar as duas crianças mais novas (H de 2 e L de 4 anos); as assistentes sociais foram buscar os mais velhos (I de 10 anos e J de 11 anos) à escola.

C.O: Estas crianças quando chegaram estava muito desorientadas com o que estava a acontecer. Pessoas novas, casa nova, sem despedidas da parte da mãe e do pai, mas ao mesmo tempo estavam tranquilizadas. Apenas uma criança é que chorou com a separação, as outras não se manifestaram.

Deixamo-las na sala e enquanto a Dra. A falava com elas sobre o sucedido, a Dra. B e a Dra. C chamaram-me para ouvir e conversar com as duas assistentes sociais de modo a perceber um pouco sobre o processo das mesmas. Embora já o tivéssemos lido, existiam falhas que precisavam de ser colmatadas, pois havia discordâncias sobre o que tinha sido lido e com o que a Dra. B e a Dra. C tinham falado com a mãe dos mesmos. A conversa iniciou-se. As assistentes sociais falaram um pouco desde o início do processo que já o acompanham há 7 anos. E muitas perguntas surgiam enquanto a conversa ia desenrolando. Perguntas a nível da relação entre a mãe e o pai, pois havia violência doméstica e a mãe na reunião que teve disse que iria fazer uma visita à G juntamente com o pai. Logo, questionou-se o porquê de fazerem visitas conjuntas. Perguntas ainda sobre o incidente de G, onde se falou se de facto tinha sido mesmo a mãe a magoá-la ou o camião de brincar.

Falou-se individualmente de cada criança de modo a perceber as suas dificuldades, as suas frustrações e a sua história de vida.

São crianças que regularmente eram deixadas em casa sozinhas, onde duas irmãs mais velhas juntamente com a J cuidavam umas das outras. (As duas irmãs mais velhas não foram acolhidas por uma já ter 17 e a outra 18 anos). São crianças muito autónomas pelo que nos foi passado, pois como passavam muito tempo sozinhas ajudavam-se.

Quando chegou a parte de perceber o que estas crianças gostavam, a resposta delas era leite, açúcar, massa e arroz. A Dra. C disse que havia um problema na alimentação, pois idade delas, quando lhes perguntamos qual é o seu prato preferido, uma criança diz batatas-fritas e carne, e em contrapartida, estas crianças diziam que não gostavam.

C.O: Até que ponto elas eram bem alimentadas em casa? Até que ponto as necessidades delas eram realizadas?

Ao longo da conversa, continuei a perceber que esta mãe e o pai não podiam estar juntos por causa das queixas de violência doméstica, mas mesmo assim, quando as assistentes iam lá a casa fazendo visitas surpresas, o o pai das crianças estava lá. Muitas vezes foram chamados à atenção, mas muitas vezes a mãe ignorava, ela tinha medo dele. Aliás, de modo a entender-se melhor, numa das primeiras visitas das mesmas, pediram os boletins de vacinas dos meninos e de repente chegou o pai a casa e a mãe escondeu rapidamente para que ele não visse. A sensação que elas explicaram era que o pai não queria que se passasse informações delas e a mãe com medo e receio tinha de acatar às ordens do mesmo.

Houve ainda um episódio que despertou toda a minha atenção. Sempre que o pai ia lá a casa, o I ficava o tempo inteiro ao pé da mãe, acabando por fazer as necessidades nas suas calças. Ele ficava imóvel e seguia a mãe para todo o lado. Ele não queria deixar a mãe sozinha tinha medo que o pai lhe batesse. Ganhando assim um problema onde fazia as suas necessidades nas calças não se conseguindo conter.

Quando a conversa terminou, fui conhecer estas crianças à sala de estar. Apresentei-me como amiga deles e sorriram-me. O H estava de fato-de-treino com fralda ainda, com o cabelo curtinho e recetivo a conhecer-me. A L tinha uma cabeça muito grande comparado com o corpo, vinha de cor de rosa com o cabelo sujo, com uns olhos gigantes azulados. Não quis saber da presença de ninguém. Estava entretida com os mil brinquedos que estavam espalhados pelo chão não olhando para ninguém. O I estava de calças beges com camisola preta, não sorria, não falava, ficava a olhar para toda a gente.

C.O: Achei que o I foi o único menos recetivo à nossa presença. Estava com um ar magoado, desconfiado e rancoroso. Talvez fosse pela razão de que as figuras de adulto que ele tinha em casa não agissem de maneira correta para com ele, sentido que ele englobava-nos nesse mesmo saco.

Por fim, a J, tinha com um colar de argolas e uma argolas médias nos seus ouvidos. Tinha umas calças às riscas e uma camisola cor-de-rosa. E ela sorria para todas.

C.O: Pareceu-me aliviada e tranquilizada. Era tímida, mas inicialmente, qual é a criança/adulto que, não é assim?

Mais tarde, o I veio na minha direção e perguntou-me “quando vou ver a G?”, expliquei-lhe que a G tinha começado o primeiro dia de aulas e chegava às três e meia, que iria ter muito tempo para a ver, abraçar e falar com ela. Expliquei-lhe ainda, que ela não sabia que eles estavam lá e que ia ficar muito feliz por ter os manos todos ao lado uns dos outros. Ele sorriu-me e foi sentar-se no sofá. Olhando para cada canto da sala.

C.O: Mais uma vez, consegui captar que estas crianças estavam tranquilizadas, calmas e um pouco na descoberta da casa e do que estava a acontecer. E a perguntarem-se quem eram aqueles adultos todos.

Chegou a hora deles comerem, a sopa era canja e responderam-me que não gostavam. Eu pedi que provassem, se não gostassem não comiam. Custou um pouco tentar convencê-los, mas consegui juntamente com as colegas. Eles provaram e disseram-me que era boa.

No fim da sopa, despedi-me destas crianças e fui-me embora.

Nota de Campo n.º 7 (NC7)

Data: 24 de Outubro de 2017

Horário: 14h – 18h

Título: A ida ao psicólogo

Dei entrada na Instituição por volta das 14h. Fui até ao gabinete da Dra. A e como precisava de falar com ela sobre alguns aspetos do estágio ofereci-me para ir com ela buscar o C à escola. Foi então que ela me disse para ir também acompanhá-los no percurso para o psicólogo.

Chegamos à clínica por volta das 15h. Enquanto estávamos na sala de espera falei com o C sobre algumas coisas que gostava de conhecer nele.

Perguntei-lhe: - “O que é que tu gostas mais de fazer?”

- “Gosto de jogar futsal” – respondeu.

- “E no futsal jogas em que posição?”

- “Eu sou guarda-redes mas também gosto de marcar golos.”

- “Bem, tu tens um grande papel na equipa. Para além de defenderes as bolas também gostas de marcar golos. Não podias ter escolhido um papel mais fácil?”

Ele sorriu-me.

- “Para além do futsal o que gostas de fazer?” – perguntei.

- “Gosto de brincar!” – respondeu cheio de afirmação.

- “Então conta-me lá o que é que gostas mais de brincar...”

- “Eu tenho um melhor amigo que é o meu psicólogo e nós brincamos muito e eu gosto muito dele. Mas também tenho um outro melhor amigo o X”

- “Quem é o X?”

- “É o meu melhor amigo.” – respondeu.

- “Mas conta-me quem é ele.” – insisti.

- “O X morava na minha casa, mas já foi embora. Ele continua na minha escola e nós brincamos muito. Ele porta-se mal e não faz os trabalhos” – riu-se.

C.O: Quando ele fala na minha casa, ele quer dizer na mesma Instituição em que ele está.

- “Bem... tantas coisas boas sobre o teu amigo.”

E rimo-nos muito... Até que me diz:

- “Mas eu gosto dele e é muito meu amigo!”

- “Isso é muito bom!” – respondi com entusiasmo.

A conversa foi interrompida pela chegada do médico.

Por volta das 16h15 saímos do médico e voltamos até à Instituição.

Quando chegamos todos os meninos tinham saído da escola e estavam a lanchar. Depois do lanche fui brincar com eles. A brincadeira chegou ao ponto de eu ser a mãe deles e eles chorarem a pedirem-me colo, eu agarrava-os, metia-os no sofá fingindo que eles estavam todos a dormir. Eles riam e eu fazia caras engraçadas, dava-lhes palmadas suaves no rabo como se os estivesse a embalar e abanava-os fingindo que adormeciam. Quando dava por mim, fingiam que choravam com um choro de bebés que eles imitavam para lhes voltar a dar atenção e lá ia eu outra vez.

C.O: Esta brincadeira foi um desafio para mim, pois queria estar atenta a cada criança que fingia que chorava. Para mim, eles puseram-me num papel difícil em que eu sendo a mãe deles a brincar, não queria falhar como muito provavelmente teriam falhado com eles. E então choravam regularmente porque se apercebiam que eu ia logo a correr ter com eles.

Depois de brincar com eles, chegou a vez de ajudar o C na disciplina de português, tinha-lhe prometido que estudava um bocado com ele, nem que fosse ler uma história. Chamei-o e fomos para a sala de estudo. Ele lia devagar e pausadamente, tão bem que não precisava de o interromper. Elogiava-o pela sua leitura e ele punha a cabeça no meu ombro e dando-me festinhas na cara continuava a ler para mim.

C.O: Caracterizo o C como um bom aluno, que tem capacidades para conseguir ter boas notas. É independente no que toca ao estudo, mas é sempre preciso iniciativa da parte de alguém para o começar a fazer. E quando começa a estudar, faz com empenho e dedicação tentando ao máximo não se distrair.

Nota de Campo n.º 8 (NC8)

Data: 25 de Outubro de 2017

Horário: 8h30 – 13h

Título: A conversa interessante com I

Entrei na Instituição de manhã e quando cheguei eles já estavam quase todos despachados. Foram para a escola perto das 9h da manhã.

Fiquei sentada na sala à espera que chegasse as 9h30 para acordar os meninos novos que, ainda não tinha aulas (I e J) ou infantário (H e L). Enquanto eles se vestiam eu e o F (que só entra às 11h na escola) fomos fazer a cama dele. Depois da cama feita, reparamos que os outros meninos que tinham ido para a escola cedo não tinham feito as suas camas e então perguntei-lhe:

- “Queres fazer as camas dos teus amigos para eles ficarem contentes quando chegarem da escola?”

Ele começou a rir e com um ar de quem não queria, mas eu insisti e disse:

- “Se eles fizessem a tua, tu também ias gostar.”

Ele acenou-me com a cabeça que sim e antes de lhe dizer mais alguma coisa, começou a fazer uma cama. Então começamos a falar de futebol sobre os jogadores da seleção e fizemos as camas num ápice. Depois, fomos os dois à procura dos meninos que já tinham acordado e ele diz-me:

- “Olha, estão aqui meninos novos sabias?”

Eu sorri e respondi-lhe:

- “Já os conheci. Que achas de irmos os dois dar-lhes bom dia à sala?”

Ele agarrou as minhas mãos e pôs à volta do seu pescoço e começamos a andar em direção à sala. Quando chegamos à sala cumprimentamos e eu ajudei-os nos pequenos-almoços.

Depois dos pequenos-almoços enquanto ajudava o I, que de maneira autónoma me pediu para realizar os trabalhos de casa da antiga escola e ao mesmo tempo víamos calças que servissem aos manos novos. Em tema de conversa ele disse-me que sabia toda a história de Portugal e eu pedi-lhe que me contasse.

C.O: Era claro que esta criança era uma criança muito inteligente, fez os trabalhos de matemática de forma autónoma e só me pedia para corrigir. De todas as vezes que olhava para os trabalhos, ele sabia, mostrava dedicação da parte dele. Com isto,

apercebi-me que gostava da escola, embora faltasse muitas vezes por causa dos pais à mesma.

Depois de fazer alguns dos trabalhos que tinha, foi-me pedido que fosse ao parque com ele. Fomos os dois, pediu-me para levar uma trotinete e eu dei-lhe a escolher o parque que ele queria ir.

Quando chegamos ao parque disse-me que iria estacionar o seu veículo e que ia ao escorrega grande e pediu-me que me sentasse no banco a vê-lo. Passado uns minutos os baloiços vagaram e fomos andar os dois. Enquanto estávamos a andar nos baloiços começamos a falar. Ele viu um gato e disse-me:

- “Olha, sabias que eu tenho medo de gatos? Não é medo, não gosto deles. Sabes que na altura dos faraós eles tinham gatos que eram os seus melhores amigos? Até que um dia, eles conheceram os cães e preferiram os cães aos gatos. Já viste que os desenhos deles, aparecem com cabeças de gatos e com cães ao lado? E também às vezes aparecem pássaros nas cabeças deles. Os pássaros eram os mensageiros.”

- “Meu Deus, as coisas que tu sabes...” – respondi empolgada.

- “Sabias que tinha medo de tomar banho?” – disse-me ele com ar triste.

- “Porque é que tens medo? Queres-me contar?”

- “Sim. Eu quando era muito pequenino não gostava, até que um dia a minha avó encheu a banheira de água e mergulhou a minha cabeça com força. E eu fiquei com medo.” – baixou a cabeça.

- “Mas tu agora, já tomas banho sozinho. Ainda tens medo?”

- “Não... Ontem tomei banho sozinho.” – disse-me.

- “A sério? E gostaste? Sabes que já és um homem grande. Eu já reparei que a G, tem medo de tomar banho, aconteceu-lhe o mesmo?”

- “Sim gostei... Não percebo porque é que ela tem medo. Nunca lhe aconteceu nada como aconteceu comigo. Olha... Eu acho que a J não gosta de mim!”

- “Porque é que dizes que a tua mana não gosta de ti? Eu vejo a maneira como ela olha para ti e vejo que ela gosta muito” – perguntei surpreendida.

Encolheu os ombros e sorriu.

C.O: Apercebi-me que ele sabia que ela gostava dele. Embora precisasse de um reforço da minha parte.

- “Sabes, às vezes peço-lhe para brincar comigo e ela não quer. Mas quando ela quer brincar comigo, eu tenho de brincar. Ela faz chantagem comigo por eu ter um problema.

Sabes que eu tenho um problema? Faço xixi e coco nas calças às vezes. Desde que a minha mãe e o meu pai começaram a discutir eu fiquei assim.”

Levantou-se e perguntou-me “Posso andar de trotinete? Ficas a ver-me?”

- “Claro que sim!” – respondi.

Deu umas voltas ao parque e sempre a olhar para mim e eu para ele.

C.O: Senti que ele tinha receio que me viesse embora e o deixasse ali. E como senti isso, não parei de olhar para ele e de lhe sorrir de modo a sentir-se confortável enquanto desfrutava da ida ao parque que tanto desejava.

Enquanto estava no parque falava-me dos irmãos, principalmente da J que adorava escorregas e aquele escorrega era dos grandes. Contou-me ainda, que tinha aprendido a andar de trotineta por causa da irmã e das colegas da escola. Falou-me das palhaçadas que faziam em casa e que o pai não gostava dos pinos da irmã J, mas que ela o testava. E ainda me contou que gostava muito de um amigo dele, que faziam aventuras como a série “Os cinco”. Disse que às vezes mentia, para não levar castigos, mas que mesmo que ele não fizesse asneira às vezes levava com as culpas dos outros irmãos.

Era quase 13h e ele tinha de ir almoçar. Fomos para a Instituição e despedi-me das crianças.

C.O: Esta criança desabafou muitas coisas comigo, sentiu-se confortável e eu dava-lhe exemplos de coisas que tinham acontecido comigo que eram parecidas com as dele. Sentiu que afinal, todos de vez em quando fazíamos asneiras ou que tínhamos medo. Era normal. E o importante era conseguir ultrapassar os medos, por exemplo, como o caso dele na questão do banho.

Nota de Campo n.º 9 (NC9)

Data: 31 de Outubro de 2017

Horário: 14h – 18h

Título: Reunião com a Dra. A

Cheguei à Instituição e pedi ajuda à Dra. A para ver as tabelas que fiz sobre os motivos de acolhimento das crianças e as famílias. Ficamos em conversa sobre as várias competências que tinha estipulado. Quando reparamos que estavam a chegar as crianças parámos e a Dra. A pediu-me que lhe enviasse por *e-mail* para ver melhor e fazer algumas anotações.

Quando as crianças chegaram a casa depois da escola, foram lanchar e o A de maneira autónoma veio-me pedir ajuda nos trabalhos de casa de matemática, sentou-se ao pé de mim, tirou a folha de matemática e começou a fazer. Estava com ar de gozo, perguntando se sabia quais eram os múltiplos de três. E eu comecei a dizer-lhe e ele centrou-se no seu trabalho novamente.

A B mal acabou de comer, foi realizar os trabalhos de casa na sala.

O D tem duas vezes por semana uma voluntária que o ajuda na realização dos trabalhos de casa. E foi ter com a voluntária para fazer os mesmos.

Enquanto ajudava o A, apareceu o F, vindo da escola. Veio logo para a sala ter comigo e com o A. Como estava muito “elétrico” e nós estávamos a fazer os trabalhos, perguntei-lhe se ele queria pintar um desenho. Ele acenou-me que sim, e pediu-me para desenhar para ele pintar. À qual lhe perguntei:

- “Queres que te desenhe o quê?”

- “O Sol”

Comecei a desenhar.

- “Queres nuvens também?” – perguntei.

- “Sim e um balão.”

Acabou por não pintar o que lhe tinha desenhado, mas andava pela casa a mostrar as nuvens, o sol e o balão. Passado um bocado, veio ter comigo novamente e reparei que ele estava todo molhado. Perguntei-lhe logo se ele queria ir à casa de banho. Fomos à casa de banho fazer xixi, lavar o corpo e trocar de roupa.

C.O: Embora ele já tivesse feito xixi nas calças, levei-o à casa-de-banho. Para ele progressivamente, começar a ter esse hábito, e vincular essa aprendizagem.

Nota de Campo n.º 10 (NC10)

Data: 2 de Novembro de 2017

Horário: 8h-13h

Título: Donativos

Cheguei à Instituição por volta das 8h, acordei algumas das crianças e fiz a rotina das mesmas, desde os pequenos-almoços, à higiene e levei as crianças à escola.

Quando regresssei à Instituição ajudei com donativos que tinham chegado de supermercados arrumando-os nos sítios e fazendo a sua contagem.

Após a arrumação dos mesmos, ajudei as educadoras a arrumar roupas que estavam em sacos para serem escolhidas pelas crianças. Estas tarefas levaram-nos a manhã toda.

Por volta das 13h saí da Instituição.

Nota de Campo n.º 11 (NC11)

Data: 7 de Novembro de 2017

Horário: 14h-18h

Título: O “novo” menino

Cheguei à Instituição e conheci uma nova cara, o M com cinco anos. Era loiro com grandes olhos castanhos, com umas botas azuis, calças de ganga e camisola cinzenta. Tinha chegado na segunda-feira à Instituição.

C.O: Em conversa percebi que tinha passado os seus cinco anos numa Casa de Acolhimento Temporário. Há relativamente três meses atrás tinha ido para uma família de acolhimento, mas a família não aguentou a pressão que ele os submetia e voltou a coloca-lo numa Instituição.

Disse-lhe “olá” e ele chamou-me de feia. E eu ri-me e disse-lhe:

-“Mas tu és muito bonito.”

Ele pareceu retrair-se, mas de repente percebi que estava muito à vontade afinal, tinha passado a sua vida toda institucionalizado.

Passado um tempo, fui à sala e ficamos a sós. Pensei que podia ser uma boa oportunidade para conseguir falar com ele, conhecê-lo. Perguntei-lhe o que ele gostava de fazer, e ele disse:

- “Gosto de jogar computador!”

- “Não gostas de fazer mais nada? Aposto que gostas!” – disse-lhe.

Ele ficou meio pensativo, pôs o dedo no ar e respondeu:

- “Também gosto de jogar à bola e usar a vassoura e a pá!”

Eu ri-me. Ele começou a aproximar-se de mim e sentou-se ao meu colo. Estava disperso da nossa conversa, agarrava-me o cabelo, mexia na caneta em cima da mesa, olhava para um lado e para o outro. Perguntei-lhe:

- “E a tua cor preferida, qual é?”

- “Azul” – disse-me.

- “A minha é o preto. Sabias?”

-“Mas o preto é muito escuro” – respondeu indignado, fazendo uma cara de desaprovação.

-“Mas eu gosto muito...”

- “É por isso que estas com calças pretas?”

- “Sim, mas também uso outras cores.”
- “Quais?”
- “Cor-de-rosa, cinzento, vermelho...”
- “Eu também gosto de vermelho. Cor-de-rosa é de menina!” – explicou-me.
- “As meninas gostam mais de cor-de-rosa, mas tu também podes gostar.”
- “Sim, mas não posso dizer aos meninos senão eles gozam.”
- “Aposto que existem muitos meninos que gostam de cor-de-rosa e não têm vergonha de o dizer.”
- “Quem?”
- “Tenho um amigo meu que gosta muito de cor-de-rosa e ninguém goza com ele”
Rimos e ele deu-me um abraço.

C.O: Tinha sempre resposta na ponta da língua, mexia-me nas coisas e tirava da mala. Não era capaz de estar sossegado.

Quando a nossa conversa terminou, fui com a Dra. A para a psicóloga com o C. O C pediu-me que instalasse um jogo que ele queria muito jogar no meu telemóvel. Então, até chegar ao psicólogo passou o tempo a jogar.

A consulta atrasou-se. Depois estive muito tempo no psicólogo. Quando saiu, veio a cantar mostrando o chupa-chupa que o médico lhe tinha dado. E disse que não ia partilhar connosco. Em tom de brincadeira começamos a dizer que tínhamos um chocolate no carro e que o íamos comer todo e ele ria-se e dizia que também queria. A caminho da Instituição, fomos buscar o H, passava já das 17h e estávamos um pouco atrasados.

Quando voltamos, começamos a brincar ao jogo do “congela” e do “descongela”. Quando alguém dizia o nome da pessoa, essa pessoa tinha que congelar até dizerem descongela. Os quatro vínhamos divertidos e a rir do jogo que o C tinha acabado de explicar.

Chegamos à Instituição, estavam as crianças a correr de um lado para o outro. Fui dizer “olá” a todos. Brinquei com eles. Passado pouco tempo estava na minha hora de saída.

Quando me fui despedir diziam:

- “Mas só tiveste aqui dez minutos”

Eu expliquei-lhes que tinha chegado cedo, mas que tinha ido com o C à sua consulta e que nos tínhamos atrasado. Prometi que no dia a seguir os ia acordar e tomar o pequeno almoço juntos.

Nota de Campo n.º 12 (NC12)

Data: 20 de Novembro de 2017

Horário: 10h – 13h

Título: O dia do não

Cheguei à Instituição por volta das 10h da manhã. Estava na sala a Dra. A, a Dra. B, a L e o M. Não tinha reparado que o M estava no sofá, quando entrei disse “olá” a toda a gente na qual ele me repreendeu:

- “Mari, estou aqui, tá?”

Mal o vi, sorri e dei-lhe um abraço muito grande. Perguntei como tinha corrido a semana dele à qual me respondeu sussurrando ao meu ouvido:

- “Portei-me mal. Ando a bater nos meninos.”

- “Porque é que andas a bater nos meninos?” – sussurrei.

- “Porque me apetece.” – respondeu encolhendo os ombros.

- “Sabes não podemos bater nos nossos amigos. Eles não fazem essas coisas contigo.”

- “Fazem, fazem.”

- “Então olha, quando eles te baterem não lhes faças mal. Falas com uma adulta para te ajudar.”

- “Mas eu gosto!” – franziu o olho.

- “Os dentes caem-nos quando nos portamos mal.”

- “Não caem nada, estás a brincar comigo!”

E rimos.

De repente a L quando acabou de comer o pequeno almoço, veio na minha direção a sorrir. Queria-me dar um abraço, ao qual o M a afastou. Expliquei-lhe que não se empurra a L nem ninguém. E pedi-lhe para ele me dar um abraço juntamente com a L. Perguntei à L se ela tinha brincando e feito desenhos no fim-de-semana e ela acenava-me com a cabeça que sim. Até que, lhe disse:

- “L, temos de ir lavar os dentes!”

Esboçou um sorriso enorme e fomos até à casa-de-banho.

C.O: Eu sabia que a escova de dentes estava no quarto dela, mas fiz-me de despercebida para ver se ela me dizia o sítio correto.

Fomos à casa-de-banho das meninas e ela dizia “não”, fomos à casa-de-banho dos meninos e ela voltava a dizer “não”, até que lhe perguntei se estava no quarto e ela disse que “sim”. Quando estávamos no quarto, a escova estava por cima da banheira que têm para os bebés tomarem banho e disse:

- “L, eu não sei onde está a escova”

E ela apontou para a prateleira em cima da banheira. Fomos para a casa-de-banho das meninas, empoleirou-se no banco e eu expliquei-lhe todos os passos de como lavar os dentes. Primeiro púnhamos água no copo, depois passávamos a escova por água e púnhamos a pasta, após esse processo lavávamos os dentes. Enquanto ela tinha a escova na boca eu ensinava-lhe como lavar, dizia para abrir a boca, para fazer caretas para lavar os dentes da frente, dizia para ela não se esquecer dos dentes de trás e ela ria enquanto lavava. Quando chegou a hora de bochechar, ela engole sempre a pasta. Então agarrei num copo, pus água na boca e mandei fora e pedi-lhe que fizesse exatamente o que tinha feito.

C.O: Senti que era um bocado difícil e sempre que ela fazia o mesmo movimento que lhe tinha ensinado eu dizia “boa”. Ao fazer isto, captei que ela tinha interesse em fazer mais uma e outra vez.

Depois de higiene oral, perguntei-lhe se ela queria por creme. Fomos por creme nas mãos e na cara e um pouco de perfume.

Quando fomos para a sala, chegaram duas raparigas novas com cabelos grandes, altas, que estavam ali para fazer um estágio durante três semanas. Apresentaram-me a elas e a L enroscava-se nos meus braços tapando a cara. Elas sentaram-se ao pé de mim e da L e começaram a meter-se com ela. A L não lhes dava muita saída...

C.O: Ela estranha sempre caras novas.

As raparigas perguntaram-me como funcionava as rotinas, então para além das rotinas falei de cada um dos meninos. De modo a que a L dialogasse e perdesse a vergonha, expliquei às raparigas que a L tinha 4 irmãos na casa. E enquanto dizia o nome deles, pedia-lhe que ela com os dedos dissesse as idades. Alguns ela acertava, outros eu ajudava-a.

Após uns momentos de conversa, a L agarrou-me a mão para ir brincar com ela.

Sentamo-nos no chão da sala e fomos buscar legos. Enquanto brincávamos com os legos eu dizia as cores e pedia-lhe que repetisse comigo. Sílabas a sílabas ela repetia o som que ouvia da minha boca. Eu dizia “boa” e ela ria e repetia a palavra.

A Dra. A estava a contar uma história numa outra mesa ao M, e estava a fazer sons de animais, despertando a atenção da L. Quando me apercebi que ela tinha ficado interessada, comecei a fazer sons de animais e a dizer os nomes deles. Ela repetia o som e repetia o nome muito devagar.

Passado um pouco, o M pediu a minha atenção, então deixei-o mexer um pouco no meu computador com o intuito de podermos jogar um jogo. Ele sempre muito irrequieto, carregava em todas as teclas e eu repreendia-o com calma, dizia que ele não podia fazer aquilo, que tinha de saber esperar e que se estava muito irrequieto que metesse as mãos no ar e as abanasse. E ele parava durante um segundo e voltava a fazer. Carregava em todas as teclas e desligava o computador. Chegou o momento em que lhe disse que ia desligar o computador e que ele não ia mexer mais. Fez uma grande birra. Começou a gritar, a dizer “não não não” e eu mais uma vez disse-lhe:

- “Então vais ouvir-me com atenção e assim podemos jogar!”

C.O: Ele não é capaz de ouvir um não. Quando ouve um não, trata mal (levanta a mão e ameaça), grita e chama nomes. É necessário treinar com ele, o sim e o não, de modo a ele perceber as diferenças e a ser capaz de aceitar o que lhe dizem.

Continuou com a sua atitude negativa, desligava e ligava o computador, não ouvia o que estava a dizer porque estava muito centrado em mexer em todas as teclas do computador. Por fim, acabei por lhe dizer:

- “Já chega, o computador vai ser desligado e vais pensar sobre o que fizeste.”

- “Desculpa, não ligues. Vá lá.”

- “Eu desculpo, mas tens de aprender que quando as pessoas dizem para não fazeres, tu tens de perceber que não podes fazer.”

- “Mas porquê?”

- “Imagina que estás a desenhar com um lápis e vem um menino e agarra numa borracha e começa a apagar todo o teu desenho, como é que vais ficar?”

- “Não me importo.”

- “E se te importasses, se fosse um desenho que gostavas muito. O que fazias?”

- “Olha, dizia para parar.”

- “Estás a ver, é o mesmo que acontece aqui. E se o menino não parasse e continuasse a apagar o teu desenho?”

- “Eu batia-lhe.” – respondeu-me com o dedo no ar.

- “Achas que te devia bater?”

- “Porquê?”
- “Porque é o que me estás a dizer para te fazer.”
- “Eu batia nos outros, mas tu não podes bater em mim.”
- “E tu não podes bater em ninguém. Tens de pedir ao menino para parar e se não o fizer, chamas uma adulta.”
- “Mas às vezes eu não consigo.”
- “Eu sei que às vezes se torna difícil para ti, mas tens de te controlar para não estares de castigo e para teres amigos.”

Acenou-me com a cabeça que sim e pediu-me que fosse fazer uma atividade com ele. De seguida, fomos para o quarto jogar a um jogo de objetos e número. Havia alturas em que parecia interessado no que estávamos a fazer, mas grande parte do tempo mostrava desinteresse e gritava que queria jogar playstation.

C.O: Eu sabia que ele não podia jogar, estava proibido porque estava de castigo.

Eu dizia-lhe que não podia jogar e para estar atento ao jogo que fazíamos. Ele começou a chamar-me feia e a querer bater-me. De repente levantei-me e disse-lhe:

- “Olha M, hoje não estou muito feliz contigo. Venho brincar contigo, dou-te atenção, não te chamo nomes nem te bato. Os amigalhaços não fazem essas coisas, por isso, vou-me embora e hoje não falo mais contigo, estou triste.”

Ele ficou chateado e em tom de provocação dizia:

- “Para onde tu fores eu vou, não quero saber.”

Então comecei a ignorá-lo.

C.O: Preferia ignorá-lo um bocado a chatear-me com ele. Talvez ele percebesse que sempre mantive a minha calma, e que talvez ele me devesse um bocadinho de respeito e consideração pela atitude positiva para com ele. Porque ele consegue compreender as coisas.

Sentei-me no escritório e ele agarrou num telemóvel de brincar e falava:

- “Ela está lixada comigo. Não fala comigo. Também não precisas de saber quem é... Ela não quer saber de mim. Tá lixada.”

Passado uns minutos era a minha hora de saída, fui ter com ele e pedi-lhe que me apertasse a mão e ele perguntou-me:

- “Porquê?” – com ar de chateado, pois sabia que lhe dava sempre um abraço.
- “Porque hoje não foste meu amigalhaço e eu estou muito triste contigo.”
- “Não vais embora! Não vais sair daqui!” – começou aos gritos comigo.

Calmamente disse-lhe:

- “Amanhã eu volto e espero que hoje penses no teu comportamento comigo, amigalhaços são sempre amigalhaços e não fazem as coisas que me fizeste hoje.

Alguma vez gritei contigo ou te bati?”

- “Não... Mas eu sou teu amigalhaço.”

- “Eu sei que és, mas hoje estou triste contigo.”

Nota de Campo n.º 13 (NC13)

Data: 21 de Novembro de 2017

Horário: 14h-18h

Título: O dia de M

Cheguei à Instituição, estava tudo a almoçar... Perguntei pelo M e disseram-me que estava a tentar dormir. Fui até ao quarto dele e ele mal me viu deu um salto da cama. Pus-me ao lado dele e perguntei-lhe se estava mais bem disposto. Ele acenou-me com a cabeça.

- “Não tens nada para me dizer hoje?”

- “Não...” – respondeu surpreendido.

- “Olha... eu acho que tens um pedido de desculpas a fazer-me pelo dia de ontem.”

- “Não, não...”

- “A certeza que não tens nada para me dizer?” – perguntei novamente.

Ele colocou o dedo na cabeça fingindo que estava pensativo e interrompi-o:

- “Nem um pedido de desculpas?”

- “Desculpa-me” – disse calmamente.

- “Enrosquei-me com ele na cama e dei-lhe um abraço.”

Passado um tempo, perguntei-lhe se queria ir comigo ao parque. Estava um dia muito bonito e achei que podíamos ir passear, como o género de uma recompensa por me ter pedido desculpas e por ter percebido que tinha errado. Expliquei-lhe que ainda estava um bocado triste com ele, mas que tinha valorizado o facto de ele se ter apercebido e me ter pedido desculpas por a sua atitude. Ele esboçou um sorriso enorme de orelha a orelha e disse-me que queria muito ir. Vestimos o casaco, fui buscar umas moedas e saímos da Instituição.

Fomos ao parque ao pé da escola dos outros meninos, mas era um parque para meninos pequeninos. Os escorregas não eram grandes, os cavalos que tinham eram pequenos e o baloiço estava muito rasteiro ao chão. E disse-me:

- “Podemos ir ao pé de nossa casa? É maior!”

Acenei com a cabeça e voltamos para o nosso ponto de partida, mas antes, passamos pelo supermercado para comprarmos um chupa-chupa. Quando estávamos na caixa, dei-lhe o dinheiro para a mão e perguntei-lhe se queria pagar. Ele disse-me que sim, quando deu o dinheiro à senhora do supermercado, deu-me logo o troco mal lhe foi parar à mão.

Fomos assim, ao parque ao pé de casa. De facto tudo naquele parque era maior do que o que tínhamos estado. Sentamo-nos no cavalinho e eu baloiçava-o. Quando me sentei no banco, ele veio logo na minha direção e sentou-me ao pé de mim. Começamos a fazer caretas um ao outro, e eu disse-lhe:

- “Gosto muito de quando te portas assim. Sabias que ficas muito bonito?”

- “Tu estás a mentir.”

- “Não estou não... Gosto muito mesmo quando te portas bem, mas também gosto de ti quando te portas mal.”

- “A sério?” – olhou para mim surpreendido.

- “A sério...”

C.O: Na minha perspetiva, o fato de entrar em negação quando o elogio ou outra pessoa é a falta de atenção e falta de palavras de afeto. Ele rejeita-se a acreditar que as pessoas gostem dele, que as pessoas se interessam por ele e que se preocupam.

Deu um pulo do banco quando viu uma formiga a passar no chão e ia em direção para a pisar, e eu agarrei-o e disse que não devia de fazer aquilo, que ela estava a levar comida para a família dele. Ele recuou e disse:

- “Será que ela gosta de chupa?”

- “Gosta! Mas não lhe podes dar chupa, assim ela vai-te comer o chupa todo e tu não comes nada...E se ela te fizer um buraco no chupa depois não o podes por na boca.”

Ele riu-se e disse-me:

- “Alguma vez levaste um estalo sem roupa?”

- “Já... Quando tinha a tua idade e me portava mal, às vezes o meu pai dava-me desses estalos.”

- “A sério? Eu também já levei muitas vezes desses estalos. Da próxima vez que te quiserem dar desses estalos tu contas-me porque eu protejo-te!”

Sorri-lhe e disse:

- “Obrigada por seres meu amigalhaço. Mas agora já me porto bem, já não me dão desses estalos!”

- “Se eu levar, proteges-me também?”

- “Protejo, mas só se não te tiveres portado mal pode ser?”

- “Sim, mas se acontecer contigo diz-me que eu dou-lhes.”

Eu comecei-me a rir e disse para irmos para a casa.

Quando chegamos a casa já estavam algumas das crianças em casa. Fui ajudar o C na elaboração dos trabalhos de casa porque lhe tinha prometido (a ele e ao irmão) verem uma série da National Geographic sobre os animais. Ele, como estava tão empolgado para ver, começou a comer muito rápido para fazermos os trabalhos de casa. Fizemos os trabalhos de matemática e quando chegou o irmão estávamos mesmo a acabar.

O A chegou a casa, veio logo ter comigo e disse:

- “Fiz todos os trabalhos na escola como tínhamos falado! Podemos ir ver? Vá lá!”

Eu respondi que sim, mas que primeiro tinha de ir lanchar, dando assim uma margem para acabar os trabalhos de casa do C.

Após o lanche e os trabalhos feitos, como prometido, levei-os para o escritório, pus a série a dar e fiquei com eles a ver, pediram-me logo que apagasse as luzes e fizesse um cinema. Enquanto víamos, muitas perguntas surgiam desde o motivo pelo qual o urso se roçava na árvore, o porquê de o tigre mandar jatos para a árvore. O mais velho ao interessar-se mais e ao conseguir ler as legendas, explicava muitas coisas ao outro, desde avalanches a plantas.

C.O: Este momento foi muito divertido, porque enquanto víamos íamos aprendendo curiosidades dos animais e eles estavam felizes. Sempre com a boca aberta de quando viam algo que nunca tinham visto, com um sorriso no rosto quando algum animal fazia alguma coisa engraçada, riam muito e esfregavam as mãos como se estivessem inquietos com o momento que fosse dar a seguir.

Nota de Campo n.º 14 (NC14)

***Conversa Informal**

Data: 22 de Novembro de 2017

Horário: 8h30 – 13h

Título: As manhãs

Cheguei à Instituição e foi hora de dar os pequenos-almoços, higiene e fazer as camas. Após algumas semanas a fazer manhãs com eles, captei que quase todos já fazem as coisas sozinhos sem que ninguém lhes mande. Cheguei aos quartos e estava tudo a fazer as camas, é claro que temos de dar sempre o toque final porque alguns dos beliches são difíceis de fazer, principalmente as camas de cima. Mas o básico eles fazem tudo muito bem e só podem ajuda a finalizar. Nas questões de higiene, todos lavavam os dentes sozinhos à exceção da Paloma que precisa de uma ajuda. Após lavarem os dentes, lavam a cara e vão sempre à procura do creme para por e em alguns dos casos metem perfume.

Por volta das 9h/9h30 foram para a escola. Fiquei apenas com o M que tem explicação com uma voluntária, com a L e o M. A Dra. A levou o M para a rua, para ir passear. Enquanto a estagiária e a Dra. C faziam uma atividade com a L, comecei a estudar e a ler o plano educativo das crianças.

Às 11h30, o M regressou. Contou-me que tinha ido andar a comboio com a Dra. A, que tinha comido um chupa-chupa e tinha ido ao parque.

Foi a altura dos almoços, fiquei a ajudar a L a comer com postura certa e a agarrar nos talheres. Enquanto comíamos falava com ela para ela soletrar o que comia.

Conversa informal Dra. C e Monitora F

Estávamos no escritório e começou uma conversa sobre o M. A Monitora F comentou que ontem à noite enquanto estavam na refeição que o M tinha começado a ameaçar as crianças e os adultos com os garfos e a faca, que passou a noite a bater nas crianças e ameaçar dizendo “olha que levas”.

A Dra. C falou que temos de agir com ele, que temos de lhe explicar que ele não manda e que quem manda somos nós. Falou ainda que, temos de o castigar mais vezes, mas em frente às outras crianças de modo a que ele se sinta envergonhado, que às vezes temos de usar um bocado da nossa “força” quando ele faz mais força que nós e nos ameaça que vai bater.

Contei um episódio que vi, com o F, em que o M apertou o pescoço ao F e o F irritado mordeu-lhe.

C.O: Confesso que fingi que não vi, porque o M precisa de sentir na pele às vezes o mesmo que ele faz aos meninos. Ele não consegue ter nenhum tipo de socialização com as crianças e quando o faz, é para o lado negativo. Ou tira o brinquedo, ou chama nomes, ou bate, ou ameaça.

Ao explicar o meu comentário, disseram-me que tinha feito o correto, porque de facto se os meninos lhe fizerem o mesmo ele não vai gostar.

C.O: O M precisa de uma figura mais autoritária. Precisa de ter respeito por alguém, porque no meio de 14 pessoas que trabalham aqui ele não respeita na sua totalidade. E às vezes isso leva a que as pessoas percam um bocado a cabeça com ele e que tenham de pensar duas vezes em agir, que contem até 10 ou que peçam a alguém para o castigar. Para além disso, não apresenta nenhuma expressão ou emoção negativa quando se ralha, para ele todos os assuntos são tratados a rir e a gozar.

Nota de Campo n.º 15 (NC15)

Data: 28 de Novembro de 2017

Horário: 14h – 18h

Título: O outro CAT

Cheguei à Instituição e estava tudo a almoçar. Perguntei pelo M e estava deitado na cama a descansar. Fui ter com ele, porque ele não gosta de estar sozinho e as estagiárias iam almoçar também. Quando cheguei ao quarto ele esboçou um sorriso, deitei-me ao pé dele e a estagiárias disseram:

- “Não lhe dê mimos porque ele hoje portou-se mal!”

Eu olhei para ele e quando ele se certificou que elas tinham ido embora, sussurrou-me:

- “Bati numa delas hoje!”

- “Porque é que tu bateste nelas?”

- “Olha porque elas me bateram e se elas me batem eu bato também.”

- “Mas para elas te baterem foi porque te portaste mal... Não é?”

E ficou um silêncio.

C.O: Percebi logo que tinha acontecido algo, ele quando fica calado é sinal de que fez alguma coisa que não é boa.

Enquanto estávamos deitados dei-lhe um abraço muito grande e pedi-lhe para ele não voltar a bater nas amigas. Ele acenou-me com a cabeça que sim e meteu a cabeça na minha barriga. Comecei a fazer-lhe festas na cabeça e a falar sobre o meu fim-de-semana.

Ele ouviu muito atento até que me meteu as mãos no meu peito. Eu olhei para ele e perguntei o que ele estava a fazer e ele disse-me que quando fosse grande me ia dar banho e tirar as calças. Expliquei-lhe que essas coisas não se diziam e que não se mexia assim a ninguém. Ele parou e deu um salto da cama a dizer que tinha cocó. Eu levei-o até à casa-de-banho e ele pediu-me que ficasse ao pé dele.

Quando ele foi para a sala, conversa com a Dra. A e a Dra. C sobre o que tinha acontecido e quisemos perceber o porquê de ele me fazer isto.

Entretanto a L começou a chorar e eu fui ter com ela, tinha acordado e tinha tido um pesadelo. Agarrei-a, andei com ela ao colo para se acalmar e fui-lhe mudar a fralda.

Quando estava a mudar a fralda o M andava a gritar por mim pela casa, disse-lhe onde

estava e apareceu a Dra. A. Ao mudar a fralda à L, ele meteu-me a mão no rabo, a Dra. A viu e perguntou-lhe:

- “O que tu pensas que estás a fazer? Quem te ensinou isso?”

- “No meu outro CAT os meninos grandes faziam isso às meninas e elas gostavam!” – com ar de gozo.

- “Mas este não é o outro CAT, este é diferente. Aqui não se faz isso, ouviste? Pede desculpa.” – gritou com ele.

- “Tu não mandas!” – gritando mais alto.

- “Mando, mando! Tu é que não mandas nada, ouviste?”

A conversa parou. E ele saiu a correr do quarto para a sala. A Dra. A disse que ainda bem que tinha apanhado aquele momento para conseguir perceber o que tinha acontecido ou o que ele tinha visto para reagir assim com as raparigas, porque já outras pessoas tinham falado sobre o mesmo.

Quando o C chegou da escola, veio a correr ter comigo mostrando todas as páginas que tinha feito do livro dos animais que lhe tinha oferecido.

C.O: Fiquei surpreendida porque pensei que ele não tivesse olhado mais para o livro, mas afinal, andou a fazer as atividades (que eram encontrar os animais e ler algumas curiosidades deles).

Quando os outros meninos chegaram à escola, fomos todos lanchar e ao conversar com a G apercebi-me que ela ia ter teste, então ficou prometido que quando ela acabasse de lanchar íamos estudar um bocado. Após o lanche, fomos para o escritório e comecei a fazer atividades para ela, desde matemática a português. Escrevi-lhe contas para ela realizar, fiz-lhe desenhos iguais para ela contar quantos existiam e fazer contas a seguir, fiz-lhe letras para ela copiar.

C.O: Existem algumas letras que ela não consegue fazer bem, então, fazia uma e pedia-lhe que visse para depois copiar, os E maiúsculo era uma delas e então fizemos várias vezes.

Enquanto fazíamos, ela olhava para o relógio que tinha no pulso (que não contava horas) e dizia uma hora ao calhas. E eu ria-me e dizia:

- “Quanto mais rápido fizeres, mais rápido vais brincar”

Ela dizia que sim e começava a fazer tudo muito concentrada. Quando acabamos os trabalhos de casa, fui brincar com todos os meninos que estavam na sala. Andei com

cada um às cavalitas, brincamos às coegas, com o meu lenço fazíamos de fantasmas,
com os meus joelhos fazia deles um cavaleiro.

Nota de Campo n.º 16 (NC16)

Data: 29 de Novembro de 2017

Horário: 08h30 – 13h

Título: Passeio com a L

Quando cheguei à Instituição fiz a minha rotina das manhãs. Dei pequenos-almoços, ajudei na parte da higiene com a escovagem dos dentes, o creme e perfume. Na parte da arrumação do quarto, onde fizemos camas e arrumamos o pijama. Até que, o D estava ensonado e pediu-me ajuda para vestir, olhei para ele e ri-me porque com a idade dele não devia de ajudar, mas dias não são dias. Reparei que ele continuava a ter um problema com o atar dos ténis então ficamos de volta dos ténis um tempo para que ele fizesse aquilo que uma outra maneira que para ele foi mais fácil do que as típicas orelhas que nos ensinam quando somos crianças. Enquanto fazíamos isso, brincava com ele sobre o futebol. Ele gosta muito de futebol, vê os jogos no quarto do estudo que tem uma televisão e conta-me novidades de outros clubes que não sejam portugueses.

C.O: Sempre interessada oiço tudo o que ele tem para me dizer. Ele gosta de partilhar comigo este assunto, sabe que eu o chateio quando se fala em Benfica e Sporting. Um facto engraçado é que ele era do Benfica e eu de tanto o chatear acabou por me confessar um dia que era do Sporting e que não gostava mais do Benfica.

Fui levá-los à escola com a Dra. C e quando voltamos a Sra. E pediu-me que lhe ajudasse na contagem dos alimentos que tinham recebido de vários supermercados. Agarrei numa folha de papel e comecei a escrever tudo o que nos tinha sido enviado, desde fraldas, toalhitas, pacotes de leite, cereais, papas, sacos do lixo, cremes, shampoo, gel de duche tanto para os bebés como para as crianças, etc... A nova colaboradora da noite tinha começado para conhecer algumas das rotinas e perguntou-me se me podia ajudar porque estava perdida no que fazer. Comecei logo a familiarizá-la das coisas todas e dos sítios que ela devia de colocar com a ajuda de um Senhor que costuma ir lá fazer arrumações ou consertos nas coisas estragas. Tinham também enviado roupa, então comecei a ver a roupa que estava dentro de sacos e a ver para qual criança servia, dividindo a roupa de inverno da roupa de verão. Achava piada porque muita da roupa que estava ali era mais para bebé e como a L estava ao meu lado a pintar um desenho que lhe tinha feito, perguntava-lhe se ela gostava ou não e soletrava “cal” “ças” e ela repetia.

Como tínhamos muitos alimentos e produtos, demoramos demasiado tempo. Quando acabei esta tarefa perguntei à L se queria vir comigo dar um passeio. Ela ficou muito entusiasmada, corria atrás de mim enquanto ia buscar o meu casaco e quando ia buscar o casaco dela sempre aos gritos e às gargalhadas.

Quando estávamos prontas, ela quis levar a sua mala e passeamos um bocado. Fomos inicialmente ao parque, mas alguns dos escorregas estavam molhados, andamos de baloiço (sempre com a minha ajuda) e por fim, perguntei-lhe se ela queria um chupa. Fomos ao supermercado comprar um chupa, dei o chupa para ela dar à senhora para pagar e ela fez tudo muito bem, quando as pessoas falavam com ela, ela ficava envergonhada e enroscava-se em mim.

C.O: Demoramos algum tempo porque ela anda muito devagar, ainda é bebé e não consegue andar ao meu ritmo.

Quando chegamos à Instituição, era a hora de almoço dela e para o M, fomos lavar os três as mãos e sentamo-nos na mesa a comer.

Olhei para a L e pedi-lhe que agarrasse na colher pelo meio de modo a conseguir ter equilíbrio na mão, pois deixava cair os alimentos quando estava a chegar a boca.

Ela olhava para mim, agarrava na colher e dizia:

“- Assim?”

Após o almoço dado foi a altura de me ir embora.

Nota de Campo n.º 17 (NC17)

Data: 30 de Novembro de 2017

Horário: 14h – 17h

Título: Conversa com o M

Quando cheguei à Instituição era a hora de almoço para todas as trabalhadoras. Então troquei com uma colega que estava no quarto, na cama com o M para ela almoçar e deitei-me ao lado dele.

Quando cheguei ao pé dele, começou logo a rir e a fazer disparates. Pedi-lhe que se deitasse ao pé de mim e que me falasse no que tinha feito ontem à noite. Ele ria e não me dizia nada, só queria ir brincar. Então lembrei-me de que na noite anterior tinha tido um pesadelo e comecei a contar-lhe o que tinha acontecido:

- “Ontem tive um pesadelo muito mau. Acordei a chorar e muito triste.”

- “O que é um pesadelo?” – perguntou-me indignado.

- “Um pesadelo é quando temos um sonho muito mau. Sabes?”

Acenou-me com a cabeça que sim.

- “E foi o quê que sonhaste?” – perguntou.

- “Sonhei que dois homens me tinham feito muito mal.”

- “Tás a falar a sério?”

- “Estou... A minha sorte é que isso só acontece mesmo nos pesadelos” – expliquei-lhe

- “E mais?” – ficou empolgado.

- “E mais não me lembro. Só que chorei muito.”

Ele tinha uma chave na mão e uma moeda dos carros de compras, olhou para mim esticou-me a mão com a moeda e disse:

- “Olha eu vou-te dar isto para quando tiveres esses sonhos maus ficares protegida!”

- “Estás a falar a sério?”

- “Sim... Por isso vais dormir sempre com isto na mão e quando tiveres medo apertas com força e eles vão-se embora.”

- “Então e tu? Tu dormes sozinho neste quarto... Quando tiveres pesadelos como vais fazer para te proteger?”

Franziu-me o olho e com muita convicção responde-me apontando o dedo:

- “Eu não tenho medo disso. Eu durmo sozinho aqui e quando aparecem homens maus mando-lhes facas e garfos e depois tenho esta chave na mão que é a chave da prisão.”

- “Porque é que queres por as pessoas na prisão?”
- “Eu quero por mais as crianças!”
- “Mas porquê?”
- “Porque no meu outro CAT mandavam-me com chaves e às vezes pediam-me para agarrar em facas afiadas e cortar...”

Ficamos em silêncio e de seguida continuou:

- “Mas eu nunca fiz isso!”
- “Eu sabia!”
- “Como é que sabias?”
- “Porque tu tens um coração bom.” – e meti-lhe a mão no peito.

De repente deu um pulo da cama e em frente tínhamos uma impressora que tinha um género de grades, ele abriu-a com as chaves na mão e disse:

- “Estás a ver? É assim que funciona. Abro a prisa e meto-os lá dentro.”
- “Deixa-te dessas coisas. Não devemos prender as pessoas, devemos de as ajudar primeiro.”

Ele ficou pensativo e passado uns minutos deitou-se ao meu lado e disse:

- “Vamos ver televisão?”

Acenei com a cabeça que sim e fomos para a sala sentar no sofá.

C.O: Esta conversa que tive com o M foi muito sentida por ambos. Era notório a cara dele ao desabafar-me destes assuntos. Creio que a confiança que nós criamos dá-lhe asas para ele me contar grande parte das coisas que pode ter passado ou então até ter inventado, mas não acredito que um menino de 5 anos tenha este tipo de pensamentos sem os ter ouvido. Sente-se um desconforto da parte dele e noto que o mais difícil e preocupante nele é a socialização com as crianças, onde não se dá a elas e não se deixa conhecer. Todos os momentos que ele partilha com as crianças são para a maldade.

Entretanto, chegaram as outras crianças e a B pediu-me ajuda para fazer uma mala de papel. Fomos para o escritório e ela já tinha a ideia de tudo o que queria. Era uma mala do tamanho de uma folha A4, com uma bolsa lá dentro com uma carteira.

A construção da mala e da carteira foi toda feita com papel e agrafos, em que ela na carteira pintou de cor-de-rosa e na mala fez do género de umas figuras abstratas. Disse-lhe para ela fazer algo que desse para fechar a mala e mostrei-me ideias através do meu telemóvel. Ela achou interessante e a que mais gostou desenhou.

C.O: Ficou uma mala muito gira, colorida, mas com muita mistura de cores e de figuras.

De repente o A, pediu-me ajuda para realizar o Dom Afonso Henriques. Procurou-se imagens do mesmo e ele acabou por desenhar numa folha apenas a cabeça, a espada e o escudo. Recortou cada parte que tinha desenhado e colou no seu caderno.

C.O: Neste dia, falei com a Dra. B para poder levar a passear a J no sábado dia 9 de Novembro, o plano era irmos até Lisboa, comer fora e ir ao Marquês de Pombal ao Wonderland uma espécie de feira popular do Natal. O pedido foi aceite.

Nota de Campo n.º 18 (NC18)

Data: 5 de Dezembro de 2017

Horário: 14h – 18h

Título: O olho do M

Quando cheguei à Instituição deparei-me logo com o M. Olhei para ele e ele tinha o olho negro, inchado e com um pouco de sangue. Fiquei preocupada com o que tinha visto e perguntei-lhe o que tinha acontecido ao olho dele.

Inicialmente a conversa remeteu-se para a B, que lhe tinha empurrado porque ele lhe tinha apontado com uma faca, mas logo se seguida o discurso mudou e que, afinal lhe tinha tirado as calças e batido sem roupa no rabo.

C.O: Apercebi-me de imediato que muito provavelmente ele teria caído e se aleijado. A B não lhe faria mal, pois sempre que a observo ela tem um lado maternal para com as crianças, sendo ela a mais velha. Aliás, em conversa com a Dra. D ela explicou-me que devia ter sido ele a cair, porque quando chegou a casa e reparou no olho, perguntou o que tinha acontecido e a B não mostrou nenhum problema, nem nenhuma reação quando ele apontou o dedo para ela. Quando fazemos alguma coisa de mal, ficamos comprometidos nem que seja na nossa expressão facial e neste caso, a B agiu normalmente.

Depois da minha conversa com M, fui para o escritório ler o Manual de Procedimentos de um Centro de Acolhimento Temporário.

Por volta das 2h45 sai da Instituição e fui com a Dra. A e o C ao psicólogo. Andava-me a pedir a cada terça-feira para ir com ele, e eu explicava-lhe que iria quando fosse a Dra. A. Mal se apercebeu que ia com ela veio logo fazer uma festa a dizer que tinha de ir porque íamos sempre os três.

No percurso da consulta, estávamos a falar e soube que o C tinha teste no dia a seguir de Estudo do Meio. De maneira divertida começamos a fazer uma breve revisão de algumas coisas, pelo menos das coisas que tinha estudado com ele. Falamos sobre os cinco sentidos, sobre os meses do ano e os dias que tinham, sobre a reciclagem e ele mostrou-se quase sempre à vontade com a matéria e quando tinha receio olhava para nós como se nos pedisse ajuda, nós ajudávamos e quando lhe fazíamos a pergunta de maneira diferente ele mostrava que tinha conseguido compreender e respondia acertadamente.

Quando saímos do consultório, fomos buscar o H. No caminho o C ia a tirar fotografias com o meu telemóvel e a cantarmos músicas.

Nota de Campo n.º 19 (NC19)

Data: 6 de Dezembro de 2017

Horário: 8h00 – 13h

Título: A manhã divertida da L

Cheguei à Instituição, mal toquei à porta a Dra. D pediu-me que levasse o H à escola porque estavam atrasados. Fomos os dois a pé até à escola e como estava tanto frio com o meu cachecol fizemos uma mantinha para as nossas mãos.

Após o deixar na escola fui levar os restantes meninos à escola.

Por volta das 9h15 fui acordar o F e a L, fomos diretamente para a sala para tomarmos o pequeno-almoço. Ambos estavam com uma postura correta na mesa e o manuseamento da colher estava muito bom. De seguida fizemos comboio até ao quarto para lhes mudar a fralda e vestir. O F foi o primeiro porque tinha escola. Depois de os arranjar fomos lavar os dentes. A L estava com um pouco de dificuldade e o F estava quase a fazer tudo bem faltava lavar os dentes na parte de trás. Deste modo, perdemos um bocado de tempo para lhes explicar como devíamos de fazer através de caretas, eles riam e imitavam.

Quando o F foi para a escola, eu e a L fomos ler uma história, a do lobo e o cordeirinho, mas estava muito inquieta, então fizemos uma pausa e fomos fazer um jogo sobre os dias da semana e de rotinas que as crianças faziam durante a semana, desde o banho, a passear, a fazer os trabalhos de casa e enquanto púnhamos as peças no sítio certo pedia-lhe que olhasse as imagens e falava sobre o que as crianças estavam a fazer pedindo para repetir tudo o que eu dizia.

Passado um pouco fomos fazer um desenho, enquanto o fazíamos havia alguns lápis que estavam sem bico, fui buscar uma afiadeira e afiava para ela puder pintar. Ela achou piada ao que eu fazia e começou a imitar-me, agarrando na afiadeira e no lápis fazendo os mesmos movimentos que eu, mas faltava-lhe a força. De modo a perceber que estava a fazer bem, elogiava-a sempre e ela ria.

Depois do desenho, voltamos aos livros em que lhe contava uma história do Ruca e a ida ao Jardim Zoológico. Através das imagens pedia-lhe que ela falasse comigo sobre o que estava a acontecer, mas ela ficou muito interessada quando lhe apontei o pai do Ruca na imagem e queria sempre voltar às páginas onde estava o pai e dizia “pai, pai”.

Eu dizia-lhe que ela parecia um disco riscado porque só queria ver o pai do Ruca e ela ria à gargalhada.

A seguir à história, meti música e começamos a dançar as duas, enquanto dançava, aproveitava-me da situação e em brincadeira fazíamos ginástica, púnhamos as mãos nos pés, nas orelhas, nos joelhos de modo, também, a ela me dizer onde estavam aquelas partes do corpo.

Depois de uma manhã tão divertida chegou a hora de ela ir almoçar.

C.O: Com o tempo, a L está a conseguir soletrar as palavras de maneira mais eficaz, ou seja, já não preciso de soletrar todas as palavras para ela as dizer. Algumas, ela já consegue dizer de uma só vez, estou muito contente com os progressos que tenho vindo a assistir.

Nota de Campo n.º 20 (NC20)

Data: 7 de Dezembro de 2017

Horário: 14h-18h

Título: Mais uma rotina quebrada

Cheguei à Instituição e sentei-me no gabinete da Dra. A, a ler o manual de procedimentos da casa de acolhimento, de modo a perceber algumas das diretrizes e dinâmicas do CAT.

Por volta das 15h30 fui buscar o C à escola. Tinha ficado acordado que quando o fosse buscar, faríamos logo os trabalhos de casa para voltar a ver mais um episódio dos animais com o irmão que saia da escola um pouco mais tarde do que era normal.

Quando cheguei à escola, perguntei-lhe como tinha corrido o dia. Começou logo a contar que tinha jogado muito à bola, que tinha caído e aleijado o seu joelho mas que estava bem e sem dores. Enquanto íamos para casa, íamos brincando às escondidas pelo meio da rua. Após chegarmos a casa ele decidiu que queria ir fazer os trabalhos de casa. Sentamo-nos na mesa grande da sala, porque não havia barulhos a interferir o nosso estudo, e fizemos duas páginas de matemática.

Quando chegaram as outras crianças já tínhamos estudado o necessário, visto que, no dia a seguir era feriado. Parámos o estudo, lancharam e meti o C e o A a ver os animais no escritório. Entretanto a B quis também ver e juntaram-se os três. Volta e meia chamavam-me para me perguntarem o porquê de agirem assim.

Por volta das 17h a casa já estava composta de crianças, fui até à sala brincar com eles. Brincamos aos médicos, mediam-me a pulsação, ouviam o meu coração e eu queixava-me de dores. Eles achavam piada, deitavam-me no chão. Metiam-se em cima de mim, levantavam-me os braços e as pernas e eu fingia que chorava de dores.

Quando chegou o I da escola, pediu-me que fosse fazer-lhe companhia enquanto ele fazia os trabalhos de casa de história. Sentamo-nos no escritório e liamos sobre o D. Afonso Henriques. O trabalho dele consistia em perceber o motivo da guerra, o motivo pelo qual ele tinha desaparecido. Foi divertido, porque esta criança é muito culta, tem interesse em instruir-se e retém toda a matéria, contagiando-me a lembrar-me sobre factos históricos.

Nota de Campo n.º 21 (NC21)

Data: 12 de Dezembro de 2017

Horário: 10h-13h

Título: As consultas

A pedido da Dra. A fui a consultas com os dois irmãos H e L. As consultas consistiram em medir e pesar as crianças, perceber como estava o desenvolvimento delas e tentar saber algumas informações sobre consultas passadas às quais não tínhamos informações.

C.O: Descobrimos que estas crianças tinham consultas de desenvolvimento e genética, às quais o pai não se mostrava interessado em comparecer.

As crianças aparentavam estar saudáveis, sem problemas e mais desenvolvidas em comparação com registos médicos anteriores. Fizemos análises e tínhamos de esperar para saber os resultados.

Sáímos da consulta por volta do 12h30 e fomos para casa.

Nota de Campo n.º 22 (NC22)

Data: 13 de Dezembro de 2017

Horário: 9h-16h30

Título: Os donativos

Cheguei a casa um pouco mais tarde do que era suposto, o meu autocarro tinha atrasado. As crianças já tinham ido para a escola. Ficando a L e o M. Após tomarem o pequeno-almoço mudei a fralda e vesti a L. O M ficou ao pé de nós à espera que a L estivesse pronta para irmos os três lavar os dentes. Começamos o processo da escovagem dos dentes, sempre muito distraídos sobre o que era importante fazer e eu repetia, exemplificava como as coisas se deviam de fazer. Após a escovagem, fomos os três para a sala jogar a um jogo sobre números e profissões. Um dos jogos consistia em contar as frutas e procurar o número que eles tinham contado, o outro era consoante as imagens eles acertarem qual era a profissão e eu dava-lhes a peça com a palavra correta. Quando acabaram os jogos, sentamo-nos no sofá a contar uma história. Mas, estava um dia tão bonito que fomos passear até ao parque. Um foi de bicicleta e o outro de triciclo. Quando chegamos ao parque fomos para os escorregas. A L enquanto subia as escadas enormes do escorrega, eu ia atrás dela e começava a contar “um, dois, três” e ela imitava-me. Após várias repetições, apercebi-me que ela enquanto subia começava a contar as escadas corretamente. Subimos e descemos várias vezes do escorrega e andamos de baloiço.

C.O: Gostei do facto da L mostrar interesse em contar as escadas que subia sozinha. Para mim, caracterizo como um progresso para a estimulação da fala, pois ela apenas repetia e agora tem iniciativa em tentar dialogar.

Por volta do 12h30 regressamos a casa para almoçar. Lavamos as mãos e sentaram-se à mesa.

C.O: Captei que a L já consegue pegar na colher bem, mas às vezes entorta um bocado o que leva que a comida caia para cima dela. Com o tempo ela começa a fazer as coisas que uma forma mais autónoma e quando lhe digo para ela ter cuidado com a colher que vai cair a comida ela dá um jeito e faz as coisas bem.

Quando acabamos de almoçar fomos lavar os dentes, e fui adormecer a L. Agarrei-a ao colo, demos umas voltas pelo quarto e sempre que achava que ela estava a adormecer e que a podia por na cama, ela chorava e agarrava-se a mim. Deitei-me no chão com ela

no meu peito, inventava uma história para adormecer, mas estava difícil. Ela não queria que saísse de pé dela. Passado meia hora a tentar que ela adormecesse, deitei-a na cama e disse que ia estar ao pé dela com a mão dada até ela adormecer. A L adormeceu e fui almoçar. Tinham-me pedido para ir buscar uns donativos, umas prendas que uma escola da Amadora e da Apelação tinham para estas crianças. Brinquedos usados, mas estimados.

Fui com a Dra. D até à Povoia. Quando chegamos pediram-nos que esperássemos e que estivéssemos lá por volta das três. Fomos beber um café, conversar um bocado e voltar até ao parque. Às três horas estavam lá os brinquedos, com a ajuda de umas auxiliares levamos para o carro e voltamos para a Instituição.

C.O: Embora fossem crianças vindas de bairros desfavorecidos, o interesse em doarem-nos brinquedos fez-me sentir bem. Mesmo quando não temos muito devemos ajudar estas casas, nem que seja com o facto de fazermos uma criança feliz com os brinquedos que mais gostámos. Pequenos gestos fazem a diferença para estes meninos.

Nota de Campo n.º 23 (NC23)

Data: 15 de Dezembro de 2017

Horário: 9h30-14h30

Título: Os convites do Natal e despedida

Com a Dra. A fui entregar convites a pessoas que ajudavam a casa. Desde a cafés, cabeleireiros, mercearias, centros de explicações, centros hospitalares.

Despedi-me dos três irmãos que iam para a sua família na manhã seguinte. Fiquei à espera de que viessem almoçar a casa e fiz questão de almoçar com eles, falando um bocado sobre como é que eles se sentiam, se estavam entusiasmados, felizes. O feedback que estas crianças me deram sobre o que sentiam, acalmou-me.

C.O: Soltei algumas lágrimas na casa-de-banho, quer queira quer não, estes três irmãos tiveram impacto em mim. Valorizaram a minha pessoa enquanto amiga deles, gostavam muito de mim e que queriam sempre manter contacto comigo, pedindo também o meu número para me ligarem de vez em quando.

Nota de Campo n.º 24 (NC24)**Data:** 19 de Dezembro de 2017**Horário:** 14h-17h**Título:** Consultas em Lisboa

A Dra. A pediu-me que fosse a consultas com duas crianças por Lisboa, o E e o F. Esperei-a no Saldanha para irmos para Arroios ao hospital. Quando os três apareceram ao pé de mim, começou a nossa caminhada até ao hospital. Chegamos por volta das 14h20 e ficamos na sala de espera. O E está a aprender a fazer o desfralde, e no caminho fez um xixi nas calças. Quando me apercebi, fui trocar-lhe as cuecas e as calças e pedi-lhe que me dissesse quando tivesse vontade.

Na consulta, a médica apresentava satisfação em ouvir as crianças. Estava contente por estarem mais à vontade com ela, por falarem sobre os seus progressos em questões de saúde. O F estava com o seu problema do sangue mais normalizado, já não sangrava tanto e sabia o que fazer nos casos de sangramento.

Enquanto a consulta decorria, em que eram pesados, medidos, auscultados, o E voltou a fazer xixi nas calças. Veio logo no meu encontro a chorar. Saímos da consulta para voltar a trocar a roupa, já não tínhamos mais mudas de roupa e as auxiliares do hospital arranjaram-me uma fralda e umas calças de pijama. Vesti-o, e enquanto o vestia falava com ele para me avisar, para não ter problemas em dizer-me que tinha xixi que iríamos a correr para a casa-de-banho, mas ele estava em pânico. Acalmei-o, dei-lhe abraços e senti-o mais bem-disposto.

Quando regressamos à consulta, fomos encaminhados para tirar sangue para ver se havia algum problema com o mais novo, visto o mais velho ter problemas de sangue. Enquanto um ia tirar sangue eu ficava com o outro a brincar numa casinha do hospital. O F chorava muito enquanto tirava sangue e eu encorajei o E para não chorar. Combinei que se não houvesse nenhum choro que ia comprar um chocolate muito bom para eles, como se se tratasse de uma recompensa. Assim foi, quando o F saiu da sala, fomos os dois à máquina e compramos um chocolate que desse para os quatro.

Sentamo-nos à espera da Dra. A e o E a comer o nosso chocolate e a falar sobre o que se tinha passado para ele chorar muito. Contou-me que tinha medo de agulhas e que não gostava de estar em médicos. Sentei-o no meu colo e expliquei-lhe que já tinha passado e que os médicos eram nossos amigos, que gostavam de saber se estávamos bem.

Por volta das 16h saímos no hospital, fomos até ao metro e eu regressei para casa.

Nota de Campo n.º 25 (NC25)

Data: 10 de Janeiro de 2018

Horário: 10h-12h

Título: A reunião do Projeto

Após algum tempo ausente, cheguei à Instituição com o interesse de ter uma reunião sobre o projeto que tinha feito durante as férias de Natal. Caracterizava o projeto um pouco incerto, mas apresentei-o na expectativa de que me pudessem dar dicas sobre alguns tópicos que não estavam bem definidos.

Inicialmente a reunião iria ser com a Dra. A e a Dra. B, mas a Dra. B pediu-me que falasse com a Dra. A. Deste modo iniciamos a nossa conversa sobre as atividades que tínhamos pensado. Ao ler as atividades foi-me indicado a importância a tópicos que tinha pensado, como a postura correta à mesa, o comer corretamente, o banho, a importância de lavar os dentes e o partilhar.

C.O: Apercebi-me que estes aspetos para algumas crianças precisavam de ser mais estimulados, porque se caracterizavam como fulcrais para o seu desenvolvimento.

A Dra. A disse-me:

- “Queremos que estas crianças no momento da saída sejam capazes de fazer isto sozinhas, que não dependam de ninguém e que por iniciativa o façam. Por exemplo a questão do lavar os dentes, às vezes eles não têm noção, mas os nossos dentes só ficam lavados quando lavamos a nossa língua e deixamos a pasta na boca para atuar.”

Quando falamos sobre a postura correta e do comer à mesa ela explicou:

- “Às vezes o M está muito distraído. Nunca está atento na hora da refeição, suja-se sempre seja a comer sopa ou cereais. Olha para todos os lados menos para o prato que tem à frente da mesa e suja-se todo. Acho que devíamos estimular com ele e estarmos em cima dele para ele ganhar noção.”

Acenei-lhe com a cabeça que sim, e disse que já tinha notado essa necessidade nele e que queria estar presente em todas as refeições dele enquanto estivesse na casa e ela concordou.

Sobre o banho, tivemos ideias em por uma sequência na banheira para as crianças olharem e perceberem como se faz corretamente. Pediu-me ainda que pedisse autorização para supervisionar o banho à Dra. B, pois trata-se de um momento muito privado da criança e que era importante ter uma autorização.

Por fim, após ler as atividades e ela achar pertinente, pediu-me que frisasse a parte da partilha, pois é algo que às vezes é difícil de ser estimulado.

C.O: Embora exista crianças que digam “estes brinquedos são da casa podes usar”, existem outras que fazem cara feia e não deixam tocar nos brinquedos dizendo que “são meus”. É importante dizer que, existem brinquedos que foram dados por familiares e que de certa forma as crianças têm razão, mas que grande parte desses brinquedos se situam nos quartos para episódios como este não existirem. De todas as maneiras devemos sempre falar com a criança quando queremos algo deles para que percebam que também podemos emprestar.

No fim da reunião, reduzimos tópicos pondo-os em colunas que se poderiam adaptar às mesmas competências.

Quando saí da sala, dirigi-me ao gabinete da Dra. B e pedi autorização para fazer as atividades e supervisionar o que precisava. Ela aceitou e falou com as outras colaboradoras de maneira a puderem a ir de encontro às atividades que propus.

Nota de Campo n.º 26 (NC26)

(Conversa Informal)*

Data: 16 de Janeiro de 2018

Horário: 8h-11h

Título: Início do Projeto

Cheguei à Instituição e foi-me pedido que fizesse o pequeno-almoço para as crianças. Enquanto fazia e dava os pequenos-almoços pela janela grande que divide a sala da cozinha eu ia vendo e chamando a atenção para se sentarem de forma correta e não estarem a distraírem-se com os desenhos animados na televisão.

Após a refeição individualmente, fui com o M, E, D, I lavar os dentes.

C.O: Ao observar notei que eles queriam despachar o processo em vez de o fazer como deve de ser.

Demoramos mais tempo escovar os dentes porque queria que lavassem todos os pontos, pois eles lavam a parte da frente e esquecem-se de lavar os dentes atrás. Claro que bufaram, mas achava-lhes piada e pedia que fizesse bem. Com muito custo, os dentes estavam bem lavados e eles tinham feito as coisas que lhes tinha pedido.

C.O: O M apresenta uma boa escovagem dos dentes, o que lhe falta é demorar um pouco mais de tempo, não ser tão apressado. O E ainda tem algumas dificuldades a lavar os dentes, não sabe bem como manusear a escova. O D falta entender que a parte de trás e os lados precisam de ser escovados, para ele o mais importante é passar com a escova na parte da frente dos dentes. O I tem medo de escovar muito os dentes porque sangra das gengivas e então desleixa-se um pouco na sua higiene oral.

Quando este primeiro processo se deu por terminado, ajudei o M e o D a vestirem-se.

C.O: Embora saibam que primeiro nos vestimos e só depois é que se vamos tomar o pequeno-almoço, eles naquele dia não estavam muito virados para aí e foi feita a vontade. Deste modo, a parte do vestir foi feita à pressa porque como demoram tempo a comer tinham de compensar na parte do vestir para não chegarem atrasados à escola.

Enquanto incentivava o M a vestir, pedi-lhe que me observasse a atar os atacadores dos ténis. Ele ficou muito atento e tentou durante cinco vezes, mas deixei de insistir porque tinha de ir para a escola.

C.O: Mostrou-se interessado e atento, o que valorizo muito nesta criança, pois grande parte das vezes está com a cabeça em todos os sítios possíveis e imaginários menos naquele que importa.

Quando as colaboradoras foram por as crianças à escola, eu fiquei de acordar a L e o H. Após os ter acordado, mudei-lhes a fralda, vesti-os e enquanto o fazia, pedia às crianças que me dessem os objetos e repetissem o que dizia. Por norma peço um braço e eles repetem a palavra, peço o pé e eles repetem.

Depois desta tarefa, chegou a tarefa do pequeno-almoço, mas enquanto estávamos a andar pelo corredor, o H mostrou-se pouco correto para a L. A L tinha umas chaves de brincar nas mãos e o H tirou as chaves da mão e mandou para o chão, mas só depois de ouvir a L chorar. Chamei-o à atenção, e falei-lhe sempre a importância da palavra respeito. Pedi-lhe que pegasse nas chaves e desse à L. Ele agarrou e quando ela esticou a mão, ele mandou as chaves novamente para o chão em tom de gozo. Por fim, agarrei nas chaves dei à L, levei-o o H para a sala de forma a que ele refletisse sobre o que tinha feito, e a L veio comigo fazer o pequeno-almoço enquanto o H ficou sentado no sofá sozinho a chorar.

Após o pequeno-almoço sentamo-nos os três a ver bonecos e a realizar um puzzle, mas aquele puzzle (que eles tinham escolhido) era muito difícil para eles.

Entretanto, ouvi uma menina chorar, era uma bebé que estava na Instituição já à dois dias. Era de cor, com olhos muito grandes, tinha apenas 21 dias de vida. Agarrei nela com muito cuidado, fui fazer o leite para ela tomar.

Conversa Informal*

Em conversa com a Dra. C ela explicou-me que esta menina de 21 dias está institucionalizada porque os pais não apresentam condições necessárias para ter uma criança em casa. A mãe de 22 anos já tinha uma criança de um outro rapaz.

Quando a criança nasceu quem ficou com licença de maternidade foi o pai, mas durante os cinco primeiros dias o pai não compareceu uma única vez no hospital. A mãe por sua vez, quando teve alta só foi visitar a criança uma única vez.

A segurança social foi informar-se sobre esta família e constataram que o primeiro filho da mãe estava institucionalizado, que não haviam recursos nem condições para ter uma criança.

A mãe e o pai mostraram interesse em ter a filha de volta e ficou acordado que iriam fazer obras à casa e que iam ambos trabalhar para dar uma boa vida à criança. Os pais e a Instituição procedeu a uma intervenção rápida para que a menina não fosse privada do seio familiar.

Os pais devem de a ir visitar todos os dias das 9h30 ao 12h, dando o biberon, banho, vestir, mudar a fralda e estar com a criança.

Nota de Campo n.º 27 (NC27)

Data: 18 de Janeiro de 2018

Horário: 15h30 – 18h

Título: A escolha das roupas

Cheguei à Instituição às 15h30 já estavam algumas crianças na casa. Quatro crianças estavam doentes e de cama. O D como tinha chegado da escola, pediu-me que me sentasse ao lado dele enquanto ele lanchava. Começamos a falar sobre como tinha corrido o dia dele, de como estava a escola e ele desabafou-me que tinha uma namorada. Perguntei-lhe muitas coisas sobre a sua namorada e ele ria-se e acenava-me a cabeça. Mais tarde, perguntei-lhe se ele estava disposto a fazer algumas atividades comigo e ao dizer-lhe que eram só com ele, ele abraçou-me e mostrou-se muito entusiasmado.

Entretanto chegou a explicadora de D, as crianças que estavam deitadas na sala de estudo passaram para a sala. Estive a preparar-lhes o lanche para puderem tomar a medicação. Não queriam comer, não tinham apetite então individualmente partia bocados de pão e dava-lhes à boca explicando que elas ao comerem iam ficar melhores e que só assim é que podia dar o medicamento.

Passado quase uma hora a dar lanche às crianças, pedi à J e ao I que fossemos fazer uma atividade, individualmente. Primeiro fomos à internet ver a meteorologia para o dia a seguir, ao identificarmos o tempo fomos procurar roupa para usar.

C.O: O L foi um processo rápido e fácil.

Ao olharmos para o roupeiro ele quis calças de fato de treino e duas camisolas de manga comprida. Perguntou-me no fim se podia ser fato de treino e eu disse-lhe que sim.

Explicou-me que se sente mais à vontade para correr e jogar à bola.

C.O: A J foi um processo demorado e metódico.

Quando chegamos ao roupeiro, ela começou a olhar para a roupa e sentou-se no chão de pernas cruzadas a dizer que não tinha roupa suficiente ou roupa que gostasse. Ao vê-la desanimada, comecei a agarrar em calças e a elogiá-las. Ela ria-se e dizia que não.

Desistimos da ideia das calças e passamos para as camisolas, mas muito rápido a ideia das calças voltou a surgir na cabeça dela. Tirámos todas as roupas do armário, sentamo-nos no chão e ficamos a decidir o que conjugava bem. Ela dizia-me que eu tinha muito jeito para conjugar roupas e eu explicava que ela também tinha. Prometi-lhe que iria

procurar em casa roupas que lhe servissem. Após quase uma hora a escolhermos as roupas, ela finalmente decidiu-se.

C.O: A J tem noção do que deve usar consoante a estação, tem apenas falta de imaginação para conjugar as suas roupas porque quando usa x camisa tem de usar x camisola e deste modo fica difícil conjugar roupas. Senti que esta atividade foi apreciada por ambos, embora um fosse mais rápido que o outro, eles gostaram de conjugar as suas roupas. Apesar da J já o fazer sozinha, ela preferiu ter a minha ajuda a fazer sozinha. E pediram-me que voltasse a fazer com eles

Nota de Campo n.º 28 (NC28)

Data: 19 de Janeiro de 2018

Horário: 8h – 13h

Título: Escovar os dentes a dois

Cheguei à Instituição às 8h da manhã, estavam todas as crianças a dormir.

Apressadamente fui acordar o D, I e M porque ambos tinham visitas de estudo. Mal acordaram fui fazer o pequeno-almoço e sentei-me ao pé deles a falar sobre o que cada um ia ver. Dois iam fazer uma visita aos bombeiros o outro ia ver uma excursão de motards. Enquanto comiam tive de chamar a atenção o M, porque se sentava com as pernas em cima da cadeira, porque estava desatento ao prato da papa, porque atirava com objetos às outras crianças. Após eles tomarem o pequeno-almoço fui com eles para o quarto para se vestirem. O D embora seja dos mais velhos, queria mimo e pedia-me que o ajudasse a vestir, e enquanto o ajudava ficava atenta aos outros dois meninos. Quando acabaram de se vestir fomos lavar os dentes para a casa-de-banho dos meninos, estava a monitorizar os três e a dar dicas sobre como lavar. Tive ainda tempo para mostrar um pequeno vídeo sobre a lavagem dos dentes, e quando estava a mostrar eles faziam cara de nojo e dizia “blhack” ou “ugh” porque afinal, os bichos que lhes falava que existiam na boca, existiam mesmo.

Por volta das 9h, fui por as três crianças à escola. Quando regresssei, o H, E, F já estavam acordados. Foquei-me no H na parte do ganhar autonomia para se vestir, pois com a idade dele já temos de começar a pensar nestes pontos.

C.O: Embora seja uma criança pouco desenvolvida para a idade o importante é começar a estimulá-la porque com o tempo em que esta criança já passou na Instituição vê-se muitas melhorias no que toca à fala, à capacidade de ouvir, de fazer as coisas de maneira correta. Ainda não se veste sozinho e usa fralda, como tal, peço-lhe sempre que estou com ele, que seja ele a tentar vestir-se.

Neste processo ele consegue vestir a camisola, embora a vista ao contrário (a parte da frente para trás), mas ajudo-o explicando que a etiqueta vem sempre para trás. Na parte das calças ele tem alguma dificuldade em pôr as pernas e puxar sozinho.

Após ajudar o H a vestir-se foi a vez de ajudar o E e o F a escovar os dentes, o E é um pouco preguiçoso, passa a escova nos dentes da frente e diz:

- “Já está!”

Olhei para ele e perguntei-lhe:

- “Achas mesmo que já está? É só assim que se lava os dentes?”

- “Não.” – respondeu ele.

- “Quando lavamos os dentes precisamos de os lavar todos. Não é só a parte da frente que conta, aliás, a parte da frente é a parte visível aos olhos das outras pessoas, mas a parte de trás da nossa boca é a mais importante. É essa parte que faz com que consigamos mastigar as coisas. Acho que devias de te esforçar para lavar os dentes melhor.”

Ele olhou para mim e começou a lavar de novo os dentes e olhava para mim dizendo:

- “É assim?”

- “Vês. Quando queres sabes fazer as coisas. Depois de lavar os dentes vais-te sentar no sofá à espera da tua explicadora, por isso não há pressa para fazermos estas coisas que são muito importantes!”

- “Tens razão, desculpa!” – respondeu ele.

Após ele escovar os dentes, pedi-lhe que visse um vídeo sobre a escovagem dos dentes enquanto escovava os dentes com o F.

C.O: Para uma criança de 2 anos, o F lava muito bem os dentes. Passa em todos os pontos importantes e no fim, deixa sempre um pouco de pasta na boca porque aprendeu que é importante deixar-se pasta para que faça efeito e mate as bactérias.

Quando fui à sala a L e o H já tinham tomado o pequeno-almoço e pedi-lhes que viessem comigo à casa de banho. A L já consegue lavar os dentes muito bem e no final, mostra-me sempre os dentes e eu elogio-a para que faça sempre bem a sua higiene. Em contrapartida o H, tem medo de lavar os dentes e chora muito. Nesta sequência, pedi à L que mostrasse ao H que lavar os dentes é bom e que não custa nem dói. Estivemos os três fechados na casa-de-banho durante 10 minutos até que consegui sem força, por a escova de dentes na boca do H. Ele fazia caretas e chorava para que eu não lhe lavasse os dentes, mas eu parei e pedi que ele o fizesse sozinho. Ele a muito custo agarrou na escova e começou a lavar os dentes. Não insisti que ele lavasse os dentes na perfeição, apenas pedi que ele passasse com a escova nos dentes para perceber que não dói e não custa. Enquanto ele passava com a escova eu dizia:

- “Só bichinhos a saltar, lava os dentinhos que eles estão todos a fugir!”

Depois da escovagem dos dentes, fomos para a sala jogar um jogo sobre animais e os nomes deles. Eu mostrava a figura do animal e eles diziam o nome. Enquanto

estávamos a jogar eles faziam birra porque queriam ser eles a encaixar as peças. Não queriam fazer à vez. Neste momento falei-lhes do respeitar a vez do outro e que só assim é que íamos conseguir jogar. No fim de me ouvirem, as coisas começaram a correr melhor e já davam a peça ao outro para ele por no sítio, elogiei o comportamento deles e ao ver a atitude percebi que eles tinham captado a ideia.

Nota de Campo n.º 29 (NC29)

Data: 23 de Janeiro de 2018

Horário: 8h – 11h

Título: Os dentes

Cheguei à Instituição era 8h da manhã. Duas crianças já estavam acordadas e foi-me pedido que acordasse as restantes para ir para a escola.

Dirigi-me ao quarto da G, acordei-a e estive a supervisionar enquanto ela se vestia.

C.O: Durante este momento reparei que ela já conseguia fazer as coisas autonomamente, vestia bem as calças, era capaz de segurar as mangas da camisola interior para vestir outra camisola por cima. Apenas com os ténis, observei que ela não consegue apertar os mesmos.

Entretanto ela foi tomar o pequeno-almoço e ajudei o M a vestir. As calças ele vestiu bem a camisola mostrou algumas dificuldades.

Após vestir o M, fui lavar os dentes com o I, D e E.

C.O: Observei que o D consegue ter autonomia na escovagem dos dentes, passa em todas as áreas da boca e no fim tem o cuidado de passar na língua.

Quando estava com o E a escovar os dentes, pedi-lhe que ele demorasse mais tempo e que lavasse nos pontos todos da boca, ao qual ele me respondeu:

- “Que grande seca!”

Eu franzi a sobrancelha e disse que tinha de ser. E enquanto estava a supervisionar a escovagem do I, mostrei ao E um vídeo sobre como se devia lavar os mesmos.

C.O: O E é demasiado rápido na escovagem, não passa em todos os pontos. O I faz uma boa escovagem, mas ainda apresenta algumas dificuldades porque tem medo que a gengiva sangre.

Após as crianças estarem despachadas, fui pô-los à escola e quando voltei fiquei a ler uns processos das crianças.

Nota de Campo n.º 30 (NC30)

Data: 24 de Janeiro de 2018

Horário: 8h-11h

Título: A postura

Cheguei à Instituição por volta das 8h da manhã. A rotina manteve-se. Acordei as crianças e fiquei mais atenta à postura delas enquanto comiam.

C.O: Apenas o M tem uma postura de distraído. O resto das crianças se alguém estiver ao lado delas conseguem estar com a postura correta à mesa.

Chamei-o à atenção e ele mandou-me calar. Ignorei-o e ele sentou-se com as pernas debaixo do rabo e começou a falar asneiras para os outros se rirem. As crianças ignoraram-no, mas tinha de me meter com ele, pois não podia agir desta maneira. Sentei-me ao lado dele, sentei-o direito e pedi-lhe que se não falasse e fizesse o que lhe tinha pedido. Ele ria e voltava à postura incorreta. Deitava-se na mesa enquanto comia, agarrava brinquedos do chão e começava a mandá-los para as outras crianças. Agarrei-o pela mão e mandei-o subir para a cadeira e comer a papa em cima da cadeira. Claro que ele não gostou porque as outras crianças começaram a rir-se dele e a dizer:

- “Só te portas mal!”

Ele quis-se sentar e eu disse que não. Durante um minuto ele ficou em cima da cadeira para que se apercebesse de que tinha de se sentar de maneira correta e que não se falava assim com ninguém. Quando se voltou a sentar, continuei ao lado dele. As outras crianças tinham ido escovar os dentes, mas neste dia dediquei parte da manhã (até ele ir para a escola) ao lado dele.

Quando todas as crianças saíram da mesa, perguntei-lhe porque é que ele estava a ser mal-educado e porque é que não ouvia o que os adultos lhe diziam. Ao qual ele me respondia:

- “Tu não mandas em mim!”

E eu expliquei-lhe que não queria mandar nele, mas que ele tinha de me ouvir enquanto estivesse ali. Ele encolheu os ombros e pedi-lhe que ficasse sozinho sentado na cadeira e que refletisse sobre o que tinha feito.

O tempo estava contado, mas não me importei. Queria que ele entendesse que não deve de falar com as pessoas da maneira que ele fala. Passado três minutos a refletir, pedi-lhe

que ele me dissesse o que tinha aprendido com aquele episódio. Ele olhou para o chão e disse-me:

- “Desculpa!”

- “Não é a olhar para o chão que se pede desculpa aos amigos. É olhar nos olhos para o amigo perceber que estamos mesmo arrependidos das atitudes que temos.”

Ele não olhava para os olhos nem queria pedir mais desculpa e eu disse-lhe:

- “Sabes, podes não querer olhar-me nos olhos nem me pedir desculpa dessa maneira, mas eu respeito-te e quero que faças o mesmo comigo. Porque se te tratar mal como esta manhã me trataste eu sei que não vais gostar, que vais ficar sentido e triste... Mas tudo bem, não queres responder eu não me vou chatear mais contigo. Vamos lavar os dentes!”

Enquanto estávamos na casa-de-banho ele olhava para mim com um sorriso nos lábios ao qual eu não respondia. Estava de cara trancada para ele entender que tinha ficado triste com ele. Começou a dizer disparates para ver se achava engraçado, mas não me ria. Até que, ele começa a suspirar e me diz:

- “Desculpa!” enquanto me olhava nos olhos, mas muito baixinho.

C.O: Neste momento captei que é preciso esta criança ser “ignorada” para ficar sentida e com noção dos seus atos. O momento de reflexão fez-lhe bem. O facto de o ignorar fez bem.

As crianças foram para a escola, e eu fiquei com a L. Passamos a manhã a fazer jogos. Com bolas de várias cores espalhamos no tapete e eu pedia-lhe que ela fosse apanhar as cores que dizia. E enquanto ela apanhava uma bola dizia a cor e pedi-a que repetisse a cor. Quando esta brincadeira acabou, com a Dra. C fomos buscar plasticina e fazer figuras para que ela nos imitasse. Acabamos as três a fazer uma casa e um coelho.

Nota de Campo n.º 31 (NC31)

Data: 25 de Janeiro de 2018

Horário: 15h-19h

Título: A alimentação

Cheguei à Instituição às três da tarde. O M encontrava-se em casa, não tinha ido à escola. Quando o vi pedi-lhe que fizesse uma atividade comigo sobre a alimentação. Ele gostou da ideia. Perguntou-me se podia escolher o quarto para fazer a atividade e eu disse que sim.

Quando chegamos ao quarto das meninas, sentamo-nos na mesa e demos início à nossa atividade. Inicialmente levei uma língua muito grande que tinha imprimido e plastificado, e perguntei-lhe se ele sabia em que parte da língua nos sentíamos o doce. Ele acenou-me com a cabeça que não. Deste modo, agarrei na língua e expliquei-lhe os três pontos da nossa língua em que sentimos o sabor. Pedi-lhe que repetisse e ele fazia confusão o ácido com o amargo. No fim de tantas vezes a repetir ele acabou por interiorizar. Apontava para a minha língua quais eram os pontos que devia sentir os sabores, ele ria e dizia.

Após esta atividade, existia uma outra que consistia em ter carrinhos de compra recortados e vários alimentos, uns eram saudáveis outros não. O objetivo é que ele identificasse os alimentos saudáveis e os que não eram. Teve algumas dúvidas, mas fizemos em conjunto. No fim, falamos sobre a importância de ter uma alimentação equilibrada e ainda recapitulamos os sabores e as partes que a nossa língua sentia.

C.O: Gostei do empenho, estive atento à atividade e esforçou-se para fazer as coisas corretamente. No fim da atividade reteve os conceitos e repetia-os em baixinho como se os quisesse memorizar. Ia a caminho da sala e chamava-me perguntando-me: “Estou a dizer bem, não estou?”

Depois da vez de M, foi a vez do D a fazer as atividades. O D já sabia algumas coisas sobre a roda dos alimentos e dizia:

- “Eu sei que os doces fazem mal aos dentes e à barriga, mas eu como na mesma. É bom.” - Riamos os dois.

Quando chegamos à parte da língua ele desconhecia os pontos exatos onde sentíamos o paladar. Eu falava sobre os vários pontos e ele pediu-me que fossemos à cozinha experimentar, metemos apenas um doce à boca e de seguida um pouco de limão, na

parte de pôr o limão ele estava reticente, mas como tinha dado a ideia eu insisti para que ele provasse.

C.O: O D compreendeu tudo o que foi feito. Quando estava a pôr os alimentos no carro estava a fazer como se fosse ele às compras, e ria porque sabia que não estava a fazer o que era correto. Mas quando voltou a fazer essa primeira atividade fê-la bem. Gostei do facto de ele se interessar em querer experimentar alimentos para comprovar se ele sentia os sabores nos sítios indicados.

Quando fiz com o E, inicialmente ele não pareceu muito interessado. Olhava para a janela e suspirava. Perguntei-lhe o que se passava e ele respondeu-me:

- “Ontem falei com a minha mãe e ela foi má para mim!”

- “O que achas que se passou para que sentisses isso?”

Encolheu-me os ombros.

- “Não há ninguém que goste mais de nós do que a nossa mãe independentemente de tudo. Talvez se tenha chateado no trabalho ou com alguma amiga e tenha sido um pouco má porque estava zangada. Já pensaste nisso?!”

- “O pai do meu irmão quer ficar com ele e eu não tenho pai.”

- “Não podes pensar nessas coisas. Tens uma mãe que está a lutar por ti! E se o pai do teu irmão ficar com ele, acredita que podes ir sempre vê-lo e estar com ele. Não precisamos de pensar nas coisas pelo lado mau, temos de ter um pensamento positivo, e um sorriso no rosto mesmo que as coisas não vão de encontro aos nossos desejos e sonhos. Podes pensar nisso por mim?”

Voltou a encolher-me os ombros e esboçou-me um sorriso.

- “Se não quiseres fazer a atividade diz-me, eu não fico triste.”

- “Mas eu gosto de fazer trabalhos contigo!”

- “Queres um copo de água e um rebuçado para dar energia para a atividade?”

Ele riu-se e disse que sim.

Quando voltei, fizemos a atividade.

C.O: O E ficou muito atento depois da nossa conversa e mais tranquilo. Fez a atividade corretamente, já conhecia alguns dos alimentos por categorias e pôs tudo correto. Gostei muito do desempenho dele. E quando se enganava punha a mão na cabeça, pensava por segundos e fazia corretamente.

Quando acabamos, fui chamar a G para fazermos as atividades. Fizemos em conjunto.

Eu fazia perguntas quando ela não sabia e ela pensava um bocado e respondia.

C.O: Senti que ela tinha gostado da atividade da língua. Punha a língua para fora, pedia-me que pusesse a língua para fora e dizia os sítios corretos e ria muito. Ela é muito sorridente e manda gargalhadas contagiantes.

Quando acabou a atividade agarrou-me a perna e pediu-me para fazer mais coisas só com ela. E eu expliquei-lhe que para a semana iria com mais coisas para ela fazer e que agora tinha de ir chamar a irmã para fazermos a atividade. Pediu-me se podia ficar ao pé de nós. Quando fui chamar a J perguntei-lhe se a G podia ficar a ver. Ela disse que sim, sentamo-nos as três à mesa e iniciamos a atividade.

C.O: A J não tinha muito de novo para aprender, ela já conhecia estas coisas e tinha falado à pouco tempo na aula de educação física sobre a importância da alimentação e então fizemos um reforço. A parte da língua era desconhecida. Ela perceber a importância dos sabores e memorizou tudo muito bem à primeira.

Nota de Campo n.º 31 (NC31)

Data: 1 de Fevereiro de 2018

Horário: 11h-16h30

Título: O almoço das trabalhadoras

Cheguei à Instituição às 11h da manhã. Tinham-me ligado para ir porque as trabalhadoras iam ter um almoço de Natal (que não podiam ter feito mais cedo). Deste modo, fiquei na instituição com uma outra estagiária.

Por volta do meio dia elas saíram de casa. Ficamos as duas mais a L e a nova menina de um mês. A L não queria almoçar ao meio dia, então combinamos que ela iria almoçar connosco na mesa dos adultos. Enquanto estávamos à espera para almoçar, andamos a brincar com a L e com a menina nova. Entretanto tínhamos de dar o biberon à bebé. Preparamos o leite e eu sentei-me a dar-lhe o biberon. No fim dela beber o leite todo, sentamo-nos à mesa e começamos a almoçar. No fim do almoço fui deitar a L e mudei a fralda à bebé.

Quando as duas já estavam a dormir, eu e a outra estagiária ficamos a falar sobre as crianças e sobre a instituição em si. Lemos uns textos e por volta das três e meia eu fui buscar as crianças à escola.

Quando fui buscar a G e o D à escola, eles pediram-me para andar um pouco no escorrega. Eu deixei embora tivesse o tempo contado porque sabia que ia uma explicadora ajudar o D às quatro e meia. Andámos apenas um quarto de hora. Quando saímos do parque fomos para casa, preparei o lanche para os dois.

Às quatro e meia chegaram as trabalhadoras e nós as duas fomos embora.

Nota de Campo n.º 32 (NC32)

Data: 2 de Fevereiro de 2018

Horário: 8h-13h

Título: Consultas com L

Cheguei à Instituição às 8h da manhã. Fiz o pequeno almoço para as crianças e fiquei a supervisionar a postura delas, estavam todas muito corretas. Sentados a olhar para a televisão enquanto comiam.

Depois do pequeno-almoço, foi a parte de supervisionar a escovagem dos dentes.

Observei o M, a J, o I, a G, o D e o E. Todos fizeram a escovagem corretamente.

C.O: Observei que todos vão lavar os dentes depois da refeição, o problema é que se ninguém estiver a supervisionar, o tempo de escovagem é muito pouco e que a limpeza do lavatório não é feita.

No fim da escovagem, o I não queria limpar o lavatório. Dizia: - “Que nojo!”

- “Sim, mas tens de limpar o lavatório.”

- “Mas é nojento por ali a mão.”

- “Era nojento se tivesses de limpar a sujidade dos outros, como é a tua não devia de ser nojento e precisas de limpar I.”

- “Fogo, que nojo está bem!”

E começou a limpar o lavatório de olhos fechados.

Por volta das 9h fui acordar a L e o F. Apenas o F é que tomou o pequeno-almoço, e no fim, supervisionei a escovagem de F.

C.O: O F escova relativamente bem os dentes, faz com a força necessária e procura todos os pontos. Um aspeto engraçado, é que nunca se esquece de escovar a língua.

A L apenas escovou os dentes porque tinha de ir fazer análises e a consultas.

Por volta das 10h, sai de casa com a Dra. A e a L para irmos à consulta. Por volta do 12h15 saímos do hospital.

Nota de Campo n.º 33 (NC33)

Data: 6 de Fevereiro de 2018

Horário: 14h30-17h

Título: As emoções

Cheguei à Instituição às 14h30. Finalizei as atividades sobre as emoções. A atividade era dinâmica embora existisse uma última página que precisasse um pouco de estimular a nossa escrita.

Pedi ao M que viesse comigo para a sala de estudo e trouxesse os materiais que precisávamos, desde lápis de cor a lápis de escrever.

Sentamo-nos em frente à mesa e começamos por falar do que eram as emoções. Ele respondeu-me:

- “É quando estou a rir e a chorar!”
- “Boa M! Para além dessas, sabes que mais emoções pudemos sentir?”
- “Deixa-me pensar”

C.O: Andou pela sala de estudo com o lápis na mão como se fosse um pequeno homenzinho que pensava sobre uma nova proposta que lhe tinham dado para assinar naquele exato momento.

- “Quando faço xixi nas cuecas!”

Rimo-nos e perguntei-lhe:

- “Essa é boa. Como te sentes quando isso acontece?”
- “Não quero que ninguém saiba”
- “Então ficas com vergonha?”
- “Sim, porque depois ralham comigo. E muito!” – apontava o dedo.
- “Já pensaste porque é que as adultas ralham contigo?”
- “Porque sou crescido. Olha que eu já tenho cinco anos! Ai jasus!”

Demos início ao jogo.

Esta atividade foi feita em papel, por quatro momentos. Numa primeira fase existia uma folha onde se ligava as caras de bonecos às palavras das emoções que estavam escritas, existiam caras a rir, a chorar, pensativas. Na segunda fase, era uma sopa de letras para as crianças procurarem as palavras das emoções e a pintarem de cores diferentes. Na terceira fase existia uma frase que despertava uma emoção ex: “Quando estou a brincar fico...” e elas tinham de reagir desenhando dentro de um círculo como se sentiam após

ler a frase. Para completar, era pedido uma legenda do desenho com a respetiva emoção. Na quarta fase escrevia-se uma frase utilizando cada palavra das emoções, de modo a contextualizá-la.

C.O: Ele estava rendido às caras que tinha para ligar com as emoções. Olhava para mim e mordida o lábio a rir-se.

Na última parte do jogo, pediu-me que agarrasse na mão dele para escrever. E pensar nas emoções que ele teria em certos momentos foi um desafio.

Quando acabamos o jogo, veio a G. Falamos no que consistia a atividade e iniciamos. Pedia-me que olhasse para o lado enquanto ela ligava as emoções e enquanto desenhava as caras. No fim da atividade, na parte de escrever, pediu-me que escrevesse porque ainda não tinha aprendido algumas letras. Estava confusa sobre o que devia de sentir consoante a emoção, então falamos um pouco sobre vários momentos que podiam acontecer na vida dela e como é que ela se iria sentir.

No fim quando acabamos a atividade, pediu-me que fizesse outra com ela para pintar. E então pedi-lhe que desenhasse algo que a fizesse sentir feliz. Ela desenhou apenas o pai e ela, enquanto cantava. Perguntei-lhe o porquê do desenho ao qual ela me disse:

- “Eu gosto muito dele!”

Demos um abraço e fomos para a sala.

C.O: Percebi que com a realização desta atividade, existem várias emoções que vem à flor da pele para estas crianças. Por um lado, o M mostrou o quão se sentia desconfortável e envergonhado quando fazia xixi nas calças e por outro a G quis salientar a importância do pai na vida dela e que sente saudades dele.

Nota de Campo n.º 34 (NC34)

Data: 7 de Fevereiro de 2018

Horário: 14h30-19h

Título: Continuação das emoções

Cheguei à Instituição por volta das 14h30, fui imprimir o resto das atividades para as restantes crianças. Por volta das 15h15 fui buscar as crianças à escola. No caminho de casa, falei com o I e o D sobre a atividade das emoções que iríamos fazer. Perguntaram-me logo se tinha imagens para colorir, eu ri-me e expliquei que tínhamos algumas coisas para esse efeito.

Após o lanche, chamei o I para fazer a atividade porque por volta das 16h30 tinha a visita dos pais. Sentamo-nos no quarto das meninas e demos início à atividade.

Enquanto fazia as primeiras duas páginas ele dizia:

- “Que fácil!”

Por fim, quando chegamos à parte de criar as frases sobre as emoções que tínhamos esquematizadas, ele tinha várias ideias na cabeça dele para cada palavra, acabando por escrever as consideradas mais explícitas embora estivesse com um turbilhão de ideias na cabeça.

- “Eu tenho medo de cobras e de leões, mas acho-os bonitos! Às cobras não...”

Quando escrevemos o choro e dúvida, ele explicou que tinha várias coisas que o incomodavam. O choro de às vezes acordar e não ver os pais e as dúvidas que voltassem a estar todos juntos. De facto, ele falou sobre essas emoções que ele sentia, mas não quis escrever. Uma coisa era falar comigo sobre o que sentia, outra era escrever num papel as reais conclusões que ele tirou. Por fim, acabou por escrever que “chorava quando ralhavam com ele” e “tinha dúvidas a matemática”.

No final da atividade, pedi-lhe que chamasse o D para vir ter comigo. Mas antes, disse-me:

- “Eu não sei porque é que a G está feliz, a minha mãe não tem vindo visitar-nos e hoje vai acontecer o mesmo!” – cruzando os braços.

- “Mas porque é que achas isso? Sabes que a tua mãe pode ter estado a trabalhar ou doente. Tens de lhe perguntar porque é que não veio ver-vos e não julgares as razões dela. Já pensaste que pode mesmo ter acontecido alguma coisa?”

Ele encolheu os braços e fez cara de chateado.

- “A minha mãe às vezes não quer saber de nós!”
- “Oh I não digas essas coisas. Hoje fala com ela e percebe o que se passa.”
- “Vou tentar. Se não conseguir, podes perguntar-lhe?”
- “Posso!”

Sai porta fora e apareceu o D passado uns minutos.

- “Estou aqui! Estou aqui! O Leandro disse-me que era fácil.” – riu-se com cara atrevida.
- “Então senta-te aqui e vemos o que tu achas, pode ser?”
- “Sim!”

Quando começou a fazer a atividade ele parecia muito contente, por fim, quando foi para escrever as frases ele ficou a protestar. Quando percebeu que era apenas uma frase que ele podia fazer como quisesse, começou a escrever.

C.O: O D para escrever é sempre muito molengão. Diz que lhe dói as mãos, que não tem a letra bonita e que às vezes dá erros. Tento sempre mostrar-lhe que ele consegue fazer as coisas bonitas e que os erros são por falta de atenção, porque ele tira boas notas nos testes e quando faz os trabalhos de casa comigo no meio de vinte palavras só erra uma.

Por fim, após ter feito estas atividades pediram-me que acompanhasse a visita dos pais que estava a decorrer.

Por volta das 18h00 chegou o E e fizemos a atividade sobre as emoções. No decorrer da atividade era perceptível que ele tem dificuldades na escrita.

C.O: Através de conversas com as Educadoras entendeu-se que esta criança tem algumas dificuldades porque não consegue concentrar-se. Esta criança tem várias coisas na cabeça dele em relação à mãe, o que o torna uma criança menos recetiva tanto nas suas aprendizagens como nos seus relacionamentos.

Na parte de escrever sobre as emoções, era claro que para ele o choro vinha associado ao bater. E a dúvida ia de encontro ao medo de fracassar nas perguntas difíceis.

Explicou-me que não gosta de perguntas na generalidade, tem sempre receio de não compreender o que os outros dizem ou mesmo de não ser compreendido.

Por volta das 18h30 acompanhei o H no banho, com música relaxante e muita brincadeira.

Nota de Campo n.º 35 (NC35)

Data: 9 de Fevereiro de 2018

Horário: 8h15-14h30

Título: Carnaval

Cheguei à Instituição por volta das 8h15. Quando entrei no quarto dos meninos eles já estavam acordados, mas ainda deitados. Fizeram uma festa quando me viram, pus música de carnaval e comecei a ajudá-los a vestirem-se.

C.O: Era visível a felicidade daquelas crianças ao contarem-me qual era o fato que tinham escolhido para o carnaval.

Após os ter ajudado, alguns já tinham o pequeno-almoço preparado, outros tiveram de esperar um pouco. Fiquei ao lado deles enquanto comiam e corrigia a postura deles. Estava a ser um dia importante, alguns nunca se tinham mascarado com um fato personalizado.

Quando finalizamos o pequeno almoço fiquei ao lado das crianças para a escovagem dos dentes.

C.O: Estas crianças já conseguem ser autónomas a lavar os dentes. Existe apenas um pormenor que tem de ser melhorado, o tempo de escovagem. São muito apressados, passam em toda a boca e fazem os movimentos corretos, mas não têm muita paciência para ficar pelo menos um minuto a lavar os dentes.

Por volta das 9h levei as crianças à escola, tiramos fotografias no caminho com todos mascarados. Pediram-me que fosse ver o desfile deles, que se realizava as 11h.

Quando regresssei à Instituição, ajudei a fazer as camas e o Duarte a vestir-se para ir para a escola. Enquanto o desfile não iniciava, fui com a paloma ao parque.

Quando estava na hora de começar o desfile, fui para a avenida onde decorria o desfile e eram todos os agrupamentos de escolas e jardins-de-infância que estavam a desfilar.

C.O: Só conseguia reparar na cara de felizes daquelas crianças por se estarem a divertir com as suas espadas e pistolas de água.

Por volta da 13h o desfile finalizou e fomos para casa almoçar.

Nota de Campo n.º 36 (NC36)

Data: 12 de Fevereiro de 2018

Horário: 14h-18h

Título: O desentendimento

Cheguei à Instituição por volta das 14h e quis fazer as atividades das emoções com as crianças que ainda não tinha feito. Após ter concluído as atividades, as crianças pediram-me para ir à rua brincar no parque. E eu pedi à Diretora se os podia levar a brincar.

Chegamos a rua e uns quiseram ir para os baloiços e escorregas enquanto outros queriam jogar a bola. Estava dividida a olhar para uns e a olhar para outros. De repente começa uma pequena confusão com os meninos que jogavam a bola, entre (E e I).

C.O: Quando somos crianças e mesmo em adultos, não gostamos de perder. Ficamos sempre chateados se alguém nos ganha e nos provoca, e foi exatamente isso que estava a acontecer entre aquelas duas crianças. Uma queria ser melhor e a outra também.

- “Ele não me deu a bola. A bola foi fora por isso é minha.” – dizia E.

- “Não, ali não é fora! A bola é minha.” – dizia I.

- “Opá, ele não sabe brincar.” – dizia E.

Pedi que me dessem a bola e que tivessem calma e se resolvessem, se não íamos para casa e já não havia nenhum problema sobre de quem era a bola. Eles pediram desculpa um ao outro e retomaram o jogo. Passado cinco minutos, o I agarra na bola e manda um chute para a estrada, estava chateado porque a equipa adversária tinha marcado um golo. Fui buscar a bola e pedi que se sentasse dois minutos a pensar no que tinha feito. Com ar de autoritário dizia-me:

- “Não! Não! Não! Não me vou sentar!”

- “Tudo bem, mas durante dois minutos também não vais jogar.” – respondi-lhe.

- “Fogo, estou farto disto!”

Quando virei costas ele começou a jogar à bola. Ignorei e deixei-o estar na expectativa que tivesse percebido a mensagem. Até que faz um carrinho no E e ele aleija-se.

Fui ter com eles e disse:

- “Vamos todos para casa. Quando os amigos não nos respeitam e se portam mal é isto que acontece.”

Todos reprovaram, mas obedeceram e vestiram os casacos. Quando fui levar o casaco ao I ele começa a fugir andando sempre à minha frente. Fui atrás dele e disse:

- “Veste o casaco se faz favor.”

- “Não!” – respondeu-me o I.

- “Já reparaste que todos os outros meninos não se portaram mal e estão a vestir o casaco prontos para ir para casa?”

- “Tu não mandas em mim. Ninguém manda em mim.”

- “Desculpa? Foi da minha responsabilidade trazer-vos à rua, foi comigo que vieram e é comigo que voltam para casa, entendido?”

Quando disse esta frase a I veio ter comigo e disse:

- “Aposto que ele vai fugir, ele da última vez com outra adulta fez isto!”

Mal ela acaba a frase ele começa a correr. Ela começa a correr atrás dele e ele corria mais rápido. Até que veio ter ao meu encontro por engano e agarrei-o pelo braço e disse:

- “Por amor de Deus, estou muito triste contigo. És dos mais velhos e és o que te estás a portar assim? Nunca pensei.”

C.O: De facto, nunca pensei que esta criança tivesse este tipo de comportamento.

Sempre que o observo e estou com ele, ele é carinhoso e amigo. Não estava a conseguir perceber o que se estava a passar na cabeça dele, embora tivesse tentado. Os pais dele andavam a falhar nas visitas, não mostravam muito interesse por ele quando o visitavam, porque para além dele os pais iam ver também os outros irmãos. Se calhar podia ser ciúmes ou podia estar triste. O exercício que fazia na minha cabeça para poder entender o que se passava na dele, não estava a fazer resultado.

Agarrei-o no braço e disse:

- “Vamos para casa!”

- “Não vou. Não vou.” – Repetia vezes sem conta e mandava-se ao chão.

Pedi à I, que era a mais velha e o parque era mesmo ao lado de casa, que fosse chamar alguém porque ele fazia muita força e dava-me pontapés. Deixei que ele me desse pontapés nas canelas, enquanto ele gritava:

- “Não, não, não!”

Pedi-lhe que viesse para casa, perguntei-lhe o que se passava com ele, tentei abraçá-lo, mas ele só conseguia dizer “não”.

C.O: Não conseguia perceber o que se estava a passar, não conseguia perceber o motivo pelo qual esperneava e gritava no meio da rua. Ninguém lhe tinha feito mal, ninguém tinha sido mau para ele.

Quando chegou uma monitora, pedi-lhe que falasse com ele e que o tentasse levar para casa. Ao entrar em casa, tive de reportar à Diretora o que tinha acontecido. Ela pareceu chocada, mas não muito. Disse-me que há duas semanas sempre que ele ia à rua isto andava a acontecer e que tinha de falar com ele porque estava tão indignada como eu.

Nota de Campo n.º 37 (NC37)

Data: 15 de Fevereiro de 2018

Horário: 13h-18h30

Título: As escolhas

Cheguei à Instituição por volta das 13h, foi-me pedido que fosse a uma consulta de otorrino com D e a Dra. A.

Por volta das 15h, regressamos à Instituição e eu fui acordar a L porque tinha visita dos pais juntamente com o resto dos irmãos. Enquanto a visita decorria estive no quarto dos meninos a ensinar o D a apertar os atacadores.

Comecei por exemplificar como se apertavam os atacadores, explicando-lhe que inicialmente se juntavam e depois que devíamos de fazer as duas orelhas para elas se entrelaçarem e conseguirmos atar bem os sapatos.

Inicialmente ele esquecia-se de dar o primeiro passo entrelaçando-os e assim cometia erros. Expliquei-lhe que sem aquele primeiro passo as coisas para a frente não corriam bem, ao qual me respondeu:

- “Mas porquê? É mais rápido assim.”

- “De facto pode ser mais rápido, mas vais ter muito mais trabalho porque os vais ter de apertar durante várias vezes ao dia. E quando estiveres a jogar à bola vais cair muitas vezes.”

- “Mas... porquê que tem de se fazer isso?” – insistia.

- “Olha, é o mesmo que acontece na nossa vida. Se não dermos o primeiro passo corretamente vamos ter de voltar atrás, se for possível, e recomeçar para não acontecer nenhum erro. Com os sapatos acontece o mesmo, se não fizermos tudo corretamente vai dar asneira, e não é isso que estamos a aprender, pois não?”

- “Tens razão! E se não der para voltar atrás?”

- “Se não der, aprendemos e numa próxima vez vamos estar mais atentos e lembrar-nos da vez em que falhamos e tentamos fazer as coisas bem.”

- “Então como faço?”

- “Primeiro vamos ter de os unir, eles têm de dar uma espécie de um beijinho.”

Começou-se a rir e a pôr a mão na cabeça.

Após várias tentativas, aquele primeiro passo tinha sido bem concluído. Ele olhava para mim com um sorriso vitorioso.

- “Podemos aprender agora a outra parte? É mais fácil, não é?”

- “Mais ou menos. Mas eu acho que vais conseguir fazer as coisas bem. Estás muito atento” – respondi-lhe.

Quando começamos a fazer a segunda parte, já não lhe pareceu tão fácil como a primeira, mas ele já sabia a lógica. Sabia que tinha de dar a volta um no outro e sabia que tinha de repetir o processo uma segunda vez para que ficasse bem apertado. Após meia hora de estarmos a repetir e repetir o processo ele pediu-me para fazer um teste.

- “Podemos fazer um teste como na escola?”

- “Podemos!”

- “Eu vou fazer sozinho e tu vais-me dizer se estou a fazer bem. Tenho três tentativas pode ser?”

- “Claro que sim.”

A primeira tentativa correu bem, mas esqueceu-se de dar dois nós. Pediu-me que aquela não contasse, começamos a rir e disse-lhe:

- “Vá a primeira foi uma experiência, ainda tens mais duas. Tenho a certeza que vais conseguir fazer bem na segunda vez.”

E conseguiu.

C.O: Via-se na cara dele um sorriso vitorioso de quem não tinha desistido à primeira, nem à segunda.

Saiu do quarto, foi na direção da cozinha explicar à Dra. A que tinha finalmente aprendido. Sentou-se no chão e pediu-lhe que visse o que ele estava a fazer.

Começamos as duas a elogiá-lo, expliquei à Dra. A que tinha aprendido a apertar os sapatos no espaço de uma hora.

Voltamos ao quarto e perguntei-lhe se gostava de ir escolher a roupa para o dia a seguir. Acenou com a cabeça que sim. Expliquei que para fazermos esta atividade, tínhamos de ir ao computador do escritório para vermos qual seria o tempo que estava no dia a seguir.

Quando começamos a ver, ia chover e estava frio. Perguntei-lhe o que ele achava que 12º grau significava, e ele respondeu que era muito, muito, muito frio. Fomos ao corredor, pois estão situados lá os armários e o D começou a escolher a sua roupa.

Agarrou numas calças de ganga mais uma camisola interior e numa sweat.

- “Não vou ter frio” – disse-me.

Por volta das 17h30 chegou o F, era dia de tomar banho e pedi às auxiliares para lhe dar banho. Elas disseram-me que sim e disseram-me que se precisasse de alguma ajuda para as chamar.

Fomos os dois para o quarto, despimos a roupa, pu-lo na banheira e pedi-lhe que me ajudasse no banho porque sabia que ele gostava de ser autónomo neste processo. No decorrer do banho pusemos música, dizia qual a parte do corpo que ele devia de lavar e ficava a observá-lo. Ele dizia-me qual era o gel de duche dele, pois ele tem os seus próprios produtos que a mãe lhe traz e gosta de os usar.

Durante o processo do banho eu dizia barriguinha, nariz, orelhas, pés e ele lavava tudo com muito cuidado e demorado.

Após o banho, ele diz-me:

- “Creme!”

E pedi-lhe ajuda para ele retirar o creme, ele carregava no creme e deixava escorrer para a minha mão.

Após o banho, vesti-o e fomos para a sala ver desenhos animados. Por volta das 18h30 fui embora da Instituição.

Nota de Campo n.º 38 (NC38)

Data: 20 de Fevereiro de 2018

Horário: 14h-19h30

Título: As crianças novas e atividades

Cheguei à Instituição por volta das 14h. Tinham acabado de chegar duas crianças, dois irmãos, uma menina e um menino. Tentei falar com as crianças, mas elas estavam muito assustadas com o que se estava a passar.

Por volta das 14h30 pedi ao M que fosse fazer duas atividades comigo. Ele ficou todo contente e foi logo a correr para o quarto para ficarmos ali sossegados no cantinho que ele tanto gostava. Expliquei-lhe no que consistia a atividade, era uma atividade que tinha como título empatia. E ele perguntou-me:

- “O que é isso?”

- “Empatia?” – respondi-lhe.

“Sim!” – metendo a mão no queixo.

- “Vamos ver agora quando estivermos a fazer esta atividade e no final tu explicas-me o que achas que esta palavra significa, pode ser?”

Comecei a ler o texto que estava na atividade:

“Imagina que estás na escola a brincar com os teus colegas a um novo jogo que inventaram. De repente, aproxima-se um rapaz e pede para brincar com vocês. Um dos teus colegas responde: -“Não. Tu não sabes brincar a este jogo por isso ficas de fora!””

Pedi-me que repetisse, li-lhe novamente e pedi-lhe que me respondesse a três perguntas:

1. “Achas que este rapaz se sentiu triste e mal? Porquê?”

2. “Se fizesse isto contigo, como te sentias?”

3. “O que podias ter feito para arranjar uma solução para esta situação?”

Às quais ele me respondeu.

1. “Sim, porque os amigos não o deixaram brincar.”

2. “Ia ficar triste porque queria brincar e não me deixavam.”

3. “Olha brincava com ele, ne?”

Quando acabou a atividade perguntei-lhe se ele já sabia o que significava empatia.

- “É ficar triste com o menino porque não nos deixaram brincar.”

-“Tu ficavas triste por ele?” – perguntei-lhe surpreendida com a sua resposta.

- “Sim, se gostasse muito dele.”
- “Arranjavas uma brincadeira com ele para ele não ficar triste?”
- “Claro!”
- “Eu também ficava triste se visse uma coisa dessas.” – disse-lhe.
- “E arranjavas também uma brincadeira só com ele?”
- “Claro! Não podemos deixar os nossos amigos sozinhos.”

Após terminada a atividade, convidei a criança a fazer uma outra atividade que consistia em dizer uma regra que ele achasse importante para quando estamos sentados à mesa, de modo a afixar as regras no quadro de cortiça ao pé da mesa de jantar.

- “Não podemos fazer estragos!” – foi a sua resposta.

C.O.: Um facto engraçado desta atividade das regras à mesa é que as crianças têm a noção das coisas que fazem. Por exemplo, quando comecei a fazer esta atividade com as crianças reparei que as regras que eles impunham, eram as regras que eles desrespeitavam e eram chamados à atenção. No caso do M, ele estava sempre a brincar, a entornar iogurtes em cima da mesa das outras crianças, a tirar as bolachas e a mandar para o chão e a sua resposta foi de encontro aos seus impulsos.

Por volta das 16h pediu-me que fosse com ele à rua brincar, vesti-lhe o casaco e fomos ao parque que ele queria. Mas depressa se fartou de brincar e quis regressar a casa.

Quando regressamos pedi a G, D, E, J e I que fizessem comigo a atividade da empatia e das regras à mesa.

Individualmente fizemos as atividades.0

Às perguntas a G respondeu-me:

1. “Triste porque o menino não o deixou e é mau.”
2. “Sentia-me mal porque foram mal-educados para mim.”
3. “Saia de pé deles e ia brincar com a amiga nova para ficar bem.”

O I respondeu:

1. “O rapaz se sentiu mal porque não lhe deixaram jogar.”
2. “Se fizerem isto comigo eu sentia-me mal porque não tinha ninguém para brincar.”
3. “Eu podia ensiná-lo a jogar quando é preciso.”

O D respondeu:

1. “O rapaz sentiu-se triste porque não o deixaram jogar.”
2. “Eu ia sentir-me triste porque me tinham excluído.”
3. “Eu dizia vou dizer à professora e ensina ele a jogar”

A J respondeu:

1. “Ele sentiu-se mal porque não pôde brincar com os amigos.”
2. “Triste, e quando eu fizesse alguma coisa eles não faziam.”
3. “Saia de perto dos meus colegas e inventava um jogo com ele.”

O E respondeu:

1. “Sentiu triste porque o menino não o deixa brincar.”
2. “Sentia-me triste porque não sabia jogar e porque não me deixaram.”
3. “Deixa se me podia brincar.”

Após estas atividades respondidas pelas crianças pedi-lhes que fizessem uma regra para a mesa.

A J respondeu: “Não levantar da mesa sem as adultas dizerem.”

O D respondeu: “Não podemos sentar com as pernas debaixo do rabisoque.”

O I respondeu: “Não devemos mandar comida aos amigos.”

A G respondeu: “Não podemos brincar e fazer jogos.”

O E respondeu: “Não podemos comer de boca aberta.”

Após as atividades realizadas por voltas das 19h30 sai da Instituição.

Nota de Campo n.º 38 (NC38)

Data: 26 de Fevereiro de 2018

Horário: 13h-18h

Título: A empatia

Cheguei à Instituição por volta das 13h, almocei com as colaboradoras visto ser a última atividade que iria fazer com as crianças na Instituição.

Durante o almoço falamos sobre a atividade que iria decorrer e quais seriam as melhores crianças para desempenhar os papéis e quais as técnicas que iriam participar na mesma. Por volta das 15h30 fui buscar as crianças à escola e ajudei na realização dos trabalhos de casa. Após a realização dos trabalhos de casa e de todas as crianças terem regressado a casa, pedi-lhes que se sentassem no sofá para falarmos da atividade que iríamos fazer. A atividade consistia num jogo chamado “Inversão de papéis” expliquei-lhes que iríamos fazer uma brincadeira onde algumas crianças faziam de adultos e outras crianças continuavam a fazer de crianças. Mas, que podíamos fazer as vezes que quiséssemos porque todos tinham o direito de ser adulto nesta brincadeira. Disse-lhes que as adultas iriam desempenhar o papel de crianças para lhes dificultar a tarefa. Inicialmente exaltaram-se para fazerem de adultos, mas após o primeiro grupo ter feito, estas deixaram de querer ter esta tarefa difícil.

Durante a atividade existia muito barulho, muita desorganização e muita correria pela casa. Os que faziam de adultos punham as mãos na cabeça e diziam “Vai-te ser a ler um livro”, “Não há brinquedos à mesa”, “Viradas para a parede”, “Sem pés na cadeira”, “Senta-te aqui quieto”, “Parou”, metiam as tanto as crianças como os adultos de castigo e estes saíam do castigo e voltavam a correr pela casa e a reclamar porque queriam comer bolachas, porque queria dois iogurtes, porque um tinha batido no outro.

C.O: Resumindo, o cenário estava caótico, era gritos, brinquedos espalhados pela sala e muito mau comportamento.

Quando a atividade acabou, pedi que todos se sentassem na sala para falarmos sobre o que tinham achado de ser adultos. As respostas foram: “Não quero ser adulto”; “Ser adulto é chato e dá trabalho”, “Senti-me mal”, “Havia tanto barulho que não sabia o que fazer”, “Doí-me a cabeça”, “Acho que vou ficar rouca”.

Por fim, pedi-lhes que me explicassem o que tinham aprendido com esta atividade, às quais me responderam: “Ajudar as adultas para nos portarmos bem”, “Não fazer

queixinhas dos outros”, “Não sentar mal à mesa”, “Quando as adultas mandam nós temos de fazer”, “Ter atenção à mesa”, “Respeitar todos”.

Nota de Campo n.º 39 (NC39)

Data: 28 de Fevereiro de 2018

Horário: 14h-19h30

Título: A viagem de Arlo

Cheguei à Instituição por volta das 14h. As crianças estavam todas em casa, brincamos um pouco aos cozinheiros. Enquanto brincávamos, assisti a algumas mudanças nos comportamentos que me fizeram muito satisfeita. O M brincava com todas as crianças e esperava pela sua vez.

C.O: Notou-se que esta criança estava a começar a criar laços com os outros meninos. Já não estava desconfiado. Senti-o recetivo aos outros meninos. Observava-o a pedir com licença e a agradecer.

Passado um pouco, chamei o M e pedi-lhe que se sentasse ao pé de mim. E disse-lhe:

- “Bem, estou feliz por ti!”

- “Sabias que eu já não bato nos meninos?” – respondeu-me com um sorriso de orelha a orelha.

- “Estava ali sentada a ver-te e reparei que estavas a dar-te melhor com as crianças, o que aconteceu?”

- “Estes meninos não são tão maus como pensei.”

- “Pensavas que estes meninos iam ser iguais aos meninos do teu outro CAT?”

- “Sim, mas estes não me pedem para mandar facas” – e abriu a boca espantado.

- “Sabes, às vezes existem meninos que têm dias bons e dias maus. Temos de saber quando eles estão a ter esses dias.”

- “Como é que eu sei?”

- “Deixa-me pensar... As vezes quando acordas estas mal disposto e não queres falar com ninguém não é?”

“Sim, jesus isso sim” – respondeu.

- “E às vezes isso acontece com os meninos também.”

- “Como faço quando eles se sentem assim?”

- “Podes dar um abraço ou então deixar estar o menino.” – respondi-lhe.

- “E se eles não quiserem o meu abraço?”

- “Dás a outra pessoa que precise!”

C.O: Ao longo do tempo que estive na Instituição consigo perceber que o M está a adaptar-se e está cada vez mais feliz. Compreendo que esta criança passou por momentos complicados que o marcaram e que o fizeram agir de forma menos correta com os outros. Mas hoje, ao olhar para ele apercebi-me que esta criança precisa de atenção, carinho e paciência. Já consegue ouvir o que os meninos têm para lhe dizer sem lhes bater e consegue ouvir o que as adultas lhe dizem sem responder mal, claro que existe uma ou outra circunstância em que se esquece de como deve de fazer as coisas, mas com o tempo ele irá aprender e melhorar neste sentido.

Após a conversa e algumas brincadeiras pedi à G e ao I que viessem comigo ao supermercado para irmos buscar uma surpresa.

Quando chegamos ao supermercado escolhemos gomas e pipocas porque hoje era dia de ver um filme.

Quando regressamos, fiz as ligações necessárias para podermos ver o filme, pedi que fechassem os estores e sentamo-nos nos sofás para iniciarmos a nossa sessão de filmes, pipocas e gomas.

O filme que íamos ver chamava-se “A viagem de Arlo”, falava sobre um dinossauro que era diferente dos irmãos, pois era medroso e pequenino em relação à sua família. O facto de ser medroso, deixava este dinossauro inseguro e com problemas de autoestima. Num certo dia perdeu-se da família e o seu pai faleceu. Conheceu um humano muito pequeno e julgava-o pela morte do pai. Durante a sua viagem de regresso a casa, fez amizade com ele e com outros animais, onde passou por várias aventuras que o enriqueceram vários níveis. Quando regressou a casa ele já não se sentia inferior, sentia que era capaz de fazer todas as coisas e estava muito feliz por ter regressado à família e os irmãos, que gozavam com ele por ele ser pequeno e não ter força, arranjam soluções para ele trabalhar fazendo instrumentos que o ajudavam a carregar alimento para o Inverno.

Quando o filme acabou, pedi às crianças que me falassem do que tinham achado do filme.

- “Temos de respeitar os pais.”
- “Não há mal em ser diferente o que interessa é viver!”
- “Gostar de todos os que são diferentes.”
- “Ajudar os amigos.”
- “Proteger os amigos.”

- “Ouvir os mais velhos.”
- “Respeitar toda a gente.”
- “Ser bonzinho e não ficar triste por ser diferente.”
- “Os amigos é o melhor que temos.”

Após as reflexões, fui ter com o H e perguntei-lhe se queria que lhe desse banho. Ele acenou com a cabeça que sim e fomos para o quarto despir a roupa e começamos a tomar banho.

Durante o banho, pusemos uma música com passarinhos a dar, ele gosta muito de passarinhos e fica muito atento ao barulho que eles fazem. Olhava para as imagens que estavam coladas na parede para perceber as partes do corpo que tinha de lavar, olhava para mim e dizia:

- “Assim?”
- “Muito bem H, o que nos falta lavar?”
- “Pés!” – respondeu-me.

Depois do banho tomado pediu-me se podia ficar ali com ele porque queria estar com água e brincar com o pato e ficamos ali um bocadinho, quando o banho estava tomado pus-lhe a fralda e vesti-lhe o pijama.

Por volta das 19h30 sai da Instituição.

Nota de Campo n.º 40 (NC40)

Data: 5 de Março de 2018

Horário: 15h-18h

Título: Os atacadores

Cheguei à Instituição por volta das 15h. Tinha como objetivos fazer a atividade de atar os sapatos com alguns meninos que precisavam de ser mais um pouco reforçados nesta dinâmica. As 15h30 fui buscar as crianças à escola e preparei-lhes o lanche.

Enquanto lhes preparava o lanche começou uma discussão gigante entre duas crianças por causa de querer comer os dois a mesma coisa e não haver o suficiente para os dois.

- “O que se passa aqui?” – perguntei-lhes.

- “Eu quero comer pão com chocolate e não há para os dois.”

- “Então fazemos fazer assim, ninguém come pão com chocolate e não existe mais o problema.”

- “Eu tinha pedido primeiro” – disse G.

“ O primeiro fui eu!” – respondeu E.

- “Como não sei quem pediu primeiro e não há para os dois, ninguém come pão com chocolate!” – respondi.

- “É injusto, ela come sempre o que quer e eu não.”

- “Para não haver injustiças ninguém come.”

Quando estava a ir fazer o lanche para eles, ouvi:

- “Fogo, as adultas são injustas! Eu pedi primeiro e tu tinhas de te calar e não falar que querias. Agora não como por tua culpa. Da próxima não digo a ninguém.”

Voltei para trás e disse:

- “Ninguém foi injusto contigo. Se não há para os dois não podemos fazer uma birra, não podemos culpar os amigos. Amanhã podes comer o pão com chocolate e ela também pode comer. Achas bem tu comeres e ela ficar a olhar para ti?”

- “Sim!” – respondeu-me!

- “Achas? Então olha vou pedir para amanhã não te darem pão com chocolate.”

Começou a chorar e a espernear.

- “Já não gosto de ti!”

- “Não tem mal, eu gosto pelos dois. E espero que pares de chorar e fazer uma birra não és nenhum bebé e já percebes as coisas muito bem. Além disso o pão com chocolate faz-te mal, és um atleta e o chocolate faz mal aos atletas.”

Voltou a espernear, mas não quis saber. Sabia que era uma birra de atenção, mais do que querer comer pão com chocolate.

C.O: O E às vezes é um pouco injusto, gosta de ser o centro das atenções e faz muitas asneiras para que possa ser notado. Esta discussão que teve, pelo que conheço dele, não era pela questão de querer comer o pão com chocolate, mas porque queria atenção porque regressou mais cedo da escola e queria ser notado.

Após o lanche, pedi-lhe que viesse comigo ao quarto para ver se ele ainda se lembrava de como devia apertar os sapatos.

- “Olha queres ver? Já sei e faço dois nós.”

- “Então ensina-me.”

Sentou-se no chão e começou a apertar os sapatos.

- “Primeiro tens de juntar estas a ver? Depois tens de fazer dois laços e juntar. Assim mesmo. E depois dás outro nó para quando estiveres na rua não estares sempre a ter de apertar os sapatos. Aprendeste?”

Começamo-nos a rir.

Quando acabamos de apertar os sapatos pedi-lhe que chamasse o D para fazermos a mesma atividade.

C.O: Reparei que as crianças já conseguem ser capazes de apertar os sapatos. Mostram interesse em mostrar que sabem fazer bem e quando erram pedem para voltar a fazer porque sabem que são capazes. Reparei ainda que procuram sempre dar o segundo nó para que ao longo do dia não tenham de estar sempre a apertar os respetivos. Para além disso, fazem as coisas com calma e atenção. Inicialmente eram muito rápidos porque queriam mostrar que sabiam fazer e acabavam por não conseguir, mas quando ganharam prática e confiança começaram a ser mais perspicazes.

Quando acabamos a atividade brinquei um pouco com as crianças e por volta das 18h sai da Instituição.

Nota de Campo n.º 41 (NC41)

Data: 5 de Março de 2018

Horário: 13h-19h

Título: O último dia

Cheguei à Instituição por volta das 13h. Almocei com todas as colaboradoras e perguntaram-me como tinha corrido o meu estágio durante o tempo que lá estive, se me tinha sentido bem, se tinha tido ajuda e se tinha conseguido ter resultados positivos sobre todas as atividades feitas com as crianças.

Agradei-lhes pela oportunidade de estar naquela Instituição e pediram-me que as visitasse de vez em quando que seria sempre muito bom para elas estar em contacto comigo. Falaram-me ainda de a possibilidade de trabalhar com elas durante a altura do Verão.

Por volta das 15h vim para Lisboa com a Dra. A para ir a consultas de otorrino com duas crianças.

Quando chegamos às consultas entramos os quatro e os meninos portaram-se muito bem.

Por volta das 18h regressamos à Instituição e tinha as crianças todas em casa. Pedi-lhes que se sentassem no sofá e disse:

- “Meninos, obrigada por me terem deixado fazer coisas muito divertidas com vocês.

Gostei muito. Vou ter saudades vossas e venho visitar-vos sempre que possível.”

- “Podes vir buscar-me um dia para dormir na tua casa?” – respondeu I.

- “Posso sim!”

Começaram as outras crianças,

- “Eu também quero!”

- “Eu venho buscar-vos para irmos fazer coisas divertidas e sempre que quiserem podem ligar para mim, deixo o meu número no quadro de cortiça e pedem às adultas se me podem ligar, combinado?”

- “Sim!” – gritaram.

- “Quando voltas?” – perguntou-me o D.

- “Quando menos esperarem faço uma surpresa!”

Quando estava a sair da Instituição e depois de todos os agradecimentos, a J veio ter comigo e sussurrou-me ao ouvido:

- “És a minha melhor amiga, não te esqueças de mim.”

Dei-lhe um abraço gigante e sai da Instituição com o coração nas mãos por ter encerrado um capítulo e despedir-me de crianças que me ensinaram muitas coisas.